

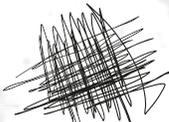
Literatura & outras artes em Evidência



Cimara Valim de Melo



**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio Grande
do Sul

Literatura
& outras artes 
em Evidência



Cimara Valim de Melo

Literatura & outras artes em Evidência

 Cimara Valim de Melo

1ª edição
Bento Gonçalves
IFRS
2022


**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio Grande
do Sul



1ª Edição - Copyright © 2022 da autora.

O conteúdo desta obra é de inteira e exclusiva
responsabilidade da autora.

Este livro pode ser reproduzido, no todo ou
em parte, desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M528l Melo, Cimara Valim de
Literatura & outras artes em evidência / Cimara Valim de Melo. --
1.ed. – Bento Gonçalves, RS : IFRS, 2022.
273 p.

ISBN 978-65-5950-122-9

1. Literatura brasileira. 2. Artes. I. Título.

CDU(online): 82:7

Catálogo na publicação: Aline Terra Silveira – CRB 10/1933

ARTE-FINAL E DIAGRAMAÇÃO:

ARKLOM
IMAGINAR É DESPERTAR IDEIAS

Novo Hamburgo - RS - E-mail: imagine@arklom.com
www.arklom.com.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

CONSELHO EDITORIAL DO IFRS

Gregório Durlo Grisa

Aline Terra Silveira

Cimara Valim de Mello

Deloize Lorenzet

Greice da Silva Lorenzetti Andreis

Luciano Manfroi

Maísa Helena Brum

Maria Cristina Caminha de Castilhos França

Marília Bonzanini Bossle

Sílvia Schiedeck

Marcus André Kurtz Almança

Daniela Sanfelice

Maurício Polidoro

Paulo Roberto Janissek

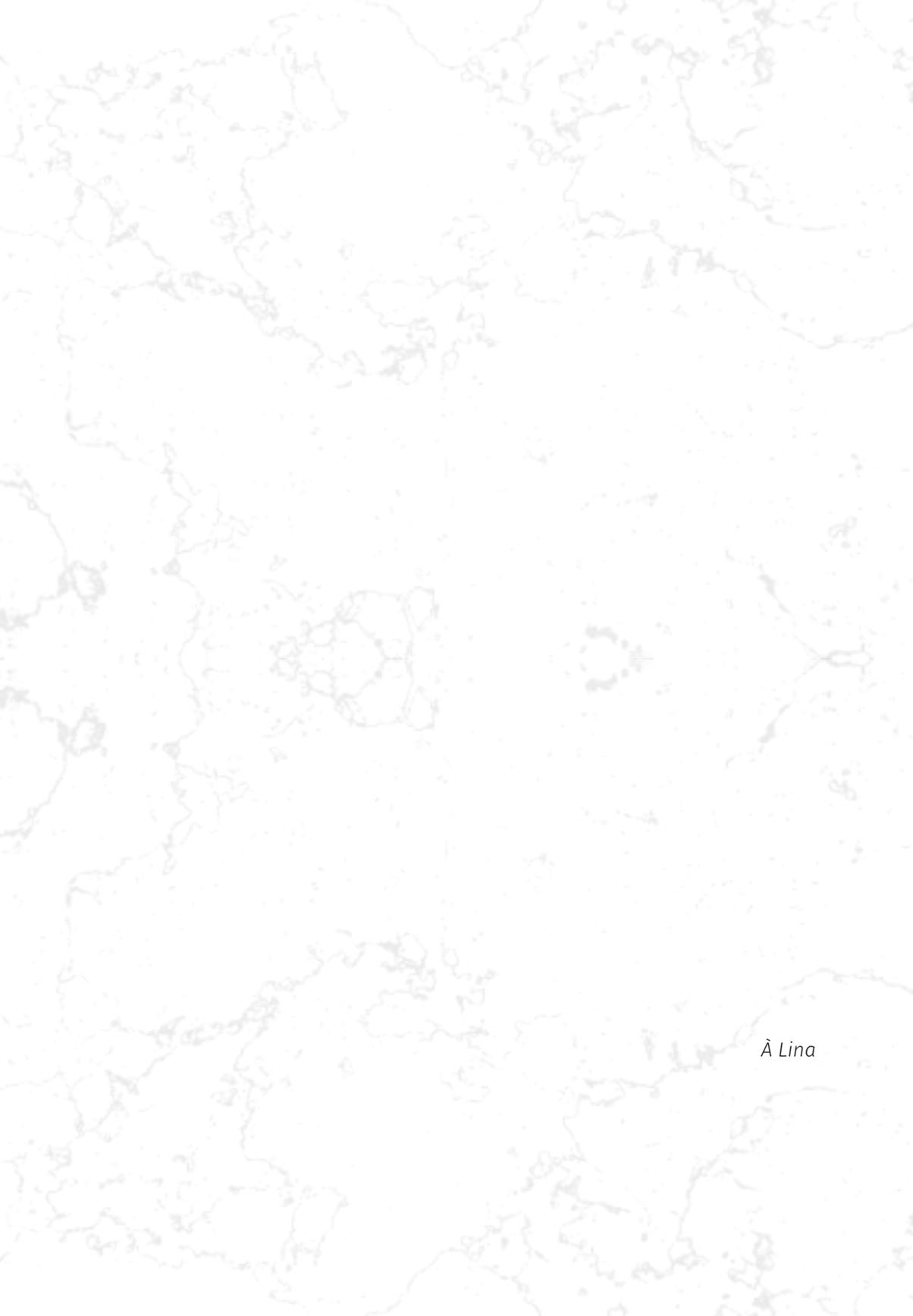
Carine Bueira Loureiro

Marina Wöhlke Cyrillo

Daiane Romanzini

Viviane Diehl

João Vítor Gobis Verges



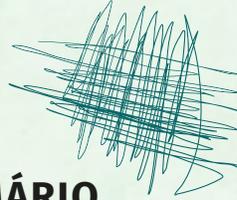
À Lina

Devo confessar preliminarmente que eu não sei o que é o Belo e nem sei o que é a Arte. Através de todos os filósofos que percorri, num primeiro e talvez fâtuó anseio de saber, jamais um conceito deixou de se quebrar diante de novas experiências.

Mário de Andrade, *O baile das quatro artes*



Sumário



SUMÁRIO

Apresentação	17
Ler para sentir: a importância da leitura ao imaginário infantil	23
Erico Verissimo: um escritor de dois tempos	29
Desvendando as pinceladas de Iberê Camargo	37
Caio Fernando Abreu: descoberta, paixão e desencanto pela literatura	44
Mario Quintana: mago das palavras	51
O fantástico mundo de Caio Riter	59
A impureza literária de Cíntia Moscovich	67
Por uma estética de Vitor Ramil	75
Luis Fernando Verissimo: talento inigualável do jazz à literatura	83
Despertar da História em Alcy Cheuiche	91
O Brasil na aquarela de Tarsila do Amaral	99

Um mito chamado Elis	105
Sob os acordes de Tom Jobim	111
O mundo na órbita de Chico Buarque	119
O enigma do olhar através da arte de Candido Portinari	127
O ritmo desestruturante de Clarice Lispector	135
Cecília Meireles: a arte imersa na transitoriedade da vida	143
A multipoesia de Ferreira Gullar	149
Os cantares de Caetano	157
Nelson Rodrigues: entre atos e hiatos	165
Reinações e invenções de Lobato	171
A outra face da história em Moacyr Scliar	179
O malabarismo musical de Adriana Calcanhotto	187
Juremir Machado da Silva: todas as faces entre literatura e História	195

Milton Hatoum e a literatura entre oriente e ocidente	201
A aquarela musical de Toquinho	209
Hilda Hilst: uma vida feita de versos	215
Millôr Fernandes e o avesso da escrita	223
Pelo lado gauche da história: uma breve leitura sobre as tradições gaúchas à luz de Guilhermino César	231
Romance e cidade pelo mapa de Bernardo Carvalho	239
Pelos descaminhos literários de Lya Luft	245
Memória sem fronteiras pela narrativa de Michel Laub	251
Cyro Martins e o redimensionamento do ser e do fazer gaúcho	257
Adriana Lisboa e o espaço-no-mundo do romance contemporâneo	263
Daniel Galera: travessias literárias em texto e imagem	269
Ana Paula Maia e a literatura em meio digital	275

Apresentação



Quem queima livros sabe o que está fazendo. O artista é a força incontrollável: depois de Van Gogh, nenhum olhar ocidental pode contemplar um cipreste sem notar nele o princípio de uma chama. Assim ocorre, em grau extremo, com a literatura.

George Steiner



APRESENTAÇÃO

Os textos que compõem este livro foram produzidos, ao longo de quase vinte anos, de forma independente e voluntária, mas com um objetivo comum: servir como ponte entre obras e leitores de todos os tipos, de modo a contribuir à formação integral de estudantes e, com isso, agir como caminho em prol do letramento. Dada a sua intencionalidade, eles se afastam de uma proposta acadêmica, constituindo-se como pequenos ensaios, nos quais a informação é compartilhada de modo entrelaçado à crítica; são assim, textos despreziosos, para começo de conversa, que trazem alguns aspectos significativos da vida e da obra de artistas brasileiros da contemporaneidade – e, já me antecipo, a arte é aqui pensada em seu sentido amplo, como força de resistência e transformação abarcada pela linguagem, pela qual conseguimos nos (re)conhecer identitariamente, perceber as nossas vulnerabilidades, sair da cegueira e do silêncio (STEINER, 1988, p. 28-29).

Publicados de forma esparsa a partir de 2005, fruto de um trabalho voluntário realizado em parceria com a *Revista Evidência*¹, quase uma centena de textos passaram pela seção “Arte é...”, com recepção local. Deles, o presente livro traz, de forma inédita, uma seleção centrada na produção brasileira, a qual inclui, de modo especial, representantes da literatura, mas também da canção, das artes visuais e do cinema. A compilação, realizada justamente no ano do centenário da Semana de Arte Moderna e do Bicentenário da Independência, provoca-nos a refletir sobre o legado artístico-cultural brasileiro na contemporaneidade, revisitando artistas que contemplam diferentes linguagens, mas que, enquanto ponto em comum, questionam, provocam, instigando-nos, como diz Vitor Ramil (2008, p. 103), a aprender a ver, em um processo permanente de seleção e deglutição, assimilação e crítica, como quis o movimento antropo-

1 Revista de variedades, com circulação local e periodicidade mensal, publicada de 1985 a 2021 em Gravataí/RS.

fágico da primeira metade do século XX e, posteriormente, o movimento tropicalista, cuja visão de mundo se estendeu para além do eurocentrismo, englobando processos de desconstrução e renovação. As produções artísticas de nosso tempo, dessa forma, promovem o exercício da reflexão e a percepção da complexidade subjacente ao humano e ao mundo, a exemplo do que Antonio Candido (2004, p.175) observou pelo viés literário: “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente com os problemas.”

É importante, nesse sentido, ressaltar a perspectiva de arte na qual os textos estão assentados. Ela passa pela noção trazida por Walter Benjamin (1994) acerca da obra de arte, que inclui sua variedade, sua existência única em contraste com a reprodutibilidade técnica, sua estrutura física e o lugar em que se encontra. Como forma de percepção e de representação do individual e da coletividade humana, a arte, em face das transformações contemporâneas, acaba por perder o que Benjamin (1994, p.171) chama de aura, ou seja, a sua unicidade. Como representantes das diferentes formas de arte, Benjamin menciona, entre outras, o desenho, a pintura, a música, a literatura, a arte dramática, além da fotografia e do cinema – todas sujeitas aos diferentes modos de produção, recepção, carregando consigo funções sociais diversas. Soma-se a essa visão a de Theodor Adorno (2003, p.158) acerca da “essência social da arte”, em sua capacidade de refletir acerca da incompletude e da alienação humana e reposicionar o próprio papel do artista: “O artista, portador da obra de arte, não é apenas aquele indivíduo que a produz, mas sim torna-se o representante [...] do sujeito social coletivo.” (ADORNO, 2003, p.164) Temos, assim, o conceito de arte ampliado, bem como transfigurada a compreensão sobre o papel das diferentes artes à formação integral humana e cidadã.

A trilha pelo caminho das artes, sejam literárias, musicais, visuais, cênicas, cinematográficas, proporciona novos olhares sobre a vida, interseccionando local e global, para extrair uma profunda percepção do mundo e do ser. Assim, os textos selecionados para a presente publicação intencionam agir como pequenas portas e janelas, pelas quais conseguimos ver o mundo sob diferentes perspectivas de representação. São textos modestos, de caráter introdutório, sempre breves e destituídos da linguagem e do padrão acadêmico. Que eles possam, de alguma forma, servir como o que Virginia Woolf chama de “iluminações, fósforos inesperadamente acesos na escuridão” (2003, p. 173-174), possibilitando a leitores, independentemente de sua experiência cultural e de seus conhecimentos prévios, um ponto de partida para suas incursões no território das artes.



REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. O artista como representante. *In*: ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Tradução: Jorge M.B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Coleção Obras Escolhidas, V.1.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

RAMIL, Vitor. *Satolep*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

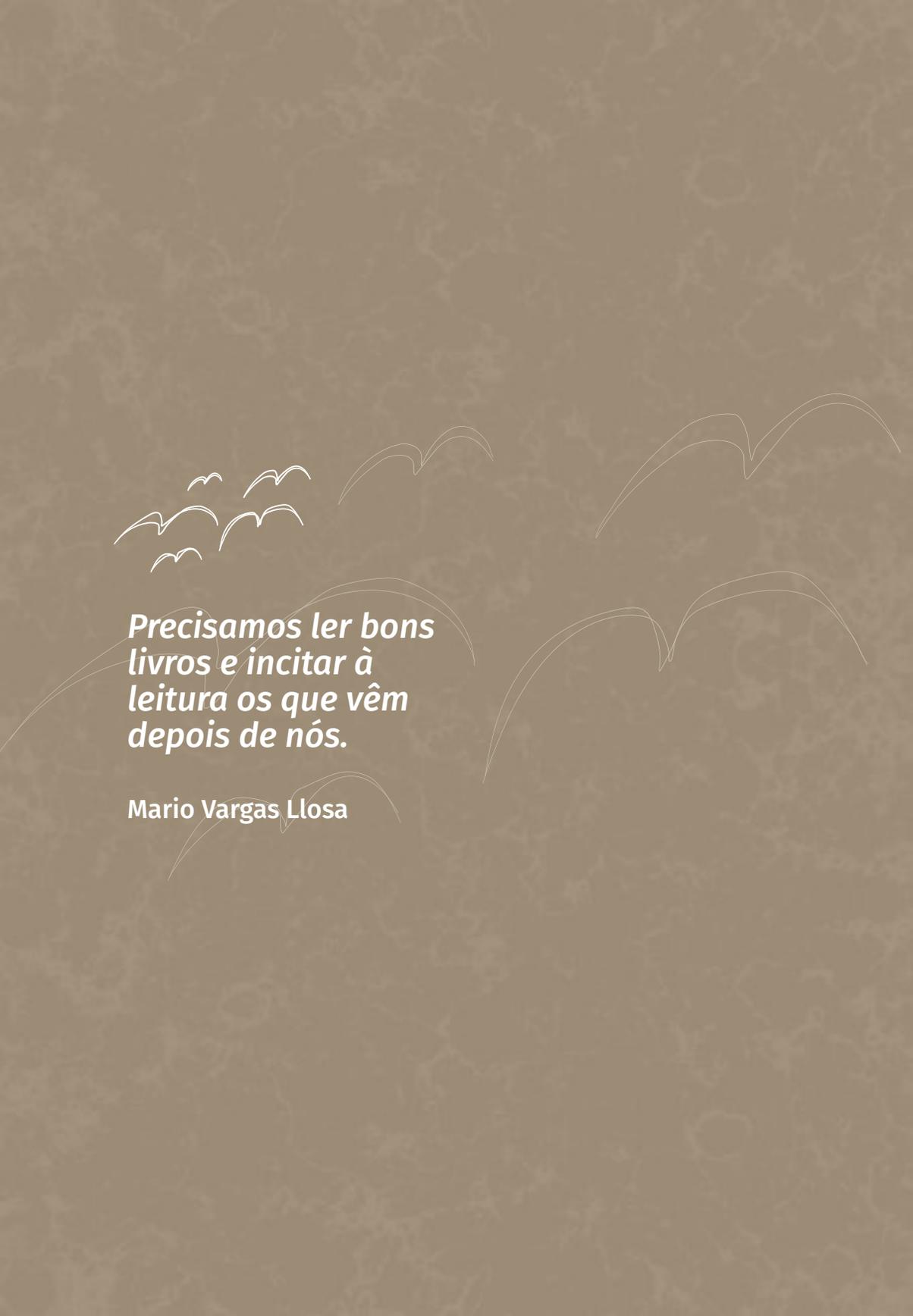
STEINER, George. *Linguagem e silêncio: ensaios sobre a crise da palavra*. Tradução: Gilda Stuart; Felipe Rajabally. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WOOLF, Virginia. *Rumo ao farol*. Tradução: Luiza Lobo. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.



Ler para sentir:

a importância da leitura ao imaginário infantil

The background is a solid, muted brown color. Scattered across the page are several white line-art illustrations of birds in flight. The birds are depicted with simple, elegant lines for their wings and bodies, creating a sense of movement and lightness. They are positioned at various heights and angles, some appearing to fly towards the left and others towards the right.

***Precisamos ler bons
livros e incitar à
leitura os que vêm
depois de nós.***

Mario Vargas Llosa



LER PARA SENTIR: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA AO IMAGINÁRIO INFANTIL

Qual é a sua lembrança mais remota da infância? Uma voz familiar, o cheiro apetitoso vindo do fogão, as cores e as formas do brinquedo favorito, o gosto de um remédio... Sejam boas ou ruins, as imagens gravadas na memória infantil são repletas de sensações e de narratividade. Talvez, por isso, seja tão fácil saboreá-las pelos atos de ouvir e contar, já que ativam sons, gostos, imagens, texturas e odores, os quais auxiliam no processo de arquivamento e rememoração dos fatos e instantes vividos. A leitura do mundo inicia pelo tratamento lúdico que damos a ele e pelo jogo que criamos entre realidade e fantasia. Caio Riter (2009) reflete, nesse sentido, sobre o importante papel de narrar histórias ao desenvolvimento da capacidade leitora. Para ele, pais e mães “contadores de histórias são verdadeiras dâdivas na vida de seus filhos.”

A criança é carregada de sensações, a aguçar a curiosidade e a imaginação. É por isso que, no universo infantil, as histórias assumem lugar de destaque; por meio delas, é possível aproximar sensações reais e imaginadas para, assim, serem geradas novas oportunidades sensoriais, criativas, artísticas e cognitivas. Ler é abrir portas para mundos desconhecidos, é ingressar em um novo espaço através das linguagens verbal e não verbal e de seus processos semióticos, é acreditar que somos feitos da soma de muitos outros, encontrados nos textos, nas relações sociais, em diferentes tempos e espaços. A leitura é capaz de oferecer a (re)descoberta de caminhos construídos e trilhados por outrem. Um livro que se abre é um portal para o conhecimento, para um mundo inteiramente novo.

Ler para ver, para vislumbrar horizontes. Ler para desenvolver-se enquanto pessoa, para rir e chorar, conhecer e refletir, indagar e obter respostas, informar-se e divertir-se, aventurar-se e sonhar alto. Quando lemos, imaginamos, registramos, deslocamo-nos cronotopicamente, mesmo que isso ocorra de

2 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, out. 2010.

modo inconsciente. Esses são alguns dos inúmeros motivos que fazem da leitura o exercício número um para o desenvolvimento da mente. Nesse sentido, leitores de todas as idades – em especial, jovens leitores, devem ser instigados a buscar os mais variados tipos de leitura: aquelas bem-humoradas dos quadrinhos; a leitura provocante das artes visuais; a multileitura da arte cinematográfica; a informativa, de textos como jornais e revistas; a renovada e dinâmica dos textos virtuais; enfim, a leitura insubstituível e imortal dos livros. Nesse sentido, Vargas Llosa afirma:

Há que ler os bons livros e incitar a ler, e ensinar a fazer isso a quantos venham depois de nós – nas famílias e nas aulas, nos meios de comunicação de massa e em todos os setores da vida comum – como uma ocupação imprescindível, pois que é a que imprime a sua marca em todos os demais e os enriquece. (LLOSA, 2009, p. 32)

O amor pelos livros não é uma lição a ser ensinada – é, mais do que isso, uma herança valiosa a ser passada de geração para geração. Uma herança que precisa estar entranhada na família, fazer parte do presente e das lembranças mais remotas – que precisa ser registrada pelos sentidos. Há recordação melhor que o cheiro de um livro de histórias? O contato corporal entre texto e leitor? A leitura é capaz de gerar em crianças de todas as idades o repensar sobre o ser humano e o mundo, já que carrega consigo uma função humanística. Dessa forma, através de suas infinitas possibilidades sensoriais e interpretativas, a escrita literária, seja através de textos poéticos, narrativos ou dramáticos, é capaz de expressar a pluralidade de caminhos possíveis entre o indivíduo e a sociedade e de provocar o redimensionamento do ser.

– Coitada de vovó! – disse um dia Narizinho. – De tanto contar histórias ficou que nem bagaço de caju; a gente espreme, espreme e não sai mais nem um pingão.

Era a pura verdade aquilo – tão verdade que a boa senhora teve de escrever a um livreiro de São Paulo, pedindo que lhe mandasse quanto livro fosse aparecendo. O livreiro assim fez. Mandou um e depois outro e depois outro e por fim mandou o Pinóquio.

– Viva! – exclamou Pedrinho quando o correio entregou o pacote. – Vou lê-lo para mim só, debaixo da jabuticabeira.

– Alto lá! – interveio Dona Benta. – Quem vai ler o Pinóquio para que todos ouçam, sou eu, e só lerei três capítulos por dia, de modo que o livro dure e nosso prazer se prolongue. A sabedoria da vida é essa. (LOBATO, 2007, p.36)

Ler para sentir, para sensibilizar-se. Pode ser uma história descoberta em livros de histórias, contada em casa, transformada em nosso imaginário, apresentada na escola. Ler é oferecer novos horizontes, é ampliar o foco do olhar, gerando o aprendizado através da partilha de valores e da tomada de consciência frente aos encantos e aos desvãos do mundo. Seja para uma criança de oito ou oitenta anos, a leitura é um espelho da alma – às vezes um tanto distorcido, mas sempre capaz de, através de imagens, refletir um novo olhar sobre si mesmo. E para a leitura existir entre os pequenos leitores, basta uma pitada de vontade, uma gota de incentivo e uma porção de textos. Como disse Mario Quintana (1978), “os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não leem”. Ler é abrir portas, e a chave está com cada um de nós.



REFERÊNCIAS

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. V.2. São Paulo: Globo, 2007.

LLOSA, Mario Vargas. *É possível pensar o mundo moderno sem o romance?* In: MORETTI, Franco (org.). *A cultura do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

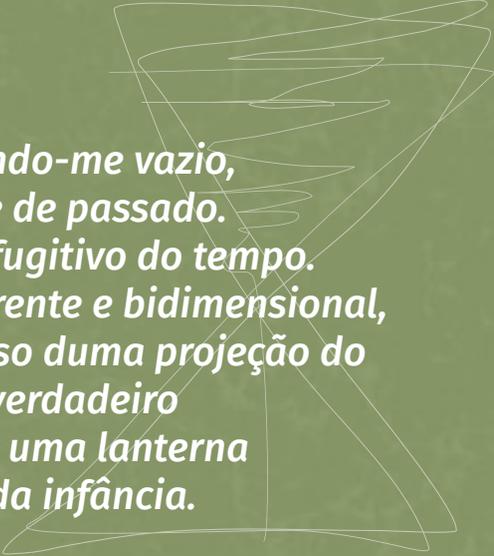
QUINTANA, M. *Caderno H*. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.

RITER, Caio. *A formação do leitor literário em casa e na escola*. São Paulo: Biruta, 2009.



Erico
Verissimo:

um escritor de dois tempos



*Surpreendo-me vazio,
inclusive de passado.
Sou um fugitivo do tempo.
Transparente e bidimensional,
Não passo duma projeção do
meu eu verdadeiro
feita por uma lanterna
mágica da infância.*

Erico Verissimo



ERICO VERISSIMO: UM ESCRITOR DE DOIS TEMPOS³

Ao olharmos para o legado deixado pela literatura brasileira no século XX, experimentamos um certo saudosismo pela passagem de uma das épocas mais frutíferas do romance brasileiro. Concomitantemente, somos marcados pela vontade de vivificar, através da leitura e da análise, o percurso de grandes nomes de nossas letras, entre os quais se insere Erico Verissimo, um dos maiores escritores gaúchos de todos os tempos. Nas palavras de Flávio Loureiro Chaves (1981, p.11), “do painel urbano de *Caminhos cruzados* à denúncia política do *Incidente em Antares*, passando pela reflexão histórica traçada em *O tempo e o vento*, a ficção de Erico Verissimo alcançou uma notável pluralidade de perspectivas.”

Verissimo nasceu na cidade de Cruz Alta em 17 de dezembro de 1905. Mudou-se, em 1930, para a capital gaúcha, onde trabalhou ao longo de décadas na Editora Globo, dedicando-se quase que inteiramente à escrita literária. No ano seguinte, casou-se com Mafalda, com quem teve dois filhos, Luis Fernando e Clarissa. Entre as atividades que realizou ao longo da vida, estão as de redator; jornalista literário; escritor; tradutor de mais de cinquenta livros, provenientes das línguas espanhola, francesa, italiana e inglesa; e professor de literatura brasileira, no período em que viveu nos Estados Unidos e trabalhou na Universidade da Califórnia. Isso só destaca a sua qualidade maior, a de leitor apaixonado pela literatura, que contribuiu para que ele se tornasse um dos maiores romancistas que o Brasil já teve, reconhecido nacional e internacionalmente.

Em meio a sua busca por representar o presente, Erico passou a reconstituí-lo através do passado, das raízes coletivas e da memória individual. Dessa forma, tempo e espaço são peças que interagem intensamente na sua narrativa. Os recônditos urbanos e rurais transfiguram o modo de vida em sociedade, não

3 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, mar..2005.

apenas nas décadas intermediárias do século XX, mas também nos séculos de formação da história sul-rio-grandense. Em suas produções iniciais, publicadas a partir de 1930, vislumbramos, no espaço citadino contemporâneo ao autor, os conflitos provenientes da burguesia gaúcha e os desconcertos individuais intrínsecos à crescente urbanização. Esse cotidiano social é problematizado em livros como *Clarissa* (1933), *Música ao longe* (1935), *Caminhos cruzados* (1935), *Um lugar ao sol* (1936) e *Olhai os Lírios do campo* (1938). Este último popularizou o escritor pelo Brasil afora, ao final dos anos de 1930, colocando-o ao lado de nomes como Jorge Amado e Graciliano Ramos.

O tempo histórico diacrônico, porém, foi traçado em suas obras posteriores. *Saga* (1940), mesmo que ainda produza um enfoque parcial do contexto urbano, é o primeiro exemplo de uma tendência que se fixou na literatura de Erico, voltada ao espaço rural, à mudança para o cenário de cunho regional. Em *O resto é silêncio* (1943), percebemos a fixação das ideias humanistas ressaltadas na trilogia produzida anos depois, escrita ao longo de mais de uma década.

É, contudo, com a obra-prima *O tempo e o vento – O continente* (1949), *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1962) – que fica delineada a representação literária da 'epopeia' que subjaz a formação social do estado. O passado mítico do sul do Brasil surpreende os leitores na primeira parte da trilogia. Mais que dados históricos, são resgatados valores inerentes à identidade do gaúcho, através da saga da família Terra-Cambará. A transmutação de dois tempos redimensiona as faces do povo formador do estado do Rio Grande do Sul por meio do resgate de imagens existentes em cada uma das personagens, as quais dão vida à narrativa ao integrarem, nesse universo cabal, o passado e o presente, a vida e a morte, a inconstância e permanência, o tempo e o vento – grandezas universais.

A partir de *O retrato*, deparamo-nos com a expressão crítica da degradação de valores por que passam as personagens, protótipos da transformação dos indivíduos em uma sociedade decadente. A família, microcosmo da coletividade, esfacela-se lenta e inexoravelmente, enquanto são esquecidas as tradições e enterrados os paradigmas necessários à constituição de um mundo humanizado. A perspectiva política é intensificada em *O arquipélago*, enquanto os descendentes das famílias em foco, carentes de identidade, interagem conflituosamente na época histórico-política que coincide com o governo de Getúlio Vargas, vivida também pelo autor. Assim, a maior produção literária de Erico propõe, em seu desfecho, a reflexão acerca de dois tempos, que estabelecem uma circularidade entre si, já que a personagem Floriano – alterego do escritor – nos remete ao nostálgico passado que dá início à trilogia.

Sentou-se à máquina, ficou por alguns segundos a olhar para o papel, como que hipnotizado, e, depois escreveu dum jato:

Era uma noite fria de lua cheia. As estrelas cintilavam sobre a cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado. (VERISSIMO, 1997, p. 1014, grifo do autor.)

Nos romances seguintes, *O senhor embaixador* (1965) e *O prisioneiro* (1967), o escritor muda o cenário da narrativa, dirigindo seu olhar a questões internacionais, porém sem deixar de vislumbrar o resgate histórico-humanístico e a crítica social. Já em *Incidente em Antares* (1971), a sátira une-se ao realismo fantástico, oportunizando o contraste entre diferentes esferas sociais. As personagens principais, sete mortos insepultos, denunciam a tirania da época, a contraditória moral coletiva e a corrupção individual, sem retirar o tom irônico da obra.

Além dos romances, que constituem a essência de sua produção, há outros livros louváveis de Verissimo. Como contista, escreveu *Fantoches* (1932), com o qual estreou na literatura, *As mãos de meu filho* (1942) e *O ataque* (1959). No universo da literatura infantojuvenil, escreveu diversos livros, estando entre eles *A vida de Joana D'Arc* (1935), *As aventuras do avião vermelho* (1935), *Os três porquinhos pobres* (1936), *Rosa Maria no castelo encantado* (1936), *As aventuras de Tibicuera* (1937), *O urso com música na barriga* (1938), *A vida do elefante Basílio* (1939); *Viagem à aurora do mundo* (1939) e *Aventuras no mundo da higiene* (1939). Além dos gêneros mencionados, produziu livros de memórias, narrativas de viagens e ensaios literários. Enfim, uma produção vasta e complexa.

Desse modo, o contador de histórias Erico Verissimo desponta entre os grandes escritores brasileiros. Ele nos deixou um legado riquíssimo acerca da história sul-rio-grandense por meio de uma obra múltipla, marcada pela crítica a problemas complexos em nível individual e coletivo, até hoje percebidos em maior ou menor escala, o que mostra a atualidade de sua produção literária. Erico não foi escritor de uma década, mas de toda uma vida. É justamente por isso que, no entreato de nossos afazeres cotidianos, devemos trazer à memória suas preciosidades literárias, conhecendo, por meio da leitura, um pouco mais de seu legado cultural, a fim de resgatarmos o que ele tanto perseguiu: a função humanística da literatura.



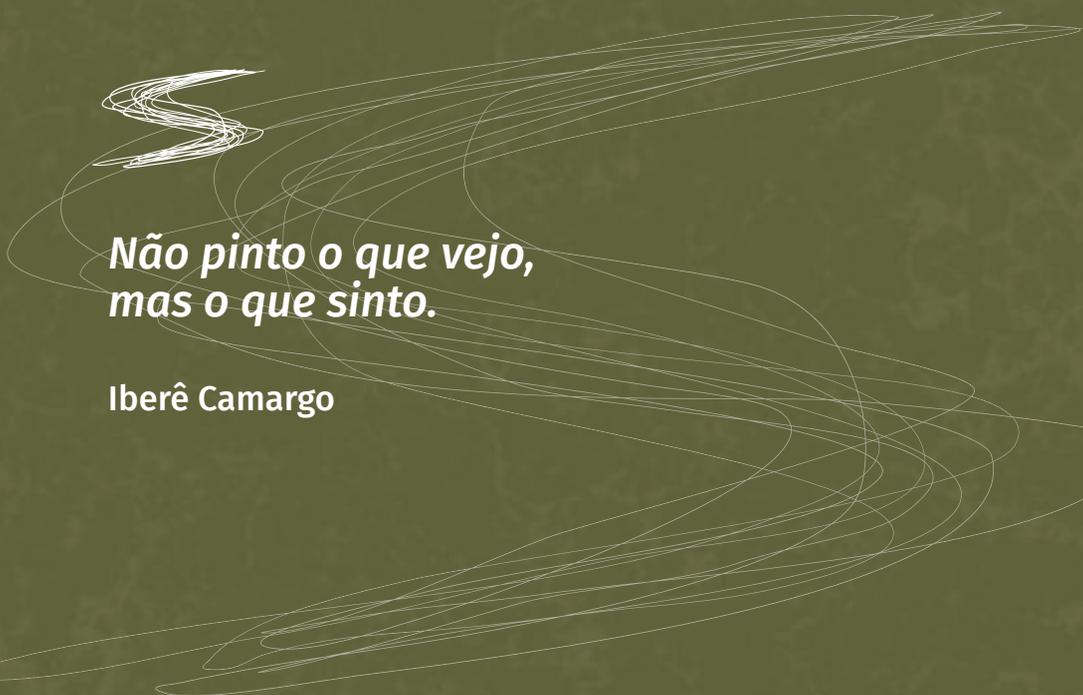
REFERÊNCIAS

CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: realismo e sociedade*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*. 19.ed. São Paulo: Globo, 1997. V.3.



Desvendando as pinceladas de
Iberê Camargo

The image features a dark green background with several white, abstract, scribbled lines. These lines are concentrated in the middle and lower-right portions of the frame, creating a sense of movement and depth. The lines vary in thickness and direction, some forming loops and others extending outwards.

***Não pinto o que vejo,
mas o que sinto.***

Iberê Camargo



DESVENDANDO AS PINCELADAS DE IBERÊ⁴

A aquarela de nossas vidas nem sempre assume matizes claros e vibrantes. Às vezes encerra, na penumbra dos dias, nossas obscuridades, angústias e incompreensões. Carlos Drummond de Andrade percebeu as incongruências da existência humana muito cedo, tocando por vezes o universo das palavras com imagens da escuridão:

É noite. Sinto que é noite
não porque a sombra descesse
(bem me importa a face negra)
mas porque dentro de mim,
no fundo de mim, o grito
se calou, fez-se desânimo.
Sinto que nós somos noite,
que palpítamos no escuro
e em noite nos dissolvemos.
Sinto que é noite no vento,
noite nas águas, na pedra.
(ANDRADE, 1999, p. 41)

Os questionamentos feitos por Iberê Camargo acerca dos homens e do mundo aproximam-se dos de Drummond, mesmo que tenham percorrido diferentes caminhos em sua arte. Ambos retrataram, por meio da linguagem, um mundo marcado pelas sombras, fazendo de sua obra veículo de questionamento e resistência. Ambos se mantêm assustadoramente contemporâneos, refletindo com vigor o seu tempo em nosso tempo, como em um jogo de espelhos, pelos quais a face da realidade pode ser traduzida e revelada.

Nosso pintor gaúcho, que nasceu em Restinga Seca dia 18 de novembro de 1914 e faleceu em Porto Alegre dia 09 de agosto de 1994, é apreciado não apenas pela qualidade estética de suas produções pictóricas, mas pela forma intensa como expressa em suas telas os mais profundos sentimentos humanos. Seus quadros transfiguram o real, redimensionando nossa própria interpretação do

4 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, jan. 2006.

mundo em cada detalhe oferecido pela junção de cores ou pela deformação de imagens cotidianas.

O olhar de Iberê sobre si e a 'outridade' mescla presente, passado e futuro, desorganizando sensações, aguçando questionamentos, transmutando olhares. As realidades interna e externa, apresentadas pela força das tintas, fazem com que muitos críticos o considerem um pintor expressionista. Contudo, sua arte não é classificável, ela transcende a lucidez do mundo concreto para atingir – ou tingir – o universo onírico, o inconsciente, a abstração inerente à vida.

Há, além disso, pontos de contato com a poesia de Fernando Pessoa, se visualizarmos o modo como vários de seus quadros retratam a questão identitária. Pessoa criou seus heterônimos; Camargo, seus ciclistas e suas 'ídiotas'. Em cada identidade, visualizamos espectros da fragmentação do ser, que se desencontra em um mundo de sombras e incompreensões, o que faz com que Iberê não seja um artista de tons constantes, mas arbitrários. Sua multiplicidade também abarca o estranhamento do 'eu', com suas próprias dissonâncias e em face da desumanização da sociedade.

As primeiras exposições de Iberê Camargo ocorreram na década de 1940, momento em que predominaram cenas paisagísticas e formas humanas. Seus retratos e autorretratos são talvez uma tentativa de redescoberta da individualidade, de compreensão de si e dos seus semelhantes. Aos poucos, entrecruzam-se novas formas e temas, entre os quais destacam-se os carretéis produzidos a partir dos anos de 1950. Tais objetos simbolizam não apenas o passado, a infância, mas a própria vida, que se desenrola sem nosso controle, assumindo dimensões inimagináveis. A dissolução das fronteiras entre figuras e abstrações, a partir daí, revelam o melhor do pintor, que joga com cores, texturas e espessuras assim como o poeta trabalha com as palavras na tentativa de expressar o inefável. Rolando para fora da caixa de costura de sua mãe, o carretel de linha foi, segundo Iberê Camargo, seu principal brinquedo de infância. Por isso, em um período de sua vida em que o artista concentra a sua atenção nas memórias mais profundas que carrega consigo, essa figura surge como personagem privilegiado em seus trabalhos. (FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO, 2018)

Já os ciclistas, eternos passageiros, preconizam o movimento do tempo, a conexão entre imaginação e realidade, vida e morte. Sugerem talvez vidas sem rumo, sem destino certo, embora com infinitas rotas. Além deles, as chamadas 'ídiotas', passivamente imóveis, podem representar a ignorância humana ou o deslocamento do ser frente ao mundo. Suas deformidades grotescas rompem com padrões de beleza, traduzindo o caráter agudamente reflexivo da arte de Iberê. Contudo, quaisquer que sejam os motivos, é perceptível em sua insólita aquarela o drama do homem contemporâneo, suas lutas e angústias.

A paisagem interior, a obscuridade da vida, o tempo, a morte são temas vivos na arte de um dos mais conhecidos pintores gaúchos, que ultrapassou sete mil obras produzidas, incluindo diversos desenhos. Delas, em torno de quatro mil pertencem à Fundação Iberê Camargo, originada em 1995, cujo museu está localizado às margens do Guaíba, em Porto Alegre. O espaço tornou-se parada obrigatória para arquitetos e interessados em arte e cultura, não apenas pela complexa obra projetada por Álvaro Siza, mas por acolher em seu interior exposições, cursos, encontros com artistas e curadores, palestras, oficinas, programas educativos, entre outras atividades que têm como foco não apenas a obra de Iberê Camargo, mas diversos outros temas ligados a expressões do contemporâneo.

Na pictórica de Iberê Camargo, encontramos a poética de nosso tempo. Talvez por isso Iberê e Drummond tenham, em suas diferenças artísticas, tantos elementos comuns. A poesia se faz resistência pelo movimento verbal, que vai do brado ao completo silêncio. Já as artes visuais, pelo exemplo de Iberê, trazem tonalidades de uma realidade desencantada e, paradoxalmente, a busca pelo reencantamento. As cores vivas, ocultas ao fundo de superfícies mórbidas, são pistas da esperança latente em cada quadro... São fagulhas da luz que precisam ressurgir em cada um de nós, a fim de resistirmos às impiedades destes novos tempos.

Este é tempo partido,
tempo de homens partidos.
[...]
Calo-me, espero, decifro.
As coisas talvez melhorem.
São tão fortes as coisas!

Mas eu não sou as coisas e me revolto.
Tenho palavras em mim buscando canal,
são roucas e duras,
irritadas, enérgicas,
comprimidas há tanto tempo,
perderam o sentido, apenas querem explodir.
(ANDRADE, 1999, p. 29)



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO. *Brinquedos da Infância*. Porto Alegre, ago. 2018.
Disponível em: <http://iberecamargo.org.br/programa/oficina-brinquedos-da-infancia/>. Acesso em: 14 jun. 202



Caio
Fernando
Abreu:

descoberta, paixão e
desencanto pela literatura



***O tempo me espanta.
Penso, o tempo é tudo que
existe. Todo resto é ilusão.***

Caio Fernando Abreu



CAIO FERNANDO ABREU: DESCOBERTA, PAIXÃO E DESENCANTO PELA LITERATURA⁵

A escrita engendrada pelo escritor gaúcho Caio Fernando Abreu faz dele um dos mais intensos escritores brasileiros. Enquanto poeta-prosador da barbárie contemporânea, Caio nutriu desde cedo a paixão pela literatura: já na adolescência, teve seus primeiros textos escritos, a exemplo do romance *Limite branco*, publicado somente em 1970. Logo após suas primeiras publicações, tornou-se conhecido localmente; contudo, foi a partir do livro de contos *Inventário do irremediável* (1970), premiado pela União Brasileira de Escritores, que se iniciou sua trajetória nacional e internacional.

Envolvido visceralmente no movimento contracultural, o qual provocou resistência nos 'anos de chumbo' da ditadura militar no Brasil, sua produção foi expressa por textos marcados pela crítica à repressão e pela ânsia de liberdade. As descobertas das misérias individuais mesclaram-se às possibilidades de reinvenção da realidade que o cercava pelo fazer estético, profundamente sensível e poético, bem como pela problematização de questões de gênero, muito pouco discutidas até então.

Dessa forma, a paixão daquele que tinha encarcerado em seu interior um turbilhão de sentimentos antagônicos alimentou-se do arbitrário reino cotidiano de suas personagens. Livros como *O ovo apunhalado* (1973) e *Pedras de Calcutá* (1977) tornaram-se ásperas representações de seus questionamentos à política ditatorial e à sociedade envenenada pelas superficialidades do consumismo.

O amadurecimento literário de Caio tornou-se nítido ao longo da década de 1980, quando escreveu uma pluralidade de narrativas curtas que transgrediram padrões tradicionais da arte literária, enfocando, prioritariamente, o submundo urbano, as relações fragmentadas, o homossexualismo e a solidão enraizada naqueles que podem ser considerados estrangeiros em sua própria terra por não se integrarem aos padrões que a acompanham. Os contos de *Morangos mofados* (1982), as três novelas de *Triângulos das águas* (1983), a peça tea-

5 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, fev. 2006.

tral *A maldição do Vale Negro* (1987), o romance móbile *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988) - como definido pelo próprio autor - e a história infantil *As frangas* (1988) consolidam o estilo poético-narrativo, sociointrospectivo do autor.

Tais obras são frutos de uma década extremamente conturbada em todos os âmbitos. A transição da ditadura militar para um Brasil democrático trouxe consigo instabilidade em termos políticos e, por sua vez, socioeconômicos. Enquanto isso, a descoberta do vírus da AIDS assustava o mundo, a inflação incontável desestabilizava o país, a desigualdade gerava mais pobreza e marginalização. Assim, o universo transfigurado pela literatura de Abreu é quase sempre noturno e desesperançado, encurralando as personagens em um beco de sujeira, violência e promiscuidade. Embriagadas pelo néon dos outdoors e pelo barulho mecânico da cidade, elas resistem em meio à solidão:

Como se lutássemos – só nós dois, sós os dois, sóis os dois – contra dois mil anos amontoados de mentiras e misérias, assassinatos e proibições. Dois mil anos de lama, meu amigo. Esse lixo atapetando as ruas que suportam nossos passos que nunca tiveram aonde ir. (ABREU, 2002, p. 189-190)

Já na década de 1990, o desencanto e a melancolia frente à ação devorado do tempo, à vida sem sentido e aos 'urbanoides' hipnotizados pelas luzes e pelas sombras acinzentadas das cidades não reduzem a qualidade de suas produções. Ao contrário, provocam ainda mais a sua necessidade de aprofundar sensações, reflexões, temas e cenas acerca do que se tornou o 'existir' para o homem contemporâneo. As principais obras desse período foram o romance *Onde andaré Dulce Veiga* (1990), bem como as narrativas contidas em *Ovelhas negras* (1995) e *Estranhos estrangeiros* (1996) – este com publicação póstuma –, obras de contornos simbólicos e de lúcidas intenções. A cada espelho, temos o confronto com simulacros esmorecendo a verdade, com a identidade perdida e com o estranhamento do 'eu' frente a si mesmo: "[...] mas tudo isso é inútil e bem sei como tenho tentado me alimentar dessa casca suja que chamamos com fome e pena de pequenas esperanças, enquanto definho feito um animal alimentado apenas com água, uma água rala e pouca [...]" (ABREU, 2005, p. 41)

Vítima do que ele próprio nomeou de vírus do amor, flor carnívora e dama da noite, Caio faleceu em fevereiro de 1996, aos 47 anos. Além de contos, novelas, romances e contos dramáticos, escreveu inúmeras crônicas, publicadas em revistas e jornais para os quais trabalhou (Manchete, Veja, Zero Hora, Correio do Povo e Folha de S. Paulo, entre outros). Também compôs uma verdadeira biografia epistolar ao longo de sua vida, tendo em vista as inúmeras cartas escritas

e trocadas com amigos e/ou artistas que passaram por sua trajetória. Muitas delas podem ser lidas em *Caio Fernando Abreu: cartas*, organizado por Italo Moriconi em 2002.

Todas as manifestações literárias de Caio Fernando Abreu, enfim, salvaguardam relíquias da linguagem: entrecruzamento de expressões inglesas, francesas, espanholas e japonesas, que se associam ao português; uso de frases incompletas, à espera de um desfecho; escolha de figuras de estilo em meio a termos chulos, agressivos, enigmáticos; influência das artes cinematográficas, musicais, plásticas e de escritores como Clarice Lispector, Adélia Prado, Ana Cristina César e Virginia Woolf; utilização da astrologia, das crenças populares e da mitologia, em meio ao fluxo descontínuo de consciência e à atmosfera surreal. Foi desbravando esses caminhos estéticos que o autor formou seu riquíssimo universo imaginário, articulando com engenho sensações, sentimentos, sons e ideias. Mais do que a literatura, Caio fez brotarem obras de arte da lama escura da contemporaneidade.

A cidade está louca, você sabe. A cidade está doente, você sabe. A cidade está podre, você sabe. Como posso gostar limpo de você no meio desse doente podre louco? Urbanoídes cortam sempre meu caminho à procura de cigarros, fósforos, sexo, dinheiro, palavras e necessidades obscuras que não chego a decifrar em seus olhos semaforicos. Tenho pressa, não podemos perder tempo. Como chamar agora essa meia dúzia de toques aterrorizadores pela possibilidade da peste? (Amor, amor certamente não.) Como evitaremos que nosso encontro se decomponha, corrompa e apodreça junto com o louco, o doente, o podre? Não evitaremos. Pois a cidade está podre, você sabe. Mas a cidade está louca, você sabe. Sim, a cidade está doente, você sabe. E o vírus caminha em nossas veias, companheiro." (ABREU, 2002, p. 188)



REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. *Ovelhas negras*. Porto Alegre, L&PM, 2002.

ABREU, Caio Fernando. *Caio 3D: o essencial da década de 1980*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.



Mario
Quintana:
mago das palavras



***Pois só as crianças e
os velhos conhecem
a volúpia de viver dia
a dia, hora a hora, e
suas esperas e
desejos nunca se
estendem além de
cinco minutos...***

Mario Quintana



MARIO QUINTANA: MAGO DAS PALAVRAS⁶

Paulo Hecker Filho estava certo quando disse que a poesia de Mario Quintana faz dele um mago (FACHINELLI, 1976, p. 76). Segundo o escritor, poetas são gente como nós, só que acabaram dominando os modos mágicos de encadear suas palavras. O mago é o que, sem perder a individualidade, soube se embeber da criação poética anterior e exprime as próprias vivências por meio de combinações de palavras, sintaxe ou estrutura poética. Realmente, Quintana revelou-nos uma produção poética envolta no humor, em imagens grandiosas extraídas da simplicidade cotidiana e no jogo de palavras, os quais traduzem a sua liberdade de escrever, de sentir, de viver e de cantar a própria dor.

Nascido em Alegrete em 1906, Mario de Miranda Quintana morou a maior parte da vida em Porto Alegre, cidade que inspirou muitos de seus versos. Entre as obras mais representativas estão *A rua dos cataventos* (1940), *Canções* (1946), *Sapato florido* (1948), *Aprendiz de feiticeiro* (1950), *Espelho mágico* (1951), *Caderno H* (1973), *Apontamentos de história sobrenatural* (1976), *A vaca e o hipogrifo* (1977), *Esconderijos do tempo* (1980), *Baú de espantos* (1986) e *A cor invisível* (1989). Por elas, deparamo-nos com a sensibilidade poética do escritor, expressa em versos repletos de leveza e universalidade. Além disso, o que alguns críticos chamam de realismo mágico é observado em sua produção literária pela incidência do fantástico, do onírico e do sobrenatural, que invadem a realidade humana, tornando difusos os seus contornos. Fantasmas, anjos, assombrações, mortos – seres para além do humano – dividem espaço com ônibus, casas, cachorros, janelas, barcos, ruas, ou seja, pelo trivial cotidiano, a fim de formar um cosmo de traços simbólicos. Tal universo poético é geralmente banhado por elementos da natureza, os quais surgem como marcas do espaço ou do tempo para revisitar aspectos da alma humana.

6 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, out. 2010.

Recordo ainda... E nada mais me importa...
Aqueles dias de uma luz tão mansa
Que me deixavam, sempre, de lembrança,
Algum brinquedo novo à minha porta...

Mas veio um vento de Desesperança
Soprando cinzas pela noite morta!
E eu pendurei na galharia torta!
Todos os meus brinquedos de criança...

Estrada afora após segui... Mas, ai,
Embora idade e senso eu aparente,
Não vos iluda o velho que aqui vai:

Eu quero os meus brinquedos novamente!
Sou um pobre menino... acreditai...
Que envelheceu, um dia, de repente!...
(QUINTANA, 2005, p. 92)

A originalidade do escritor gaúcho não lhe impede de ter recebido, ao longo do percurso literário, influências estéticas diversas. Em âmbito nacional é, talvez, com Cecília Meireles, que Mario Quintana possui mais pontos em comum. Não apenas pelos traços simbolistas presentes em muitos versos, mas pelas sensações transmitidas ao leitor e pelo lirismo. Já em relação às influências provenientes da literatura estrangeira, o domínio das línguas inglesa e francesa fez com que fosse não apenas tradutor de gênios da literatura universal – Virginia Woolf, Charles Morgan, Somerset Maugham, Guy de Maupassant, Honoré de Balzac, Aldous Huxley, Marcel Proust, Prosper Merimée, entre outros – mas conhecedor de estilos literários europeus, fato que lhe permitiu buscar inspiração em outros horizontes e desgarrar-se das tendências poéticas modernistas. Desse modo, produziu um estilo singular, mesclando estilos e gêneros literários e compondo tendências como a dos poemas em prosa, fato que o aproxima da produção de Charles Baudelaire.

O milagre

Dias maravilhosos em que os jornais vêm cheios de poesia... e do lábio do amigo brotam palavras e eterno encanto... Dias mágicos... em que os burgueses espiam, através das vidraças dos escritórios, a graça gratuita das nuvens... (QUINTANA, 2006, p. 31)

De modo geral, a obra de Mario Quintana pode ser dividida em duas possibilidades estéticas: a dos poemas em versos livres e metrificados, que correspondem a livros como *A rua dos cataventos* e *Aprendiz de feiticeiro*; a de seus 'quintanares', que residem no limiar entre a poesia e a prosa, encontrados em *Sapato florido* e *Caderno H*. O termo, criado pelo próprio poeta em "Canção de barco e de olvido", de 1946, dedicado a Augusto Meyer (QUINTANA, 2005, p. 161) foi popularizado nos poemas "Quintanares", de Cecília Meireles (FACHINELLI, 1976, p. 117) e "A Mario Quintana", de Manuel Bandeira (FACHINELLI, 1976, p. 204), passando então a designar a especificidade de sua produção. Quintana também não deixou de ser mago na literatura infantojuvenil. Sua primeira incursão nesse gênero foi com o livro *Batalhão de letras*, no qual é um jogo bem-humorado de sons, letras, rimas e palavras. Pé de pilão também não ficou para trás e rapidamente conquistou o público infantil através da mágica visão de mundo, que coloca lado a lado fantasia e poesia.

Outra questão a considerar é a preocupação metalinguística, uma constante em suas obras. Em muitos poemas, o eu-lírico volta-se para o próprio discurso, refletindo sobre a magia inerente ao processo de construção literária. Diversos poemas ocupam-se dessa temática, ora descrevendo a constituição do poema, ora estabelecendo relações entre a palavra e o mistério da vida, ora personificando a própria poesia, velha amiga para a qual ele entrega silêncios e dores. Encontramos a simbologia metaliterária em "Da paginação", entre outros poemas de *Sapato florido*, pelo qual o processo de criação poética aproxima-se da liberdade inerente ao universo infantil.

Os livros de poemas devem ter margens largas e muitas páginas em branco e suficientes claros nas páginas impressas, para que as crianças possam enchê-las de desenhos – gatos, homens, aviões, casas, chaminés, árvores, luas, pontes, automóveis, cachorros, cavalos, bois, tranças, estrelas – que passarão a fazer parte dos poemas... (QUINTANA, 2006, p. 33)

A poesia de Mario Quintana é para todas as idades. Nela, há espaço para a reflexão e a melancolia, assim como para o humor e o voo livre sobre o território das letras, o questionar sobre o mundo e o desejo de reinventar a própria existência. Também a busca interior e a tentativa de autoconhecimento são expressas através das confissões e das memórias do poeta, que conversa consigo mesmo em esconderijos literários. Seus poemas são jogos de ideias, percepções, sentimentos e representações. A poesia cósmica do autor desvela um universo suspenso, misto de fantasia e realidade – universo que pende, por vezes, para o enigmático, o obscuro, sem nunca deixar de resgatar a simplicidade cotidiana, mesmo que com certa ironia.

Talvez uma das melhores definições de Quintana esteja nas palavras de Erico Verissimo sobre seu conterrâneo. Para ele, “ser poeta é saber ver o mundo como veem os anjos, as fadas, e ao mesmo tempo possuir o dom de comunicar a quem lê o que ele vê e sente, em resumo, é ter olhos para revelar a face secreta das pessoas e das coisas.” (VERISSIMO, 1975) Portanto, Quintana foi mais que um poeta, foi um mago ou, quem sabe, um anjo das palavras. Por isso, revisitá-lo significa estar entre dois mundos.

Quintana na verdade é um anjo disfarçado de homem.

Às vezes, quando ele se descuida ao vestir o casaco, as asas ficam para fora. (VERISSIMO, 1975)



REFERÊNCIAS

QUINTANA, Mario. *Poesia completa*. Organização de Tânia Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

QUINTANA, Mario. *Sapato florido*. São Paulo: Globo, 2006.

FACHINELLI, Nelson. *Mario Quintana: vida e obra*. Porto Alegre: Bels, 1976.

VERISSIMO, Erico. *Mario Quintana, “Pé de Pilão”... e eu*. In: QUINTANA, Mario. *Pé de pilão*. Porto Alegre: IEL; Guaratuja, 1975.



O fantástico
mundo de
Caio Riter



Isso também é escrever:

*estar atento aos dramas e
às alegrias do outro,*

*à sua linguagem, às suas
preocupações.*

Caio Riter



O FANTÁSTICO MUNDO DE CAIO RITER⁷

Dizem que o encanto da vida está não somente em saber vivê-la, mas em saber contá-la. Se isso for verdade, poderíamos dizer que Caio Riter é um dos que conservam em si o encantamento da vida. Para ele, viver é mesmo uma mistura de realidade e mentira. Onde começa uma termina outra nunca sabermos.

José Carlos Dussarat Riter – popularmente conhecido como Caio Riter – tem conquistado leitores de todas as idades. Sua produção abarca, em sua essência, a literatura infantojuvenil, cuja matéria envolve imaginação, humor, sensibilidade, bem como a redescoberta constante do outro pelo viés da vida cotidiana. Segundo o autor, “a adolescência e a infância são territórios repletos de dor e de felicidades, elementos necessários àquele que se propõe a escrever textos para os tempos de criança ou de adolescer” (RITER, 2018).

Como pai e escritor, Caio cultiva a sensibilidade necessária para lidar com o humano, seus conflitos e desafios. Essa integração com o universo lúdico, com certeza, é um dos fatores que inspiram sua literatura, recheada de jogos de palavras, simbologias, sonoridade, enfim, liberdade poética. Seus conhecimentos teóricos e sua experiência docente também oportunizaram o contato mais profundo com a literatura: Caio é também professor formado em Letras, com pós-doutorado em Escrita Criativa. Dentre os escritores que mais influenciaram a sua formação estão Henry James, Garcia Marques, Machado de Assis e Lygia Fagundes Telles.

O ‘jeito menino de ser’ do autor manifesta-se na leveza de seus textos, que sempre se voltam à exploração de questões cotidianas e resgatam valores, como a amizade, a família, o amor, o respeito, a liberdade. Talvez o mais cativante em sua literatura esteja justamente na forma como promove o questionamento de nossas diferenças, e a valorização da diversidade, seja, entre tantas outras imagens, por uma pequena estrela reencontrada no interior indivi-

7 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, jun. 2006.

dual; pelo temporal de emoções com que a alma juvenil, tantas vezes, se depara; pela trama de silêncios que enreda o íntimo humano; ou por uma biblioteca que, como a mente e o coração, esconde inúmeros segredos. Enfim, por qualquer um dos diferentes enredos contidos em suas obras, refletimo-nos e confrontamo-nos com a própria identidade, como se estivéssemos à beira de uma lagoa em busca de nossa imagem, a qual vem a se revelar muitas vezes distorcida pelo movimento estético da narrativa.

Quem conhece Caio Riter não consegue sair ileso de sua paixão pela literatura e, acima de tudo, pela vida. Talvez seja por isso que a família ocupa um espaço tão significativo em seus livros. Caio transfigura a própria realidade, com suas tristezas, incógnitas e alegrias, remetendo-a para um mundo mágico, ao mesmo tempo próprio e alheio. Por isso, sentimo-nos à vontade para rir, chorar e questionar, pois percebemos que o autor também está ao nosso lado nessa jornada rumo ao autoconhecimento – uma caminhada que vai ao encontro da criança existente dentro de nós, mas também dos preconceitos que subvertem a legitimidade das ações.

Desde a publicação de *Um palito diferente* (1994) – história inspirada pelo nascimento de sua primeira filha –, Caio não parou mais em termos de escrita literária. Em sua vasta lista encontram-se, entre outras obras, *Pra lá e pra cá* (1998), *Teia de silêncios* (1999), *A cor das coisas findas* (2003), *A dobra do mundo* (2003), *Atrás da porta azul* (2004), *Debaixo de mau tempo* (2005), *O fusquinha cor de rosa* (2005) e *O rapaz que não era de Liverpool* (2006), *O menino do Portinari* (2006), *Um reino todo quadrado* (2007), *Meu pai não mora mais aqui* (2008), *O outro passo da dança* (2009), *Eu e o silêncio do meu pai* (2011), *Pedro noite* (2011), *Os dentes da noite* (2013), *Cecília que amava Fernando* (2016), *Três dias e mais alguns* (2019) e *Antes do Alvorecer* (2021).

Muitas de suas obras já lhe reservaram merecidas premiações e distinções, que confirmaram a qualidade de seu trabalho: recebeu, para darmos alguns exemplos, o primeiro lugar no Prêmio Açorianos de 2004 com *A cor das coisas findas*; o Prêmio Barco a Vapor de 2005 e o Açorianos de 2006 com o livro *O rapaz que não era de Liverpool*; o prêmio Livro do Ano pela Associação Gaúcha de Escritores (Prêmio AGES), em 2017, com *Cecília que amava Fernando*; o Selo Altamente Recomendável (FNLIJ) para diversas de duas publicações. Outro aspecto a destacar é sua incursão na poesia, com textos selecionados ao *Projeto Poemas no Ônibus*, em Porto Alegre, bem como os livros *Futurações* (2014) e *Os saberes da água* (2019).

A reflexão sobre a leitura e o fazer literário está também presente na obra *A formação do leitor literário em casa e na escola* (2009), na qual Riter tece relações entre livros e leitores a partir de suas experiências de vida e de suas

práticas pedagógicas – uma leitura mais que necessária a professores de literatura. E a força reflexiva do autor não para por aí: encontramos em seu blog Caio nas palavras (2021) crônicas, nas quais há a problematização do mundo, com suas incongruências e perversidades, como a escrita durante a pandemia de Covid-19:

No momento, vive-se de esperança.

Dizem que ela é a última a morrer, porém o que se vê são milhares de pessoas sucumbindo ao vírus em virtude de ações negacionistas em relação à pandemia; e elas não vêm apenas da postura perversa, incompetente e inadequada daqueles que são os maiores responsáveis pela segurança e pela esperança da população; ela é também prática comum a muitos brasileiros e brasileiras que desconhecem ou que menosprezam seu papel cidadão. [...]

A esperança morre em mim, todavia a reanimo a cada dia, a cada hora. Sem ela, pouco sobrará. (RITER, 2021)

Encontramos em Caio a sensibilidade intrínseca a quem possui um intenso compromisso com a humanidade e com o próprio papel de escritor: o de, como já disse Ferreira Gullar (2001), “acender uma luz qualquer, uma luz que não nos é dada, que não desce dos céus, mas que nasce das mãos e do espírito dos homens”. As palavras de Caio Riter (2018) sintetizam lucidamente sua produção literária: “inspirar é sorver algo que está fora de nós e nos alimentar com este algo: a vida. Para mim, pois, escrever é isso: olhar para fora e permitir que este fora atice vontades no dentro.” Dessa forma, encontramos no universo desse escritor gaúcho mais do que imagens produzidas por palavras – encontramos a sua vontade de encontrar um equilíbrio entre os pilares texto, estrutura e linguagem.



REFERÊNCIAS

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. 11.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

RITER, Caio. *Como escreve Caio Riter*. [Entrevista cedida a] José Nunes. Como eu escrevo, 12 nov. 2018. Disponível em <https://comoeuescrevo.com/caio-riter/>. Acesso em: 02 maio 2020.

RITER, Caio. *A formação do leitor literário em casa e na escola*. São Paulo: Biruta, 2009.

RITER, Caio. *Esperança ou a falta dela*. Caio nas palavras, 29 jan. 2021. Weblog. Disponível em: <http://caioriter.blogspot.com/>. Acesso em: 02 abr. 2022.

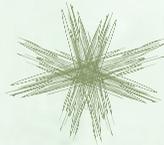


A impureza literária
de Cíntia
Moscovich



*Há uma certa delicadeza
de alma que só a leitura
propicia. Sem livros, a vida
é selvagem, bruta, dura.
Não há transcendência
possível. Não há a
humanidade necessária.*

Cíntia Moscovich



A IMPUREZA LITERÁRIA DE CÍNTIA MOSCOVICH⁸

Henry James, reconhecido nome da cultura transatlântica, postula que o fazer artístico colhe seu material no jardim da vida (JAMES, 2003, p. 250), a qual é transfigurada, na literatura, pelas mãos do autor. Ao observarmos a arte ficcional em sua capacidade de expressão, reconhecemos as infinitas possibilidades de representação da realidade, tendo vista sua abertura e multiplicidade: “A casa de ficção não tem uma, mas um milhão de janelas – ou melhor, um número incalculável de possíveis janelas. Cada uma foi aberta, ou pode ser aberta, na vasta fechada, pela urgência de uma visão individual ou pela pressão de uma vontade própria.” (JAMES, 2003, p. 160)

Por meio da ambiguidade literária, com suas obscuridades, impurezas e sinuosidades estéticas, escritores contemporâneos, a exemplo de Cíntia Moscovich, cultivam sensibilidade e reflexão em meio a um mundo tantas vezes indiferente. Através da simplicidade com que maneja suas narrativas, a escritora apresenta um mundo marcado pelo descompasso, no qual encontramos a busca por sentido em uma realidade tantas vezes hostil. Escritora e jornalista porto-alegrense, Cíntia possui diversos livros publicados, reconhecidos e premiados pela crítica nacional e internacional, dentre os quais estão *O reino das cebolas* (1996), *Dois iguais* (1998), *Anotações durante o incêndio* (2000), *Arquitetura do arco-íris* (2004), *Por que sou gorda, mamãe?* (2006) e *Essa coisa brilhante que é a chuva* (2012) – recebendo com este, em 2013, o Prêmio Literário Portugal Telecom na categoria contos/crônica e o Prêmio Clarice Lispector, da Fundação Biblioteca Nacional. Nesse mesmo ano, participou da delegação brasileira na Feira de Frankfurt e, em 2015, do Salão do Livro e da Imprensa em Genebra; já em 2016, a escritora foi escolhida como patrona da Feira do Livro de Porto Alegre – fatos que destacam o seu reconhecimento dentro e fora do Brasil.

8 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, jul. 2006.

Em *O reino das cebolas*, livro de estreia da autora, as relações humanas são exploradas em meio a questões individuais que emergem do cotidiano. As imagens que dão forma aos contos fazem-nos (re)viver experiências universais: adolescentes em plena descoberta; angústias maternas; desajustes familiares; amor, perda, memória. Elas anunciam, assim, a vida de modo áspero e cômico, em que o estranhamento surge do dia a dia mais ordinário.

Já em *Anotações durante o incêndio*, encontramos contos distribuídos em dois capítulos: 'A fumaça' e o 'O fogo'. Embora tratem de diferentes temáticas – o judaísmo, os relacionamentos amorosos, o tempo, os desequilíbrios do íntimo humano, a morte – as narrativas estão, na verdade, entrelaçadas pelo constante extravasamento de sensibilidade que surge de uma prosa com características poéticas. Belo e absurdo tramam-se frente a paixões devastadoras – pela vida, pelo outro, pela família, pelo 'eu' –, acompanhadas de sofrimento e ilusão. Temos, por exemplo, o desconcerto da judia Ethel, ao se deparar com o amor incondicional do estrangeiro Edward, e os anseios de Eugênio fígados pela professora aposentada: "Os jovens e os velhos apaixonam-se depressa – os jovens porque viveram muito pouco, e os velhos porque muito pouco ainda viverão." (MOSCOVICH, 2001, p. 122) Percebemos, portanto, uma coleção de momentos, os quais são costurados pelo trabalho narrativo da autora:

Existem várias maneiras de se contar a mesma história. Sempre tive tal fato muito em conta, guardado no frágil porão de minhas certezas, talvez a única delas – das certezas – que me serve de luz para alguma coisa. Escolho, então a forma imprecisa das digressões, a memória como fluxo recorrente destas ondas que vem ali bem pertinho, e voltam ao lugar que as gerou. (MOSCOVICH, 2001, p. 53)

Já a respeito de *Arquitetura do arco-íris*, Luis Fernando Verissimo (*apud* MOSCOVICH, 2004) não deixa dúvidas: "Se 'apenas' escrevesse bem, a Cíntia já seria superlativa: há coisas neste livro tão bem escritas que tiram a respiração". Nos contos que formam o livro, equilíbrio e desequilíbrio interagem com as perversidades cotidianas, provocando um jorro de lembranças, imprecisão e descoberta. As personagens estão repletas de "supérfluos extraordinários", acumulando ausências e destroços do passado, alegrias desfeitas, morte, humilhações e esperança. Destaca-se, acima de tudo, a delicadeza do que fica obscuro nas entrelinhas. A exemplo da música que faz um cego enxergar além da eterna noite, temos histórias nas quais oscilam imagens epifânicas, tais como as que Virgínia Woolf (2003) chamou de visões, ou pequenos fósforos acesos na escuridão.

Nas narrativas de Moscovich, o tempo possui as marcas da subjetividade. Ele é apreendido pela experiência humana, tornando-se irregular e mutável, cuja falta de linearidade acentua o caráter psicológico das obras. As personagens vivem a impermanência temporal, posicionando-se entre o que está consumado e o que está por vir. Os espaços, por sua vez, são essencialmente urbanos, públicos ou privados, e é por eles que o indivíduo se fecha em si mesmo, produzindo fronteiras em sua existência solitária.

Impossível sairmos ilesos da literatura de sua literatura. Nela impera o detalhe, o suposto supérfluo, os diferentes momentos da vida diária. Dessas insignificâncias, contudo, brota o essencial, fruto da reflexão e da descoberta. É por isso que nos sensibilizamos como leitores: a escrita é fruto das impurezas do ser:

Escrever foi o que me atrapalhou sempre na vida, uma maldição que é igual a ter repouso na tristeza. É algo que eu sei, é só o que eu sei, de um saber sem esforço, embora me custe me custe me custe - nenhum saber é tranquilo. Então é isso: escrevo porque é o que me foi dado fazer no mundo, porque acho que eu nasci com isso. (MOSCOVICH, 2004, p. 170)

Descobrimos, pois, a impureza literária de Cíntia Moscovich – por meio da lucidez de suas narrativas, somos impelidos impelidos ao confronto com a sujeira da vida diária, suas mazelas, entrelaçadas aos mais antagônicos sentimentos. É pela mescla de beleza e precariedade que se compõe a truncada arquitetura da alma humana.



REFERÊNCIAS

JAMES, Henry. *A arte do romance: antologia de prefácios*. São Paulo: Globo, 2003.

MOSCOVICH, Cíntia. *Anotações durante o incêndio*. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 2001.

MOSCOVICH, Cíntia. *Arquitetura do arco-íris*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

WOOLF, Virginia. *Rumo ao farol*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.



Por uma
estética de
Vitor Ramil



*Eu sei
O tempo é o meu lugar
O tempo é minha casa*

Vitor Ramil



POR UMA ESTÉTICA DE VITOR RAMIL⁹

Apreciar os acordes de Vitor Ramil é conhecer a paisagem musical que une ruralidade e cosmopolitismo, espontaneidade e rebuscamento, narratividade e passionalização. Suas canções expressam o intimismo por meio da reflexão e da sonoridade, resgatando imagens regionais do nosso estado e, com elas, envolvendo questões universais, tais como a dor, a solidão, a busca de si mesmo e do outro, a incomunicabilidade humana, o tempo, a loucura e a esperança. Por outro lado, extravasam sentimentos ambíguos e complementares, sem descuidarem de uma forma estética rigorosa, a qual ele chama de “estética do frio”. Da música à literatura, Ramil compõe como se fosse um ouvires a aperfeiçoar, com seu trabalho minucioso e delicado, uma joia rara.

Luiz Tatit, um dos maiores estudiosos da canção brasileira, concebe o cancionista como um malabarista que consegue equilibrar a melodia no texto e o texto na melodia. Em *O cancionista: composição de canções do Brasil* (2002), ele salienta que cantar é uma gestualidade oral, ao mesmo tempo contínua, articulada, tensa e natural, que exige um permanente equilíbrio entre os elementos melódicos, linguísticos, os parâmetros musicais e a entoação coloquial. Dessa forma, o cancionista interage na canção com a figura do malandro, do apaixonado, do oportunista, do lírico, do cronista e de outros ‘eus’, sempre se utilizando da oralidade melódica para conquistar o ouvinte.

Mas como se dá a interação de Vitor com suas canções? Talvez possamos percebê-la pela busca de imagens perdidas na poeira do tempo, ou de uma forma mais ampla para a canção sul-rio-grandense. O fato é que suas composições transcendem a música, produzindo um verdadeiro tratado em prol de uma identidade cultural fruto da confluência entre diversos elementos da cultura gaúcha. Em *Estética do frio* (2004), o cantor, compositor e escritor postulou, para uma conferência apresentada em Genebra, a síntese do contraste que distancia o Rio Grande do Sul do resto do Brasil.

9 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, set. 2006.

Entram nessa distinção não apenas o passado de lutas separatistas, mas os recentes movimentos tradicionalistas/nativistas que representam as tentativas do gaúcho em empunhar uma identidade muitas vezes forjada, distinta da que percebemos no amplo espaço urbano atual – uma identidade que preserva o gaúcho dos pampas, vinculado a uma cultura interiorana, que não dispensa o cavalo, a criação de gado, o churrasco e o chimarrão; uma identidade incompleta por tentar legitimar a personagem do gaúcho e seu mundo como ‘a verdadeira’ identidade. Segundo ele, toda vez que tentamos nos enxergar puramente gaúchos, essas tentativas acabam sugerindo o quão indeterminada é a nossa face. É exatamente por refletir sobre a falta de uma imagem mais ampla para a sociedade sul-rio-grandense que Vitor Ramil organiza a sua estética do frio: “Eu me perguntava pelas estações do Sul, por minhas próprias estações. Pensava que as tivera um dia. Ultimamente, eu, as estações e os lugares parecíamos sempre os mesmos.” (RAMIL, 2008, p. 11)

Embasada na imagem do inverno que toca a todos em sua heterogeneidade, a estética do frio reage a estereótipos e culturais e às relações de (não)pertencimento que circundam o gaúcho. O frio que se estranha no íntimo de cada um atinge visceralmente o comportamento e a expressão do povo sulino. Assim, a milonga – estilo comum no Rio Grande do Sul, no Uruguai e na Argentina – torna-se a forma estético-musical mais próxima da voz íntima do cantor, vigorando como sugestão de unidade, expressão musical e poética do frio.

“Milonga” vem do vocábulo de origem africana “mulonga”, que quer dizer “palavra”. Esse ritmo, para Ramil, contempla a melancolia, o rigor, a leveza, a profundidade e a reflexão. Como o frio, estimula os sentidos, a concentração, o recolhimento. Em vez da alegria flamejante do carnaval e do ritmo aceso do samba, a milonga é a suave expressão imagética do sul através de um olhar rigoroso, mas também é a expressão íntima da brasilidade pela temática interiorizada e abrangente.

Ritmos irregulares e harmonias vigorosas também são percebidos no conjunto da produção musical do pelotense Vitor Ramil. Desde seu primeiro disco, *Estrela, estrela*, muitas de suas preferências formais já começam a ser delineadas. Em 1984, lança *A paixão de V segundo ele próprio*, com o apoio de Kleiton e Kledir. Em 1987, já no Rio de Janeiro, é a vez de *Tango*, com o qual obtém popularidade em diferentes regiões do Brasil. A partir dos anos de 1990, começa a dar mais atenção aos shows, desenvolvendo a interpretação vocal e consolidando seu público. Lança então *À beça*, ao mesmo tempo em que publica a narrativa *Pequod*, sua primeira incursão pela literatura.

Contudo, é com *Ramilonga: a estética do frio* que seu trabalho envolvendo a canção e a reflexão sobre a identidade toma forma de modo mais explícito.

Nesse disco, Vitor apresenta as sete cidades da milonga – Rigor, Profundidade, Clareza, Concisão, Pureza, Leveza e Melancolia –, as quais configuram seu projeto estético. Em Buenos Aires, grava *Tambong*, outro sucesso em sua carreira, lançado no Brasil em 2001. *Longes* é lançado em 2004, fruto de um aperfeiçoamento formal, de uma linguagem depurada e de arranjos cuidadosamente preparados. Até mesmo no título, esse disco apresenta um cuidadoso trabalho linguístico, visto que “longes” pode significar impressões ou traços vagos, grandes distâncias de tempo e de espaço e impressões, pressentimentos. A mutabilidade da palavra e, conseqüentemente, do ser e dos sentimentos, está na base de sua produção artística.

Ao longo de sua carreira, Vitor Ramil fez shows em todo o Brasil, na Argentina, no Uruguai, na Suíça, na França, entre outros países. Em suas apresentações, contou com o apoio de diversos nomes da canção brasileira, como Egberto Gismonti, Wagner Tiso, Luis Avellar, Zizi Possi, Tetê Espíndola, Nico Assumpção, Hélio Delmiro, Márcio Montarroyos, Leo Gabndelman, Santiago Vazquez, Lenine, Chico César, João Barone, André Gomes, Roger Scarton, Jorge Drexler e Pedro Aznar, entre outros. Além de seus sete discos, já despontou na literatura através de três livros literários. A novela *Pequod* foi publicada em 1995 no Brasil e, a seguir, na França; com ela, ganhou o Prêmio Açorianos e teve sua primeira incursão no universo ficcional.

Satolep, publicado em 2008, é um romance que se estrutura enquanto compilação de diferentes artes – música, fotografia e poesia. Mais do que isso, é a representação literária da estética do frio, personificada na personagem Selbor e em seus deslocamentos pela cidade-espelho. Já *Primavera da pontuação* (2014) vem como experimento linguístico, pelo qual arte e gramática se encontram para produzir uma alegoria sobre as relações de poder. Assim, entre a escrita e a melodia o escritor-compositor traz à tona temas caros à contemporaneidade e à busca identitária que ela promove no indivíduo.

Vitor Ramil (2004, p. 17) questiona-se: “De que modo aquele que não sabe exatamente quem é vai convencer os outros a respeito de si mesmo?” Talvez seja por isso que não apenas a música, mas a literatura, o teatro, o cinema e as outras formas de arte produzidas no Rio Grande do Sul são tão pouco conhecidas nos outros estados brasileiros. Falta a certeza de quem somos. Jorge Luís Borges, célebre escritor argentino, escreveu que a arte deve ser como um espelho que nos revela a própria face. A arte melódica de Ramil busca exatamente refletir, através da identidade local, a expressão de temas universais, compatíveis com o espaço interior de qualquer ser humano: “Não estamos à margem de um centro, mas no centro de uma outra história.” (RAMIL, 2004)



REFERÊNCIAS

RAMIL, Vitor. *A estética do frio: conferência de Genebra*. Porto Alegre: Satolep, 2004.

RAMIL, Vitor. *Satolep*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

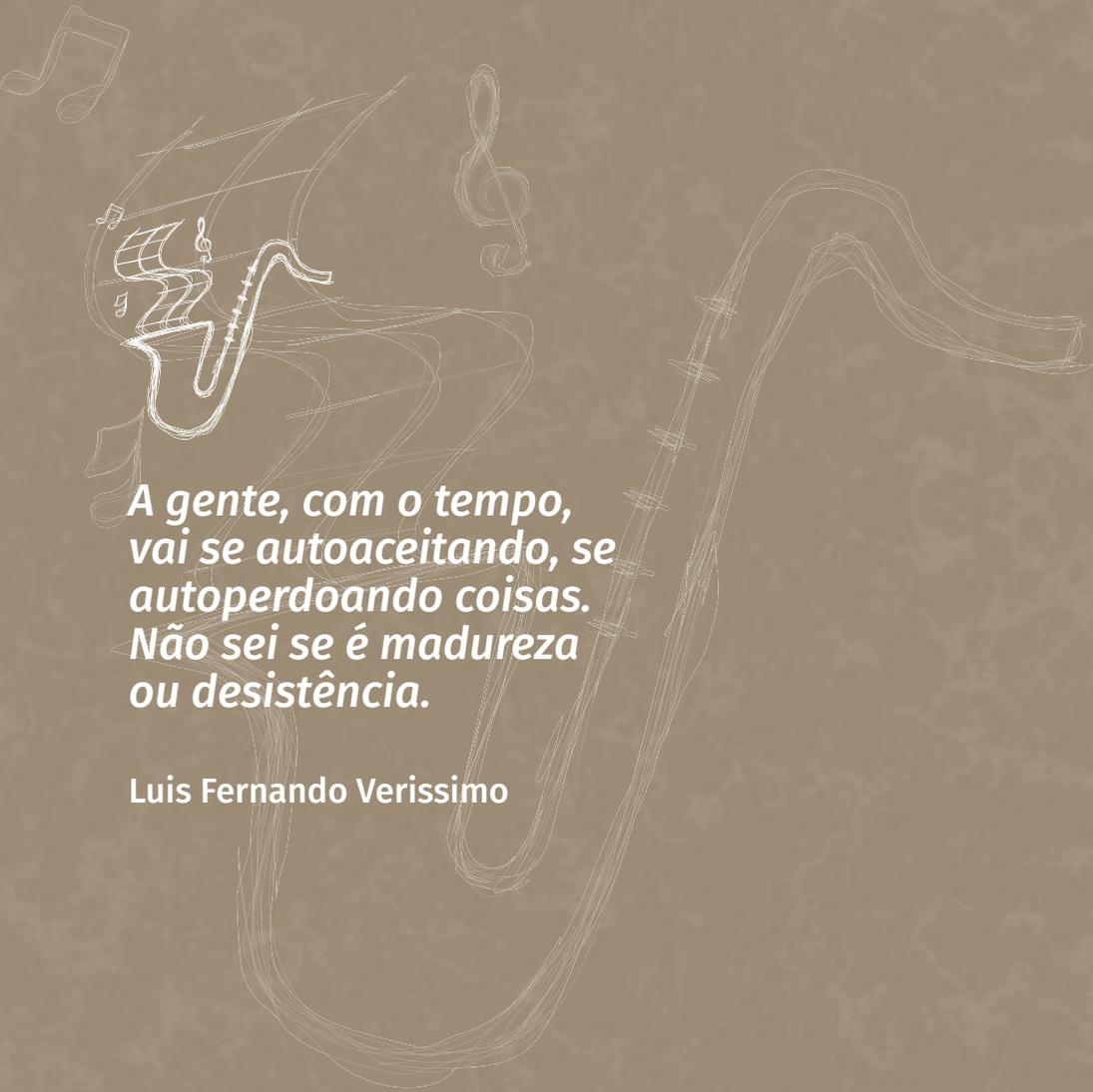
TATIT, Luiz. *O cancionista: composição de canções do Brasil*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

Luis Fernando



Verissimo:

talento inigualável
do jazz à literatura



*A gente, com o tempo,
vai se autoaceitando, se
autoperdoando coisas.
Não sei se é maturidade
ou desistência.*

Luis Fernando Verissimo



LUIS FERNANDO VERISSIMO: TALENTO INIGUALÁVEL DO JAZZ À LITERATURA¹⁰

Como já disse o escritor Zuenir Ventura (*apud* VERISSIMO, 2006, p. 62), Luis Fernando Veríssimo é “o nosso cronista maior”. Jornalista, tradutor, escritor, leitor voraz, cartunista, músico – em apenas uma pessoa, encontramos um catálogo de qualidades, refinadas pela exigência de quem, desde os primeiros anos de vida, esteve em contato direto com o melhor das artes brasileira e estrangeira. Verissimo brinda o título de grande cronista brasileiro, personificando em seus textos alguns valores essenciais ao ser humano, como a criatividade, a ética, a simplicidade e o senso crítico.

Porto-alegrense de coração e morador da antiga casa paterna, nosso escritor teve uma vida marcada por livros e viagens, elementos que determinaram seu gosto cultural. Nascido em setembro de 1936, quando o pai Erico Verissimo já havia publicado *Clarissa* (nome de sua irmã mais velha) e *Caminhos cruzados*, Luis Fernando teve como berço uma época profícua para a literatura brasileira, em especial o romance. Em 1943, mudou-se com a família para os Estados Unidos, já que o pai havia sido convidado a lecionar em Berkeley e Los Angeles, fato que justificou seu forte contato com a língua inglesa e a música internacional.

Voltou a Porto Alegre em 1945, mas, na década seguinte, retornou aos Estados Unidos, desta vez para morar em Washington, onde estudou saxofone – instrumento que sempre o acompanhou ao longo de sua trajetória como músico. Segundo ele, era fã de Louis Armstrong e decidiu que queria aprender a tocar trompete, como o seu ídolo. (VERISSIMO, 2006, p. 13) Em 1964, casou-se com Lúcia, com quem teve os filhos Fernanda, Mariana e Pedro. A seguir, começou a trabalhar como cartunista e colunista de jornais como *O Globo* e *O Estado de São Paulo*. Também morou em New York e em Roma nos anos de 1980. Na música, o jazz é uma das atividades mais apreciadas pelo escritor. Após participa-

9 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, out. 2006.

ções anteriores em grupos musicais, a banda *Jazz 6* foi formada em 1995; com ela, lançou os discos *Agora é a hora*, *Speak low* e *A bossa do jazz e Four*. Entre os compositores mais apreciados e interpretados estão Charlie Parker, Duke Ellington e Thelonius Monk, todos nomes marcantes do jazz mundial.

Da música à literatura, a criatividade de Luis Fernando Verissimo não tem trégua. Ela emana não apenas das diversas atividades artísticas por ele realizadas, mas também é expressa por personagens que se popularizaram nacionalmente a partir de suas narrativas, tais como o Analista de Bagé, a Velhinha de Taubaté, Ed Morte, as Cobras e a Família Brasil. Símbolo da crítica presente na literatura verissiana, a Velhinha de Taubaté foi criada em 1983 e representou a última cidadã a acreditar na política brasileira. Sempre confiante, iludia-se com promessas eleitoreiras e confiava cegamente nos discursos fervorosos que ouvia. Sua morte foi anunciada pelo autor em 2005, aos noventa anos, por desgosto com a onda de corrupção que assolou o país.

Já o analista de Bagé, conhecido por ser mais ortodoxo que “suspensório e pastilha Valda” ou “pomada Minâncora”, é uma imagem caricata do gaúcho, explorando seus estereótipos em meio à vida moderna:

Ao contrário do que se pensa, o analista de Bagé mantém-se a par de todos os desenvolvimentos na área da psiquiatria, embora se declare “freudiano de oito costados” e “mês ortodoxo que pomada Minâncora”. Ele tem uma boa e atualizada biblioteca que consulta com frequência. Sempre que pega um caso mais difícil, no entanto, o analista de Bagé recorre a um grosso volume em alemão na estante do seu consultório. É entre suas páginas que guarda, escritas a toco de lápis em folhas soltas de um caderno de armazém, as máximas do seu pai, o velho Adão. Quando, diante de um caso “dos encroado”, o analista de Bagé se vê “mês apertado que jeans de fresco”, as máximas do velho Adão muitas vezes sugerem uma saída. (VERISSIMO, 2002, p. 70)

Verissimo considera a analista de Bagé uma personagem positiva, pois “queria resolver os problemas dos seus pacientes nem que fosse a tapa” (VERISSIMO, 2006, p. 10) Se de um lado temos o gaúcho rude e franco que procura, através da ‘psicanálise gaudéria’ e de métodos como a ‘técnica do joelho’, resolver os mais variados problemas de seus pacientes, de outro encontramos Ed Morte, figura que satiriza a literatura policial norte-americana, parodiando personagens célebres como James Bond. O sucesso do detetive brasileiro fez com que fosse gravado, em 1977, o filme homônimo, sob direção de Alain Fresnot.

Como cartunista, Verissimo tem um extenso trabalho reconhecido. A Família Brasil representa as inconstâncias classe média brasileira, a padecer pelo consumismo e, por consequência, pela falta de dinheiro. Além dela, as filosóficas e ecléticas Cobras formam uma dupla crítica e inteligente que problematiza, com sarcasmo, questões universais. Em comum, tais criações carregam consigo o humor e a ironia, características marcantes do escritor, corroborando a leveza e a criatividade de suas obras.

Entre dezenas de livros publicados, sem contar antologias e coletâneas, podemos destacar algumas obras representativas do autor: *O popular* (1973), *Ed Mort e outras histórias* (1979). *O Gíglô das Palavras* (1982), *O analista de Bagé* (1981), *A velhinha de Taubaté* (1983), *A mulher do Silva* (1984), *O suicida e o computador* (1992), *Comédias da vida privada* (1994), *Comédias da vida pública* (1995), – crônicas e contos; *O jardim do diabo* (1988), *O clube dos Anjos: gula* (1998), *Borges e os orangotangos eternos* (2000), *O opositor* (2004), *Os Espiões* (2009) – romances; *Traçando New York* (1991) *Traçando Paris* (1992), *Traçando Roma* (1993), *Traçando Porto Alegre* (1994) – viagens; *O santinho* (1991), *Poesia numa hora dessas?!* (2002) – poesia. Cabe destacar também aqui suas publicações em cartuns e quadrinhos, as quais envolvem uma variedade de títulos, os quais compõem um legado cultural próprio, inigualável pela crítica aliada ao humor.

Figura 1 – A vida antes do computador



Fonte: Verissimo (2005)

A diversidade e a riqueza de suas produções literárias trazem como elemento comum a qualidade estilística, a qual se utiliza sem reservas da irreverência e da sátira. Resultado dessa maestria está nos inúmeros prêmios e nas condecorações recebidas, cujos exemplos podemos observar a seguir: Prêmio Abril de Humor Jornalístico (1983), Prêmio Direitos Humanos (1989/1994), Medalha Cidade de Porto Alegre (1991), Prêmio Isenção Jornalística (1991), título Homem de Ideias do Ano (1995), Troféu HQ Mix - Tira (1996), Prêmio Juca Pato (1996), Prêmio Intelectual do Ano (1997) e Prêmio Jabuti (2010), entre outros.

Uma curiosidade acerca do autor é que Veríssimo começou a escrever com mais de trinta anos, fato que permitiu, desde o início, a formação de uma literatura já amadurecida por suas experiências de vida. Dentre as características mais comuns a seus textos, estão a presença da linguagem visual, percebida em narrativas de alto teor pictórico e no significativo interesse pelo universo cinematográfico; a comicidade aliada ao senso crítico; a universalidade dos temas abordados; a simplicidade linguística aliada à clareza jornalística, que busca a força comunicativa e a objetividade; enfim, o gosto pelo jogo de palavras e pela cadência do texto.

A literatura de Luis Fernando Veríssimo não é apenas para ser lida, mas para ser problematizada, visualizada, saboreada. Talvez seja por esse caráter sensorial de seus textos que o escritor se encontre no topo da lista dos escritores mais comercializados do Brasil, com milhões de livros vendidos. É com a literatura do simples que o autor representa a grandiosidade da vida diária urbana. Pela análise criteriosa do público e do privado, ele transforma sentimentos em comunicação. Resumamos, pois: as Veríssimas vozes de sua literatura formam uma orquestra de sentidos, abrindo espaço à compreensão do tempo presente e da condição humana.

Sou um escritor accidental. Não tinha nenhuma intenção de escrever até começar no jornalismo, embora já tivesse feito algumas traduções. Quando me deram espaço assinado no jornal, virei cronista. Foi sem querer. (VERÍSSIMO, 2006, p. 8)



REFERÊNCIAS

VERISSIMO, Luis Fernando. *Todas as histórias do Analista de Bagé*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VERISSIMO, Luis Fernando. *As Aventuras da Família Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005

VERISSIMO, Luis Fernando. *Humor & outras histórias*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2006



Despertar da
História em *Alcy*
Cheuiché



*A pedra guardará para
sempre o seu segredo.*

Alcy Cheuiche





DESPERTAR DA HISTÓRIA EM ALCY CHEUCHE¹¹

Há escritores que transformam a História em ficção e, em um movimento circular, redefinem, pela ficção, a própria História. O gaúcho Alcy Cheuche é um desses redescobridores da força histórica que perfaz o literário. Dentre suas diversas obras – a exemplo de *O gato e a revolução*, lançado na longínqua Feira do Livro de Porto Alegre de 1967 e, logo a seguir, censurado pela ditadura militar; *Sepé Tiaraju: romance dos Sete Povos da Missões*, de 1975, o qual traz consigo o registro da resistência indígena à barbárie gerada pelos colonizadores portugueses e espanhóis na então Província de São Pedro; e *Nos céus de Paris: o romance da vida de Santos Dumont*, publicado em 1998 e agraciado com o Prêmio Laçador no mesmo ano – encontramos os frutos de um trabalho reconhecido não apenas pelos dirigentes da 52ª Feira do Livro de Porto Alegre, da qual foi patrono em 2006, mas por leitores e historiadores que percebem em seu legado a expressão da vida a emergir de um passado repleto de conquistas e cicatrizes.

Através de sua incursão na narrativa histórico-social, Cheuche liga-se a uma vertente que, desde José de Alencar, constitui um dos principais legados da literatura brasileira. Tais produções aproveitam-se de um país com passado recente, retratando questões que também se vinculam à contemporaneidade, a fatos e a personalidades ainda vivos na memória do povo. Com Euclides da Cunha, Erico Verissimo, Cyro Martins, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, chegando a Josué Guimarães, Luiz Antônio de Assis Brasil, João Ubaldo Ribeiro, Letícia Wierchowski e Ana Maria Gonçalves, entre muitos outros nomes, a literatura esteve intimamente integrada à vida brasileira e suas raízes, buscando o equilíbrio entre ficção e realidade. Dessa forma, Cheuche consolida-se no rol de escritores que priorizam a interação entre o passado histórico e o imaginário da nação, destacando-se pela releitura feita de mitos através de um olhar descentralizante, diferente do que foi repassado a nós pelos colonizadores europeus.

11 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, nov.2006.

No Brasil, a literatura – em especial a partir do Romantismo do século XIX, quando o país conquistou sua independência, mas continuou preso às potências de além-mar –, esteve enraizada à busca de uma identidade nacional, a qual, muitas vezes, mostrou-se forjada pela construção de um passado lendário, idealizado, divergente da brutalidade que manchou as páginas da História ao longo de séculos de imperialismo sobre os povos indígenas e africanos. Nas primeiras décadas do século XX, com o projeto estético-ideológico modernista, vigorou a tentativa de desmitificação do passado colonial, a qual trouxe consigo uma nova identidade nacional, calcada na consciência cultural e política. Tal busca resultou na quebra de paradigmas sociais e na formação do nacionalismo crítico, juntando-se, nas décadas posteriores, à industrialização do país, à globalização e à abertura de fronteiras nacionais. Assim, o passado voltou a ser revisitado por escritores em busca da “face perdida” da História brasileira, através de romances direcionados a fatos marcantes do passado, tais como os que percebemos nas obras de Alcy Cheuiche.

Dentro do cenário cultural, Cheuiche possui trabalhos de relevância para o registro da formação sul-rio-grandense. Um exemplo é o romance *Sepé Tiaraju*, no qual a história ficcional confunde-se com a real e, entre ambas, oscila o enredo sobre o grande Sepé, líder da revolta guaranítica contra as forças portuguesas e espanholas do século XVIII. Vitimados pelo Tratado de Madri, que trazia como consequência a expulsão dos índios dos Sete Povos das Missões, esses verdadeiros guerreiros lutaram até a morte pela manutenção de suas terras e de seus lares, em uma guerra que se tornou uma das maiores chacinas indígenas do sul do Brasil, cujas feridas, provocadas pelas barbáries dos colonizadores, tornaram-se fonte de reflexão literária. Desse modo, a narrativa de *Sepé Tiaraju* é tecida pelas mãos de um narrador que testemunha do início ao fim a história de Sepé, interligando suas vidas da mesma forma com que entrelaça ficção e realidade. Segundo Luiz Pilla Vares (*apud* CHEUICHE, 2004), “nesse romance as coisas são postas às claras. Trata-se de uma guerra, uma guerra de extermínio. Um massacre tão brutal que toda uma cultura foi tragada no instante mesmo em que o índio Sepé tombou como símbolo de sua gente.

Já no romance *A guerra dos Farrapos* (1984) – vencedor do Prêmio Ilha de Laytano como melhor livro do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha (1985) –, a exploração sentimental e a consciência política são pilares que fortalecem o desenrolar da narrativa. Por meio do narrador solitário que estabelece uma ponte entre presente e passado, o autor mergulha em imagens históricas, fazendo o leitor emergir do texto transfigurado. A história deixa de ser um mero pano de fundo da obra, constituindo a essência desencadeadora da trama. Nela, nomes que hoje soam indiferentes para nós atuam como persona-

gens complexas, com suas dores, ansiedades, alegrias, medos e falhas. Entre eles, estão João Manuel, Corte Real, Bento Gonçalves, David Canabarro, Gomes Jardim, Giuseppe Garibaldi, Anita Garibaldi, José Bonifácio e o General Netto – pessoas que marcaram para sempre a História do Rio Grande do Sul.

Para além do romance, Cheuiche também se destacou em outros gêneros literários. Como cronista, possui livros como *O planeta azul* (1981) e *Na garupa de Chronos* (2000); como dramaturgo, escreveu *O pecado original* (1986); como poeta, possui destacou-se com *Versos do extremo sul* (1966), *Entre o Sena e o Guaíba* (1968) e *Meditações de um poeta de gravata* (1974). Neles, a partir da temática regional, o autor explora elementos universais caros ao ser humano, como observamos no poema “Que diacho! Eu gostava do meu cusco”: “Entendo. Envelheci entendendo./ Bicho não tem alma, eu sei bem,/ mas será que vivente tem?” (CHEUICHE, 1966).

Nascido em Pelotas em 1940, Cheuiche teve uma infância ligada à vida rural, da qual muitos de poemas e romances nutriram-se. Aos dezoito anos, ingressou na Faculdade de Agronomia e Veterinária na UFRGS. Obteve o primeiro lugar ao final do curso, mérito que lhe concedeu uma bolsa de estudos em Paris. A viagem trouxe-lhe mais que conhecimentos, pois Cheuiche voltou não somente com a certeza de que deveria dedicar-se à escrita, mas também com o primeiro romance. Além disso, o gosto pela literatura aproximou o escritor de autores estrangeiros, como Ernest Hemingway e Jacques Prévert, e brasileiros, como Monteiro Lobato, Mário Quintana e Jayme Caetano Braun. Em 1980, publicou *O mestiço de São Borja* e, em 1990, produziu *Ana sem Terra*, editado na Alemanha. *Jabal Lubnân: as aventuras de um mascate libanês*, cujo enfoque é o hibridismo étnico da própria família, foi publicado em 2003. Seus livros mais recentes incluem romances de perspectiva histórica, como *O farol da solidão* (2015) e *O Velho marinheiro: a história da vida do Almirante Tamandaré*. Entre os inúmeros prêmios recebidos, estão o Troféu RBS (1998), Troféu Laçador (1998), Medalha Mérito Santos Dumont (2001), Medalha Simões Lopes Neto (2002) e Medalha Oswaldo Aranha (2005), o que vem comprovar ao reconhecimento pela qualidade de suas obras.

Com suas obras traduzidas para vários idiomas, Alcy Cheuiche é um exemplo de que é preciso despertar a História de nossa terra e de nossa gente. Pela compreensão crítica do passado da humanidade, chegamos à consciência da própria identidade e percebemos que eles ainda existem entre indivíduo e sociedade. Dessa forma, adquirimos a lucidez de um povo que entende seu presente porque conhece o seu passado – um povo capaz de promover um futuro menos inóspito, mais humano. É essa fissura “ontem-hoje-amanhã” que a literatura nos convida a restaurar.

É hora de soprar as velas. Acender a luz elétrica. Escutar o telefone, as buzinas estridentes, o matraquear de um edifício em construção. É hora de voltar ao ritmo da vida moderna. Um mergulho no passado nos devolve estonteados. (CHEUICHE, 2003, p. 260)



REFERÊNCIAS

VERISSIMO, Luis Fernando. *Todas as histórias do Analista de Bagé*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VERISSIMO, Luis Fernando. *As Aventuras da Família Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005

VERISSIMO, Luis Fernando. *Humor & outras histórias*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2006



O Brasil na
aquarela de
Tarsila do
Amaral



*Encontrei em Minas as cores
que adorava em criança.*

*Ensinaram-me que eram
feias e caipiras.*

*Mas depois vinguei-me da
opressão, passando-as para as
minhas telas: o azul puríssimo,
rosa violáceo, amarelo vivo,
verde cantante...*

Tarsila do Amaral



O BRASIL NA AQUARELA DE TARSILA DO AMARAL¹²

O centenário da Semana de Arte Moderna nos convida a revisitar a obra de uma das maiores representantes da arte modernista no Brasil. Tarsila do Amaral estabeleceu um divisor de águas na produção artística do país, conferindo, juntamente a Anita Malfatti, na pintura, e a representantes da literatura e da música, novos caminhos estéticos no início do século XX. Assim como Chiquinha Gonzaga, na canção popular, Rachel de Queiroz, na prosa, e Cecília Meireles, na poesia, Tarsila integrou-se ao grupo das primeiras grandes mulheres da arte nacional, eternizando as cores brasileiras sem deixar de promover a reflexão e a crítica sobre os processos de assimilação e acomodação cultural. Ninguém melhor que Tarsila soube pincelar o povo, a cultura, a urbanização, a fauna e a flora, em um mix de vanguardismo e resgate da cor local.

Em síntese, sua produção pode ser analisada em algumas fases essenciais. Inicialmente, até integrar-se ao clima estético existente a partir da Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo, em fevereiro de 1922, a artista produziu obras nitidamente impressionistas, a exemplo de *Chapéu azul* (1922). O despertar de sua arte foi impulsionado pelos estudos realizados em São Paulo, onde conheceu Anita Malfatti, e em Paris, onde absorveu estilos de vanguarda. Contudo, somente a partir do momento em que foi formado o Grupo dos Cinco, com Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti e Menotti del Picchia, Tarsila enveredou pelos caminhos da arte modernista. A partir dessa fusão de conhecimentos e técnicas, mesclou sabiamente, em suas obras, cores brasileiras e formas cubistas, em consonância com a irreverência proveniente do Modernismo. Assim, foi originada a pintura Pau-Brasil, ao mesmo tempo em que, na literatura, desenvolvia-se a poesia Pau-Brasil. As imagens cotidianas entraram em cena, contrapondo-se às artes tradicionais, que sempre cultuaram o belo, o sublime, desprivilegiando a realidade diária. Dessa fase, destacam-se obras como *A negra* (1923), *E.F.C.B.* (1924), *A feira* (1924), *A gare* (1924) e *Morro da favela* (1925).

12 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, jan. 2007.

Um trabalho em específico, todavia, foi o responsável por consagrar Tarsila do Amaral, constituindo o ápice de seu legado artístico: *Abaporu* (1928), cujo título significa, em tupi-guarani, “homem que come”. A obra, dada como presente a Oswald de Andrade, deu início ao Movimento Antropofágico, o qual foi liderado pelo próprio Oswald, autor do Manifesto Antropofágico, cuja proposta é “contra todos os importadores de consciência enlatada”. Antropofagia que se resume em devorar tudo o que seja útil à cultura brasileira, à causa modernista, à liberdade crítico-estética, bem como cuspir fora qualquer ideologia alienante e opressora. Com certeza, *Abaporu* constituiu um marco não apenas para a carreira da pintora, mas para a história da arte brasileira. Outras obras tiveram destaque nessa vertente antropofágica, entre elas *O lago* (1928), *A lua* (1928), *Antropofagia* (1929) e *Cartão postal* (1929). Em alguns quadros, também estiveram em voga expressões surrealistas, como percebemos em *O ovo* (1928) e *O sono* (1928).

Ao voltar da viagem feita à antiga URSS, na década de 1930, Tarsila redirecionou seu estilo, propondo mudanças fortes, as quais foram ao encontro da temática social. Com uma visão mais amadurecida do mundo, a artista resgatou mazelas do país, como a pobreza, as diferenças sociais, a alienação e a exploração causadas pela sociedade industrial. *Operários* (1933) e *Segunda classe* (1933) representam a denúncia dos problemas econômicos, políticos e sociais do Brasil. Na década de 1940, a pintora voltou a elementos da brasilidade, porém com mais simplicidade e menos arrojos formais. *Telas como Primavera* (1946) e *Praia* (1947) marcam essas diferenças.

A originalidade de suas telas leva-nos a indagar sobre sua trajetória de vida. Tarsila, nascida em Capivari, São Paulo, foi descendente de fazendeiros e teve na infância e adolescência boas condições financeiras, o que lhe permitiu completar os estudos na Espanha. Desenvolveu seus estudos acadêmicos na França, ao longo dos anos de 1920, quando teve contato com nomes da arte cubista, como Albert Gleizes, e com as produções de Pablo Picasso. Nessa mesma década, casou-se com o escritor Oswald de Andrade, época em que viveu suas fases Pau-Brasil e Antropofagia. Em 1926, houve sua primeira mostra individual, em Paris, onde obteve reconhecimento internacional. O romance com Oswald, todavia, não se sustentou, findando em 1930.

Tarsila foi presa em 1932 devido a seu posicionamento ideológico. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1935, trabalhando nessa época na imprensa como colunista e ilustradora. Nas próximas duas décadas, também trabalhou como cronista no Diário de São Paulo, o que mostra o trânsito estabelecido entre diferentes artes. Outra mostra desse diálogo está na produção *Nascimento de*

Macunaíma (1956), uma homenagem a Mário de Andrade e sua obra literária (AMARAL, 2003, p. 394).

Em 1951, expôs na I Bienal de São Paulo e, em 1964, participou na XXXII Bienal de Veneza. Veio a falecer em 1973, em São Paulo. Segundo a historiadora e crítica de arte Aracy Amaral (2003), mesmo depois de mais de 35 anos estudando e revendo Tarsila, há sempre material a ser descoberto para novos enfoques de sua personalidade e sua obra. Foram mais de oitenta anos de dedicação às artes, de ilusões amorosas, silêncios, incompreensões, reconhecimento, viagens e retornos. Alguns anos de estudos intensos; outros, de trabalho árduo. Anos que entraram para a história cultural da nação e que foram responsáveis pelo entrelaçamento entre artes visuais e literatura pela mão precisa de Tarsila do Amaral:

Escreveu como pintou: devagar, aprimorando o pensamento e o traço sobre o papel em branco, bem como o desenho sobre a tela ainda intacta. Traços que se entrecruzam como os sons de uma orquestra, também as linhas das crônicas de Tarsila definem seu caminho. Se seus pincéis abrem o espaço para suas imagens fantásticas, mas sempre ordenadas, áreas de cores que se tangenciam criando limites e estruturas geometrizadas, suas palavras são organizadas por lembranças de muitos momentos que também parecem formar uma linha quase contínua. (HOFMANN, 2010, p.78)

Tarsila pintou a sua, a nossa vida, enchendo-a com os matizes do pensamento crítico, da sensibilidade, da criatividade, da liberdade. É por isso que, quando nos defrontamos com a aquarela brasileira que compõe o seu legado artístico-cultural, não podemos deixar de questionar, por meio dela, o Brasil que temos hoje, com suas mazelas e com seus desafios.



REFERÊNCIAS

AMARAL, Aracy. *Tarsila: sua obra e seu tempo*. São Paulo: 34, 2003.

HOFMANN, Maria Helena Cavalcanti. *A Linha que Contorna a Crônica: a Obra de Tarsila do Amaral*. 2010. Dissertação (Mestrado em História e Crítica da Arte) – Programa de Pós-graduação em Artes, UERJ, Rio de Janeiro, 2010.

Um mito
chamado

 Elis



Decifra-me ou devoro-te?

***Não vai me devorar, nem me decifrar
nunca. Eu sou a esfinge, e daí?***

Elis Regina



UM MITO CHAMADO ELIS¹³

Em 1982, Elis Regina deixava este mundo para se tornar um mito da Música Popular Brasileira. Dona de uma voz poderosa, que ecoou em diversos países, como Estados Unidos, França, Inglaterra, México, Suíça, Alemanha, Portugal, e que ainda ecoa, seu cancionário extravasa paixão e dor, delicadeza e força pelos confins da Terra. Rainha da interpretação musical, Elis viveu na época de ouro da MPB, anos de contrastes pela repressão política no país, que provocava censuras, exílios, prisões e mortes. Em um Brasil ditatorial, a arte expressava sentimentos provenientes da realidade brutal que abalava os nervos e a alma dos artistas.

A gaúcha de Porto Alegre, nascida em dezessete de março de 1945, Elis Regina Carvalho Costa foi criada em uma família que ouvia com regularidade a Rádio Nacional e a Rádio Belgrano, da Argentina. Uma família que, quando podia, reunia-se no domingo para cantarolar, jogar conversa fora, dar risada. E foi em um desses encontros que surgiu a ideia de levar Elis ao Clube do Guri – programa infantil da Rádio Farroupilha -, mas a criança tímida e estrábica, de apenas sete anos, não conseguiu entoar uma palavra naquele dia. Somente cinco anos depois, por vontade própria, Elis apresentou-se e obteve aprovação imediata, o que lhe permitiu lugar de destaque na Rádio até os treze anos, quando foi contratada para cantar na Rádio Gaúcha, por um cachê que superava o salário familiar. Foi dessa forma que conquistou muito cedo sua independência, mas também que iniciaram os atritos familiares, os quais perduraram ao longo da carreira e fizeram-na afastar-se gradativamente dos pais. Segundo Regina Echeverria (2003. p. 23), “o sonho de sucesso aconteceria, sim, mas sua menina nunca mais seria a mesma. Nem pequena, nem dócil”.

Aos dezenove anos, Elis chegou ao Rio de Janeiro, em pleno ano de Golpe Militar, época de florescimento da Bossa Nova pelas noites cariocas. Próxima a grandes empresas, produtores e compositores, foi fácil resplandecer a grande

13 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, fev. 2007.

estrela que, em menos de um ano, se popularizava nacionalmente. Meses depois, já despontava no programa Noites de Gala, promovido pela TV Rio, esbanjando seu dom natural através do preto-e-branco da tela. Suas apresentações em espaços musicais do Rio tornaram-se costumeiras, ampliando a popularidade da artista.

Contudo, a vida pessoal de Elis não era fácil: além das dificuldades no convívio familiar, os relacionamentos amorosos eram conturbados e marcados por ressentimentos mútuos. Solano Ribeiro, produtor musical, foi seu primeiro namorado após a chegada ao Rio de Janeiro, mas a separação ficou inevitável após um aborto realizado pela cantora às escondidas (ECHEVERRIA, 2003, p. 29). Em 1965, após desentendimentos com seus produtores, foi para São Paulo, ano em que venceu o I Festival de Música Popular da Excelsior e foi premiada como melhor intérprete no I Festival de Música Popular Brasileira, consagrando-a de vez no país.

A partir de então, Pimentinha – como lhe apelidara Vinícius de Moraes – entrou para a Record e pôde deliciar-se com o salário mais alto concedido a um artista, na televisão brasileira, até aquele momento. Em 1967, casou-se com Ronaldo Bôscoli, com quem viveu uma relação conturbada até a separação e teve o filho João Marcelo. Alguns anos depois, a cantora conheceu César Camargo Mariano com quem teve dois filhos, Pedro e Maria Rita, hoje cantora e produtora musical. Nos anos de 1970, veio a parceira musical com Tom Jobim, com quem lançou discos memoráveis, apresentou-se em concertos e participou de gravações no exterior. Em 1976, Falso Brillhante ganhou o prêmio de melhor show do ano pela Associação Paulista dos Críticos de Arte e, 1979, ano da Anistia no Brasil, Elis apresentou-se na Bélgica, na Suíça e no Japão.

Arte e repressão travaram uma luta corporal ao longo da vida de Elis Regina. “A liberdade de cantar, de se expressar, por vezes se tornou também prisão: “Em 1972, durante a Semana da Pátria, Elis foi convidada – ou convocada – a cantar nas Olimpíadas do Exército. Cantou. Cantou o Hino Nacional.” Em entrevista, na Holanda, a cantora dissera que o país era “governado por gorilas” (ECHEVERRIA, 2003, p. 118), um tempo de ameaças e punições, de liberdade tolhida e de ânsia por dias melhores – momento histórico que, em muitos aspectos, se assemelha às falácias da dias de hoje.

Gana, vontade de vencer, sensibilidade, percepção: girava em Elis, incessantemente, um turbilhão de sensações, por vezes paradoxais. Essa mesma ânsia que a fazia prosperar mais e mais profissionalmente, perturbava-a na vida pessoal. Elis queria a perfeição a todo custo, e não a encontrava. Infelizmente, sua capacidade musical não foi suficiente para salvá-la: a afinadíssima Elis Regina fez desafinar a própria vida ao entrar no submundo das drogas. Foram elas

que fizeram soar a nota final de sua melodiosa existência. Elis morreu no próprio quarto, em São Paulo, dia 19 de janeiro de 1982. Ao saber de sua morte, Gilberto Gil escreveu em homenagem: “sua voz será de todas as canções, sua alma de todos os corações.” (ECHEVERRIA, 2003, p. 189)

Ao longo de sua trajetória musical, Elis gravou mais de vinte discos, sem contar as coletâneas, as participações em produções de outros cantores e os lançamentos póstumos. Entre as produções mais populares estão *Viva a Brotolândia* (1961), *Dois na Bossa* (1965), *O Fino do Fino* (1965), *Elis e Tom* (1974), *Falso Brilhante* (1976), *Elis – Transversal do Tempo* (1978), *Elis, Essa Mulher* (1979) e *Saudade do Brasil* (1980). Foram inúmeras interpretações, de mais de uma centena de compositores, entre os quais se destacam Tom Jobim, João Bosco, Edu Lobo, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Baden Powell, Ivan Lins, Caetano Veloso, Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Tim Maia, Belchior, Dorival Caymmi, Jorge Ben, Roberto Carlos e Erasmo Carlos. Elis cantou seu tempo e personalizou as contradições de um mundo entre luzes e sombras, liberdade e repressão, arte e morte. O talento de Elis é, até hoje, um brilhante inatingível, o qual fascina, apaixona, subverte, atrai e comove. Elis transcende o humano: é um verdadeiro mito.

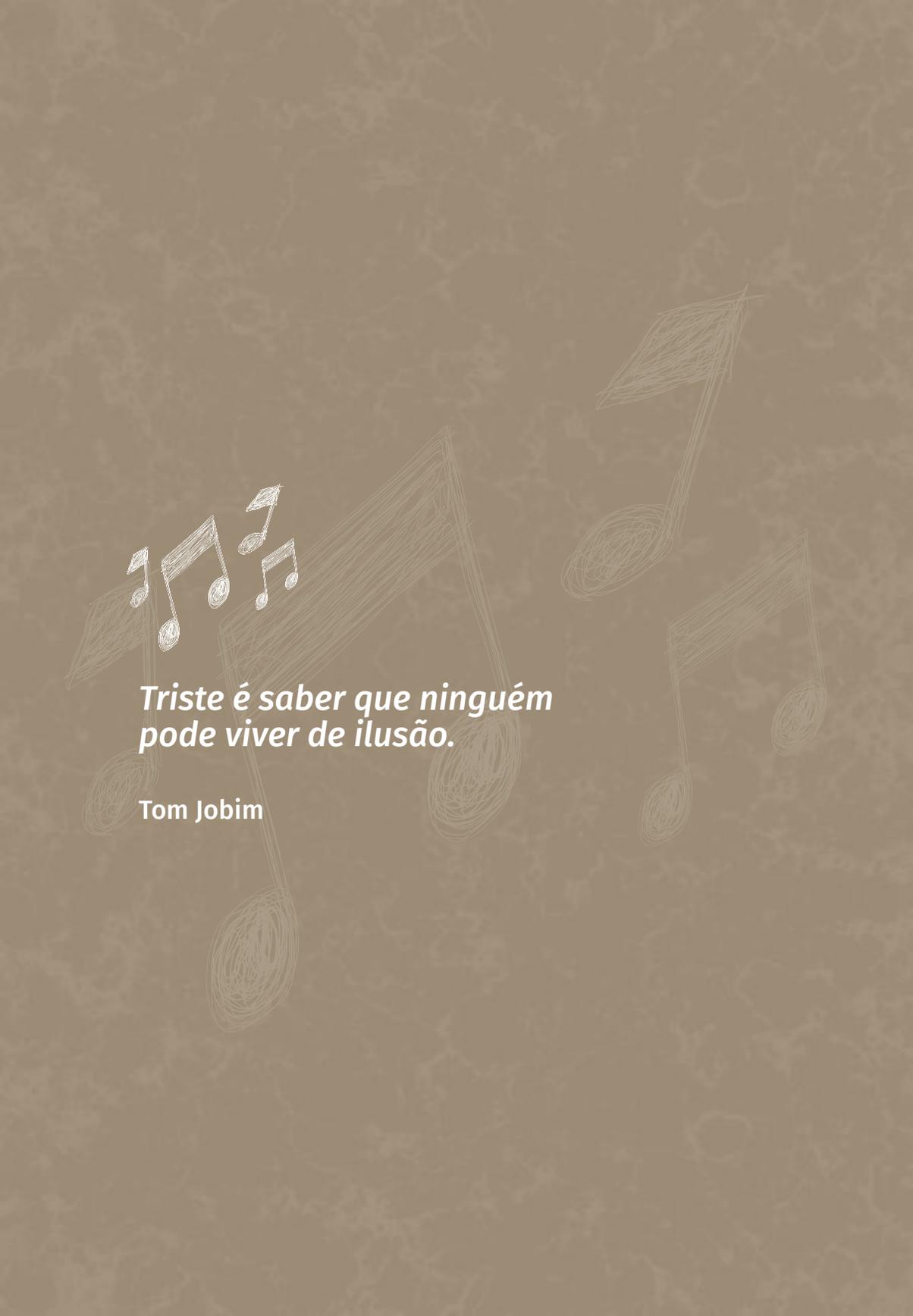


REFERÊNCIAS

ECHEVERRIA, Regina. *Furacão Elis*. 3.ed. São Paulo: Globo, 2002.



Sob os
acordes de
Tom Jobim



***Triste é saber que ninguém
pode viver de ilusão.***

Tom Jobim



SOB OS ACORDES DE TOM JOBIM¹⁴

Nem mesmo Frank Sinatra, teve dúvidas: Tom Jobim é um dos maiores compositores do mundo. Gênio no piano e maestro da Música Popular Brasileira, à qual conferiu novos acordes e perspectivas, foi entre arranjos e melodias passionais que nosso músico, cancionista e compositor conseguiu amalgamar raízes populares e eruditas, comprovando sua magistral competência no universo da música.

Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim teve mescladas às origens gaúcha e carioca, já que seus pais Jorge Jobim e Nilza Brasileiro de Almeida nasceram e casaram-se no Rio Grande do Sul, mudando-se em seguida para o Rio de Janeiro, onde ele nasceu, em 1927. As raízes familiares contribuíram para o seu desapego regional: “Meu pai era gaúcho de São Gabriel. O meu avô, paulista. A minha mãe, carioca. E eu nasci na Tijuca. Mas por acaso.” (ROSSI, 2007)

A música palpitou em seu sangue desde os mais tenros anos da infância, quando o menino Tom participava dos encontros musicais da família e, muitas vezes, em vez de dormir com o contar de uma história, o fazia ao som de uma canção entoada por sua mãe. Em sua adolescência, talvez o fato mais marcante tenha sido o piano recebido de presente, que o fez definitivamente mergulhar no universo musical. Praticava aulas de piano, aprendia violão com familiares, produzindo, assim, conhecimentos essenciais a sua formação como artista.

O intenso contato com a natureza, oportunizado por ter morado na Tijuca, em Ipanema e no Jardim Botânico, fizeram com que Jobim despertasse em si uma apurada visão ecológica. Grandes composições como “Chega de saudade”, “Corcovado”, “Matita Perê”, incluindo a obra-prima “Águas de março”, contaram com a inspiração de lugares cercados por belezas naturais, onde o compositor buscava a harmonia dentro e fora de si e a inspiração para suas melodias (ROSSI, 2007). O sítio Poço Fundo foi um desses paraísos, e sua primeira esposa, The-reza, sempre o acompanhava com lápis e papel, a fim de que nenhum verso se

14 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, mar. 2007.

perdesse. Para Rachel de Queiroz (*apud* ROSSI, 2007), “Águas de março” (1972), mais que uma canção, foi um espaço de encontro entre a música e a poesia:

[...] poema musical, coisa bela e estranha, dura; fere o coração com um toque de pedra e depois o afoga na cheia das águas. Promete e recorda, memórias de infância e angústias da força do homem. E até num velho pode suscitar nostalgias antigas. [...] para muita gente a última esperança. (QUEIROZ *apud* ROSSI, 2007)

Tom foi influenciado fortemente por artistas como Villa Lobos, Ary Barroso e Dorival Caymmi. Também apreciava a obra de escritores como Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, os quais contribuíram em sua formação enquanto artista. As preferências e experiências procurou transmitir desde cedo aos filhos Paulo, Elizabeth (do primeiro casamento), João Francisco e Maria Luíza (do segundo casamento).

Segundo Luiz Tatit (2002. p. 160), “Tom Jobim pôs toda a sua competência musical (teórica e intuitiva) a serviço da canção”, e foi o movimento da bossa nova que marcou a sua decolagem. Inspirada no jazz americano, a bossa-nova de João Gilberto teve o apoio de Tom desde seu início e marcou época através de um estilo que influenciou profundamente as gerações posteriores. A primeira parceria de ambos foi com a gravação do disco *Chega de saudade* (1959). Trabalho árduo de paciência revigorado em 1963, nos Estados Unidos, com a gravação de *Getz/Gilberto*. Já no disco *Canção do amor demais*, de 1958, foi destaque a parceria de Tom Jobim com a cantora Elizabete Cardoso, afinada e experiente, com a qual houve, além da relação profissional, uma grande amizade. Na mesma época, compôs com o amigo de infância Newton Mendonça músicas emblemáticas, como *Desafinado* (1958) e *Samba de uma nota só* (1959).

Talvez a sua principal parceria tenha sido com o poeta Vinicius de Moraes, iniciada com o trabalho em conjunto para musicar a peça teatral *Orfeu da Conceição* (1956). A partir daí não mais deixaram de compor e gravar juntos; com Vinicius, outras composições de destaque foram registradas nos discos *Por toda a minha vida* (1959), *Brasília: sinfonia da Alvorada*, (1960), *Tom, Vinicius, Toquinho, Miucha*, (1977) e *Garota de Ipanema* (1962). Da amizade entre ambos restaram inúmeras lembranças: entre elas, as tardes em que ambos compunham ao piano e as noites em que curtiam música e cerveja nos bares cariocas, em companhia de amigos.

Em 1968, venceu com Chico Buarque o III Festival Internacional da Canção, com a canção Sabiá. Essa parceria rendeu-lhe não apenas uma sólida amizade, mas também inúmeras composições. Delas destacam-se “Olha, Maria” (1971),

“Anos dourados” (1986) e “Trem azul” (1989). Chico sempre soube valorizar a influência musical e os ensinamentos recebidos de Tom Jobim:

Quando o Tom entra com um acorde dele, parece que abriram a janela. [...] Viu Águas de março sendo rabiscada. Às vezes, acho que é o samba mais bonito do mundo. Me deu dois dicionários de espanhol, um de inglês, me emprestou *The waste land* em italiano, me releu Drummond, me emprestou seu feiticeiro, me ensinou arquitetura. (BUARQUE *apud* ROSSI, 2007)

A parceria com Frank Sinatra foi crucial para a divulgação internacional de seu talento e a consolidação de sua carreira. Com ele, gravou os discos *Francis Albert Sinatra & Antonio Carlos Jobim*, (1967) e *Sinatra & Company* (1971). Nos anos seguintes, os discos *Matita Perê* (1973) e *Urubu* (1975) marcaram a divulgação das composições mais inovadoras de Tom, duelo de forças poéticas e instrumentais, as quais se uniram ao seu caráter reflexivo e foram elogiadas celebridades como Drummond. Em 1974, foi a vez de Tom gravar em Los Angeles com Elis Regina, em ocasião dos dez anos de carreira da cantora, trabalho que resultou em um dos melhores discos da MPB: Elis e Tom.

A Banda Nova, que o acompanhou por uma década, foi formada em 1984, com auxílio do filho Paulo Jobim e da segunda esposa, Ana Beatriz Lontra Jobim. Vieram assim shows internacionais em países como Áustria, Portugal, Suíça, Itália e Estados Unidos; é importante salientar que foi em solo estrangeiro que houve, em primeira mão, o reconhecimento de sua maestria, fato que muito desiludiu o músico em relação ao Brasil. No cinema, compôs trilhas sonoras para filmes diversos, a exemplo de *Garota de Ipanema* (1967), de Leon Hirszman, *Crônica da casa assassinada* (1971), de Paulo César Saraceni, *Eu te amo* (1981), de Arnaldo Jabor, *Gabriela* (1983), de Bruno Barreto, sem esquecer da minissérie gravada pela TV Globo, *O tempo e o vento* (1985), inspirada na obra de Erico Veríssimo.

Por ocasião da Eco-92, evento ecológico ocorrido no Rio de Janeiro, Tom participou com a composição “Forever green”, cantada por Plácido Domingo em um concerto de grande sucesso. Seu último lançamento foi em 1994, com Antonio Brasileiro. Homenagens rechearam seus últimos anos de vida: recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Nova de Lisboa e pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nosso Maestro Soberano, como Chico Buarque o intitulava, veio a falecer em dezembro de 1994, aos 67 anos, deixando um legado de quase quarenta discos lançados.

A preocupação de Jobim com a preservação de suas músicas levou-o a fundar a editora Corcovado Music que, anos depois, tornou-se a Jobim Music. Tal

preocupação manteve-se com família após a sua morte, através da fundação do Instituto Antonio Carlos Jobim, fundado em 2021 “com objetivo preservar e disponibilizar para o público, especialmente para estudantes e pesquisadores a obra musical e poética do Maestro Antônio Carlos Jobim, e, além disso, seu pensamento, admiração e preocupação com a preservação da natureza do Brasil.” (JOBIM, 2020)

Jobim é a personificação da MPB. Nosso Brasileiro formou, sob seus acordes, um Brasil repleto de densidade melódica. O puro simples da linguagem embrenhou-se em meio às metáforas da natureza viril, composta pela riqueza da fauna e da flora e pelo devir do tempo, mas também pela dor humana: “Tudo quanto existe, chora. Não tentes evitar a dor.” (JOBIM *apud* ROSSI, 2007). Tom Jobim é voz harmônica que deveria ser projetada hoje no Brasil, país de dimensões colossais, mas de ações, tantas vezes, apequenadas pela falta de amor, de respeito à natureza, à diversidade cultural e aos povos originários. “O resto é mar”, é tudo que nunca saberemos contar.

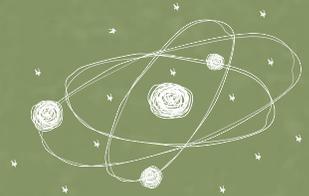


REFERÊNCIAS

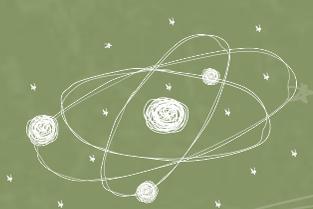
JOBIM. Instituto Antonio Carlos Jobim. *Sobre o Instituto*. 2020. Disponível em: <https://www.jobim.org/index.html#features4-d>. Acesso em: 15 abr. 2022.

ROSSI, Fred. *Tom Jobim: anotações com arte*. São Paulo: Design Tutu, 2007.

TATIT, Luiz. *O cancionista: composição de canções do Brasil*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

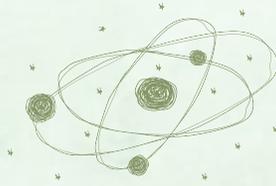


O mundo na órbita de Chico Buarque



*Palavra minha
Matéria, minha criatura, palavra
Que me conduz
Mudo
E que me escreve desatento, palavra*

Chico Buarque



O MUNDO NA ÓRBITA DE CHICO BUARQUE¹⁵

O filósofo alemão Theodor Adorno (2000, p. 65) diz-nos que “a música constitui, ao mesmo tempo, a manifestação imediata do instinto humano e a instância própria para o seu apaziguamento”. Por meio dela, sentimentos e sensações são explorados; ela também é mecanismo de resistência, de luta e sangria; em torno dela, congregam-se “saciadas as diversas formas do instinto humano”. Com sua produção artística enraizada na Música Popular Brasileira, Chico Buarque de Holanda, cantor, compositor e escritor, transgrediu os padrões de seu tempo, criando um universo musical de formas múltiplas e convergentes, nas quais encontramos o amante, o malandro, o político, o poeta, enfim, o humano em contato com o mundo real e imaginário.

A intensidade e a profundidade das canções de Chico vão ao encontro da afirmação de Luiz Tatit (2002): a dicção de Chico está visceralmente comprometida com o mito, o drama e as emoções. Ao mesmo tempo em que se posicionou como ferrenho crítico social, contornou seus versos de paixão e tensão, lapidando seus arranjos com originalidade, o que fez com que suas canções ultrapassassem as fronteiras musicais, chegando ao campo da dramaturgia, da literatura, do cinema. Aí está a multiplicidade de Chico: em suas atividades culturais, absorveu o que havia de melhor na MPB e ousou entrelaçar, em seu processo criativo, ironia, paixão, revolta, humor e sabedoria, inundado de poesia suas produções.

O legado de Chico não veio ao acaso: nascido em 1944, no Rio de Janeiro, recebeu desde cedo intensa formação intelectual, em especial proporcionada pelo pai, o historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda. Além disso, nutriu um amor incondicional pela música por meio da mãe, a pianista Maria Amélia Cesário Alvim. Em 1953, pelo fato de o pai ter lecionado na Universidade de Roma, a família mudou-se para a Itália, no repertório linguístico-cultural de Chico. De volta ao país, Chico se tornara um leitor voraz de clássicos franceses,

¹⁵ Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, abr. 2007.

russos e alemães, redescobrimdo anos depois os grandes nomes da literatura brasileira. Assim, música e literatura sempre estiveram lado a lado na trajetória de vida do artista.

Um sonho de Chico Buarque? Cantar como João Gilberto, fazer música como Tom Jobim e letra como Vinicius de Moraes (BUARQUE *apud* SALOMÃO, 2004). Sua primeira composição foi “Canção dos olhos” (1959), escrita quando ele tinha apenas quinze anos. Em 1963, iniciou a graduação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, em São Paulo, porém, devido à repressão que assolava as universidades na década de 1960, acabou por abandonar o curso. No ano seguinte, houve sua primeira grande apresentação em show, organizado por Elis Regina e intitulado *O Fino da Bossa*, no Teatro Paramount, em São Paulo. Em 1966, “A Banda” – música que eternizou o compositor quando este tinha apenas 22 anos – venceu o II Festival da Música Popular Brasileira, prêmio dividido com *Disparada*, de Geraldo Vandré. No mesmo ano, teve seu primeiro LP lançado e conheceu a atriz Marieta Severo Lins, com quem teve três filhas: Sílvia (1969), Helena (1970) e Luísa (1975). A estreia como ator ocorreu com o filme *Garota de Ipanema* (1967); no mesmo ano, Chico escreveu a peça *Roda Viva*, sua primeira incursão como dramaturgo. Ao todo, Chico gravou mais de quarenta discos, com célebres parcerias, entre as quais se destacam Elis Regina, Edu Lobo, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Toquinho, Nara Leão e a irmã Miúcha.

Uma de suas maiores contribuições artísticas, no entanto, revela-se em sua resistência contra a ditadura militar, nos chamados ‘anos de chumbo’, o que lhe ocasionou perseguições e o autoexílio na Itália. A canção “Apesar de você” foi censurada, e os discos, recolhidos. Mesmo assim, o álbum *Construção* (1971) conseguiu ser lançado. Em 1973, produziu com Ruy Guerra a peça *Calabar*, a qual foi impedida de ser apresentada pela censura durante anos, gerando ainda mais indignação no poeta. Devido à força da repressão política, Chico criou o heterônimo Julinho da Adelaide, a fim de facilitar a liberação de canções pela censura. Anos difíceis, que duraram décadas. Se o silêncio emudecia e aprisionava, a arte gritava ainda mais alto em busca da liberdade.

Ninguém

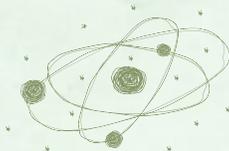
Ninguém vai me acorrentar
Enquanto eu puder cantar
Enquanto eu puder sorrir
Enquanto eu puder cantar
Alguém vai ter que me ouvir
Enquanto eu puder cantar
Enquanto eu puder seguir
(BUARQUE, 1971)

A dramaturgia teve papel de destaque na produção artística de Chico ao longo dos anos de 1970. A peça *Gota d'água* (1975) insere-se em seu repertório de resistência, com a releitura da obra *Medéia*, de Eurípedes, pela qual recebeu o prêmio Molière. Outra obra significativa foi a *Ópera do malandro* (1978), dirigida por Luis Antônio Martinez Corrêa, com participação de Chico para a composição do texto e das canções. O musical *Os saltimbancos* (1977), inspirado no conto "Os Músicos de Bremen", dos irmãos Grimm, é outra preciosidade da época, trazendo elementos de reflexão crítica sobre as relações sociais a partir de um enredo para todas as idades. É nessa mesma década que o livro *Fazenda modelo* (1974) é publicado, para, por meio de uma alegoria com animais-personagens, tecer uma terminante crítica às formas de dominação e ao cerceamento da liberdade.

Tom Jobim disse que, “para o Brasil, é uma coisa muito boa ter um Chico Buarque. Ele é um gênio da raça, depositário da cultura popular brasileira. Grande poeta, grande músico, grande letrista, grande escritor, grande tudo.” (JOBIM *apud* CALIL, 1994) Em sua grandeza, ele precisava ir além, e isso se concretiza pelo voo que faz entre as artes. Na literatura, o romance *Estorvo* (1991) foi adaptado para o cinema e teve participação no Festival de Cannes. *Benjamin* (1995) veio para interligar de forma inovadora fotografia e literatura, através de uma narrativa formada por *flashes* do presente e do passado, que resgatam a instantaneidade da vida e a conseqüente solidão humana, em um mundo carente de elos afetivos. O romance, *Budapeste* (2003), premiado e traduzido para vários idiomas, trouxe consigo a linguagem como a grande personagem do texto, em meio à qual interação ficção e realidade, em um jogo de enigmas e simulacros, metáforas da própria vida. Com forte caráter poético, Chico resgata nesse romance a condição de estrangeiro por meio da trajetória de José Costa rumo ao desconhecido. Já *O irmão alemão* (2014), romance que entrecruza elementos autobiográficos e literários, descortina, pela memória do narrador e em meio a sua busca pelo irmão desconhecido, os anos da Ditadura Militar no Brasil.

Chico é um artista da resistência, seja velada ou explícita. Enquanto compositor e escritor, soube articular arte e sociedade, transgredindo regras e abrindo caminhos em tempos de sombras, mas também de esperança. Com ele, há espaço ao plural: oscilam em suas composições melancolia e revolta, ira e paixão, instinto e intelectualidade, morte e vida. O poder de lapidar as palavras, aliada à consciência das arbitrariedades do mundo, constitui a força poética de Chico – e da arte brasileira. Sob seu olhar e sua voz, resistimos, ainda hoje, à democracia em risco, ao que “não tem decência nem nunca terá”, ao que “não tem vergonha, nem nunca terá”, ao que “não faz sentido” (BUARQUE, 1976). Bus-

quemos, pois, na órbita do pensamento da estética de Chico Buarque, o engajamento crítico e, com ele, a análise profunda do ser humano.



REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *O fetichismo na música e a regressão da audição*. In: ADORNO, Theodor W. *Textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SALOMÃO, Graziela. *A vida de Chico Buarque de Hollanda*. Época, jun. 2004. Disponível em: <http://chicobuarque.com.br/texto/index.html>. Acesso em: 15 abr. 2022.

BUARQUE, Chico. *Cordão*. In: *Construção*. Phonogram; Philips: 1971. Disponível em: http://chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=cordao_71.htm. Acesso em: 15 abr.2022.

BUARQUE, Chico. *O que será (À flor da Terra)*. In: *Meus Caros Amigos*. Phonogram; Philips: 1976. Disponível em: http://chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=oqueaser_76.htm. Acesso em: 15 abr.2022.

CALIL, Ricardo. *Jobim chama compositor de 'gênio da raça'*. Folha de São Paulo, São Paulo, 18 jun. 1994. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/18/ilustrada/9.html>. Acesso em: 15 abr. 2022.

TATIT, Luiz. *O cancionista: composição de canções do Brasil*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2002.



O enigma do olhar através da arte de
Candido Portinari



*Quanta coisa eu
contaria se pudesse
E soubesse ao menos a
língua como a cor...*

Candido Portinari



O ENIGMA DO OLHAR ATRAVÉS DA ARTE DE CANDIDO PORTINARI¹⁶

Quando nos prostramos diante de uma obra de arte, é como se estivéssemos em frente à própria Esfinge, indagadora e enigmática. É ela que desafia nosso olhar e nos questiona, a fim de descobrir se temos uma chave, uma resposta para suas perguntas, sempre pronta para nos devorar em sua fome muda e hipnotizante. É ela quem diz: “Decifra-me ou devoro-te”. Ao contrário do que muitos imaginam, não somos nós que questionamos uma obra de arte: é ela, sob o olhar oculto do artista-criador, que pede a nós uma interpretação, uma imagem epifânica, um desfecho. Dessa forma, temos em nossas mãos, em nosso olhar, a incompletude da arte, à espera de que possamos contribuir a esse infundável mosaico, que se desfaz e refaz na iminência de uma nova mirada.

O mundo pictórico de Candido Portinari – brasileiro descendente de italianos, que nasceu no interior de São Paulo, em 1903 – inicia com o desbravamento de imagens tipicamente brasileiras, oriundas das mais diversas situações vivenciadas pelo povo: o trabalho, a fome, as festas, o amor, a dor, a morte, entre tantas outras, as quais estão imersas em recordações colhidas da vida do próprio pintor, mágico que eterniza o tempo e coletiviza as mais particulares experiências. Portinari (*apud* FENSKE, 2011), a respeito da própria obra, muito cedo afirmou: “o alvo da minha pintura é o sentimento. Para mim, a técnica é meramente um meio. Porém um meio indispensável.”

Após uma infância pobre e sofrida em meio às fazendas de café, Portinari iniciou sua trajetória de artista como ajudante de decoradores de igrejas, até partir para o Rio de Janeiro e matricular-se na Escola Nacional de Belas Artes, onde estudou por vários anos. Somente em 1922 – ano da Semana de Arte Moderna, em São Paulo –, teve sua primeira exposição, marcada pelas tendências tradicionais do Rio de Janeiro, onde o movimento modernista não teve grande

16 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, maio 2007.

repercussão. Contudo, em 1928, com a apresentação de suas obras nas XXXV Exposição Geral de Belas Artes, algo transforma a sua vida: Portinari ganha o Prêmio de Viagem à Europa, com o Retrato de Olegário Mariano (PROJETO PORTINARI, 2022). No ano seguinte, após sua primeira exposição individual, na qual teve liberdade para apresentar obras que fugiam às imposições tradicionais, viajou para a Europa, a fim de renovar-se e pesquisar tendências da arte internacional. Nessa época conheceu a uruguaia Maria Victória Martinelli, companheira de toda uma vida, com quem tem o filho João Candido, responsável pela criação do Projeto Portinari, que abriga a história e o acervo do artista:

Lembro-me quando, há 22 anos, foi se esboçando em mim a necessidade de fazer o Projeto Portinari. O Brasil saía do regime militar e, com a Anistia, brotavam por toda parte e em todos os setores da vida nacional movimentos e projetos dedicados a buscar o Brasil, a resgatar, para nós mesmos e, sobretudo para as novas gerações, as criações dos homens e mulheres que construíram a nossa arte e a nossa cultura, este largo e poroso corpus que define o que é ser brasileiro. (PORTINARI, 2000)

A partir da Revolução de 1930, no governo de Getúlio Vargas, houve uma renovação das tendências e instituições artístico-culturais do país, fato que permitiu a inclusão de obras de diferentes estilos em exposições. Sempre engajada a seu tempo sociocultural e político, a obra de Candido transformou-se, dando fôlego a uma obra preocupada socialmente com a diversidade brasileira; retratou, assim, representantes anônimos de um país rico e miserável e, com eles, a exploração do trabalho operário, a pobreza, o flagelo da seca, a dor, enfim, a vida que reside nas rugas de cada rosto. A obra *Despejados* (1934) abriu o conjunto de produções engajadas à denúncia social. Além dela, *O mestiço*, *Café*, *Negros e mulheres carregando sacos* e *Operário* foram cruciais à consolidação do artista dentro e fora do país, garantindo-lhe a participação no grupo responsável pela decoração da sede do recém-criado Ministério da Educação, no qual se inseria também o célebre arquiteto Oscar Niemeyer, companheiro de Portinari ao longo de sua trajetória artístico-ideológica, protagonista na construção do Museu Casa de Portinari (NIEMEYER *apud* PORTINARI, 2000):

Meu caro João Candido: A ideia de se construir um Museu para a obra de Candido Portinari merece de todos os brasileiros o mais vivo apoio. E para mim que com ele convivi tantos anos, que acompanhei com entusiasmo permanente sua trajetória de artista plástico, especial alegria. São, como você disse, milhares de desenhos, pinturas e gravuras que Portinari foi acumulando durante anos e que agora, graças à sua dedicação ficarão expostos ao povo e visi-

tantes desta cidade. Daí aceitar com o maior prazer seu pedido de projetar o museu referido, uma forma de manifestar, mais uma vez, o meu apreço pelo velho amigo e grande brasileiro que foi, seu pai, Candido Portinari. (Oscar Niemeyer apud Portinari, 2000)

Jangadas do Nordeste, Cena gaúcha e Festa de São João (1939) destacaram-se no pavilhão brasileiro na Feira Mundial de Nova York. Logo a seguir, o Museu de Arte Moderna de Nova York comprou *Morro*, único quadro sul-americano incluído, na época, entre os maiores quadros do século XIX e XX. A partir daí, exposições intensificaram-se no Brasil e no mundo, fato que provocou entre muitos críticos de arte não somente o questionamento do que se pensava como arte oficial no Brasil, mas críticas à participação política do artista, que, em 1945, se filia ao Partido Comunista do Brasil (PCB), em uma luta constante contra a repressão ditatorial que resultou, dois anos depois, em seu autoexílio no Uruguai (MUSEU..., 2019).

A obra de Pablo Picasso, em especial *Guernica* (1937), influenciou as produções de Portinari a partir da década de 1940, através dos contrastes entre figura e fundo, da deformação de imagens pela dor e pelo sofrimento, como percebemos em *Colonos Carregando Café, Retirantes e Criança morta* (1944) – esta adquirida para o Museu de Arte Moderna de Paris. Tais obras-primas, reconhecidas internacionalmente, estabelecem um diálogo como o romance *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, aproximando artes visuais e literatura. Em 1946, a exposição na Galeria Charpentier, em Paris, com mais de oitenta obras, gerou repercussão no Brasil, como foi possível perceber na carta enviada a ele por Carlos Drummond de Andrade (apud FENSKE, 2011):

Foi em você que conseguimos a nossa expressão mais universal, e não apenas pela ressonância, mas pela natureza mesma do seu gênio criador, que, ainda que permanecesse ignorado ou negado, nos salvaria para o futuro. Você é a alegria e a honra do nosso tempo e da nossa geração. Não sei se saberia dizer-lhe isso pessoalmente, mas encho-me de coragem nesta carta para exprimir uma convicção que é de todos os seus companheiros, os quais se sentem elevados e explicados na sua obra.

Em 1950, Candido Portinari recebeu pelo quadro a Medalha de Ouro da Paz, concedida pelo II Congresso Mundial de Partidários da Paz, ocorrido na Polônia. Os murais *Guerra e Paz* são entregues em 1956, elaborados, no governo de Juscelino Kubitschek, para a sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, porém sem a presença de Portinari – “não é convidado a comparecer à cerimônia, em virtude do seu envolvimento com o Partido Comunista” (PRO-

JETO PORTINARI, 2022). Na mesma época, recebeu a Medalha de Ouro concedida pelo Internacional Fine Arts Council, realizou a célebre série D. Quixote e começou a redigir suas memórias, atividade que manteve até a morte, assim como a produção de poemas.

Infelizmente, a intoxicação pelo chumbo contido nas tintas começou a trazer-lhe problemas de saúde, afastando-o por vezes da pintura. Em 1962, a situação agravou-se pela insistência do artista em continuar seu trabalho artístico, provocando-lhe graves complicações, que ocasionaram seu falecimento em fevereiro do mesmo ano. Sua morte foi noticiada na imprensa de inúmeros países, e o Ministério das Relações Exteriores recebeu mensagens de condolências de todos os continentes. O cortejo fúnebre foi acompanhado por milhares de pessoas, faces anônimas de seus motivos artísticos, personificações de sua própria obra.

Ao longo de sua vida, nosso artista esteve em diversos países, em busca de conhecimento técnico e inspiração para suas obras. Contudo, quanto mais descobria instituições de arte e cultura do exterior, mais o Brasil transpirava em sua arte, que elucidou a grandeza do cotidiano de sua gente e as raízes populares. Em meio ao flagelo do povo, foi pintada a esperança, através de produções tecnicamente cuidadas, simbolicamente vibrantes e intensamente questionadoras. Obras que sempre serão uma Esfinge a desafiar-nos com seu olhar voluptuoso, enigmático, insondável – a exigir de nós uma resposta para esse mistério chamado humanidade.



REFERÊNCIAS

FENSKE, Elfi Kürten. *Candido Portinari: a alma, o povo e a vida*. Templo Cultural Delfos, fev. 2011. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2011/02/candido-portinari-mestres-da-pintura.html>. Acesso em: 18 abr. 2022.

MUSEU CASA DE PORTINARI. *Político*. 2019. Disponível em: <https://www.museucasadeportinari.org.br/candido-portinari/politico/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

PROJETO PORTINARI. *Candido Portinari*. 2022. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/pagina/candido-portinari/apresentacao>. Acesso em 18 abr. 2022.

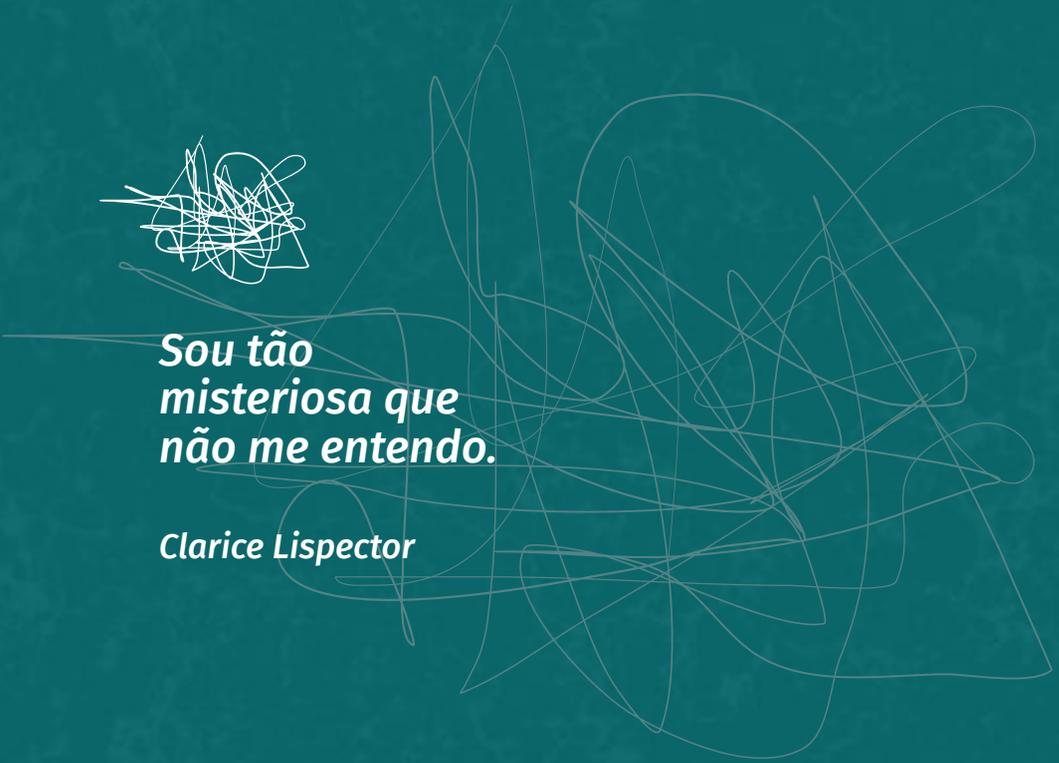
PORTINARI, João Candido. *Projeto Portinari*. Estudos Avançados, São Paulo, v.14, n.38, abr. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/z5zMpbzxFWNT3s5knyVkgts/?lang=pt>. Acesso: 18 abr. 2022.

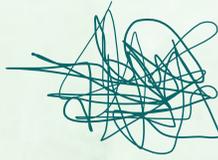
O ritmo
desestruturante de
 Clarice
Lispector



***Sou tão
misteriosa que
não me entendo.***

Clarice Lispector





O RITMO DESESTRUTURANTE DE CLARICE LISPECTOR¹⁷

Em uma literatura cuja história está por vezes afeita à tradição e aos chamados ‘períodos literários’, ninguém melhor do que Clarice Lispector para subverter a ordem das coisas, construindo o próprio espaço no cânone por meio de uma produção arrojada e profunda, a qual choca, hipnotiza e questiona o leitor. Segundo o crítico Alfredo Bosi (1970), a ficção de Clarice distingue-se das demais pela tensão transfigurada existente entre as personagens e o mundo, pois nela prevalece a visão metafísica da realidade, acompanhada de uma linguagem que entrelaça os gêneros narrativo, poético e dramático, colocando a autora em uma posição única na literatura brasileira.

Lispector soube como ninguém apreender a atmosfera íntima do ser humano. Sua habilidade de mergulhar nas profundezas do ser pode ser comparada a de escritores como Dostoiévski, Virginia Woolf e Marcel Proust. Em sua produção, o que entra em jogo é o processo da vida, geralmente mutilada por desilusões, lutas diárias e pequenas violências a que o indivíduo é submetido. Nela, está presente o mistério das relações, dos sentimentos e dos caminhos secretos da natureza, percebidos com uma intensa lucidez, a ofuscar o olhar do leitor.

O que sou então? Sou uma pessoa que tem um coração que por vezes percebe, sou uma pessoa que pretendeu pôr em palavras um mundo ininteligível e um mundo impalpável. Sobretudo uma pessoa cujo coração bate de alegria levíssima quando consegue em uma frase dizer alguma coisa sobre a vida humana ou animal. (LISPECTOR, 2004)

Conhecer aspectos da vida de Clarice Lispector é algo relevante para compreendermos a sua complexidade, e um texto exemplar nesse sentido é o livro *Clarice: uma vida que se conta*, de Nadia Gotlib (2010). Nascida na Ucrânia em

17 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, jun. 2007.

1920, migrou, ainda pequena, com a família para o nordeste do Brasil, onde viveu por doze anos. Ainda na infância, perdeu a mãe e passou por experiências educacionais distintas: foi matriculada no Collegio Hebreo Idish Brasileiro, ingressando, a seguir, no Ginásio Pernambuco. Escreveu seu primeiro texto, a peça *Pobre menina rica*, ainda enquanto estudante.

Em 1935, a família mudou-se para o Rio de Janeiro, onde Clarice continuou os estudos e teve maior contato com as literaturas brasileira e estrangeira. Em 1939, iniciou o curso de graduação na Faculdade Nacional de Direito. Após a morte do pai, intensificou-se a produção clariceana, com destaque ao gênero narrativo. Publicou o primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, em 1942, o qual foi premiado e agraciado pela crítica da época, em especial pelo potencial estético da obra. No ano seguinte, concluiu o curso de Direito e casou-se com o diplomata Maury Gurgel Valente, com quem viajou pela Europa em plena Segunda Guerra Mundial, experiência que marcou com força sua vida. Em 1946, mudou-se para a Suíça, a fim de acompanhar o marido – período de inadaptação da escritora, que se correspondia com familiares e amigos do Brasil, como Fernando Sabino e Lúcio Cardoso. Nessa época, nasceu seu primeiro filho, Pedro, e foi publicado o livro *A cidade sitiada*.

Seu segundo filho, Paulo, nasceu em 1953 nos Estados Unidos, e seus padriños foram nada menos que Mafalda e Erico Verissimo. Com dificuldades para conciliar sua vida à do marido, separou-se em 1959. No ano seguinte, publicou seu primeiro livro de contos, *Laços de família*, vencedor do Prêmio Jabuti. Seus próximos livros seriam *A legião estrangeira* e *A paixão segundo G.H.* – uma verdadeira revolução literária para a época.

Quando vieres a me ler perguntarás por que não me restrinjo à pintura e às minhas exposições, já que escrevo tosco e sem ordem. É que agora sinto necessidade de palavras - e é novo para mim o que escrevo porque minha verdadeira palavra foi até agora intocada. A palavra é a minha quarta dimensão. (LISPECTOR, 1980, p. 10)

Nos anos de 1960, ao dormir com um cigarro aceso, Clarice provocou um incêndio, que destruiu seu quarto e quase a levou à morte, deixando-a hospitalizada por meses. Após restabelecer-se, escreveu os livros infantis *O mistério do coelho pensante* e *A mulher que matou os peixes*. O seu livro mais romântico, *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, foi publicado em 1969 e recebeu o Prêmio Golfinho de Ouro. Dois anos depois, *Felicidade clandestina* foi publicada, recebendo forte aceitação do público. Com ele, surgiu o romance *Água viva*, cuja estrutura entrelaça gêneros literários e aproxima diferentes artes, como literatura, música e artes visuais.

Lispector recebeu pelo conjunto de sua obra o prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal em 1976. Um ano depois, escreveu *A hora da estrela*, último publicado em vida. Em dezembro de 1977, veio a falecer, vítima de um câncer. Além de obras póstumas e adaptações para o cinema e o teatro, a autora publicou mais de vinte livros, entre romances, contos, crônicas, novelas e textos infantis, influenciando vastamente as gerações futuras de escritores. Também teve atuação como tradutora, vertendo para o português obras como *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, e *Luzes acesas*, de Bella Chagall.

Serei eterna depois de minha morte? Ou sou apenas instância?

Eu sou essencialmente uma contraditória.

O sereno grafismo abstrato.

A banalidade como tema.

Oh como aspirava uma lânguida vida.

Árvore distorcida: bruxaria

(LISPECTOR, 1999, p. 151)

Quem foi Clarice Lispector? Tal pergunta encontra respostas fragmentárias, pois a autora constituiu um verdadeiro mistério em termos de produção escrita, reflexo de sua densa personalidade. As sensações de exílio e incompletude são percebidas em sua obra, pela qual a literatura intimista transfigura-se, movendo-se para um plano ainda mais profundo que o das dissonâncias entre o indivíduo e o mundo. Clarice vai além do compromisso com o cotidiano e a consciência: sua revelação metafísica, epifânica e metalinguística extravasa pelo literário, no qual observamos a incapacidade de apreender o mundo e o ser humano por inteiro.

Em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (LISPECTOR, 1998), por exemplo, o embate no interior de Lóris, provocado por Ulisses, é permeado pelas palavras, mas se processa em um terreno muito mais obscuro e abstrato. O silêncio interior, a sensação ininteligível de "estar sendo" e a redescoberta de si conduzem a protagonista à mais difícil das perguntas: "Quem sou eu?" Assim, muitos aprendizados acontecem, e um deles é aprender a viver com o que não se entende.

Já em *A hora da estrela*, a personagem Macabéa, nordestina que trabalha no Rio de Janeiro e leva uma vida humilde, desencadeia em Rodrigo (escritor/narrador) a reflexão sobre as fronteiras entre o real e o imaginário, o simples e o complexo, o normal e o insólito, o objeto e o sujeito. O diferencial, existente na construção de Macabéa e que a torna singular, é a construção da plenitude do ser por meio da expressão do vazio a ele inerente.

Assim, o ritmo desestruturante de Clarice Lispector conduz o leitor à subjetividade do indivíduo em seus desafios cotidianos, mas não para por aí. Expressa, através de um intimismo voraz, questões caras à sociedade brasileira, como as contradições do país em seus aspectos culturais, políticos, econômicos e sociais. Projeta o universo particular do enredo à universalidade, ao questionamento da ordem e da própria literatura. Em seu legado, chegamos à obscuridade do ser, à busca incessante por sentido e ao humano imperfeito de que somos feitos.

Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém
estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca.

(LISPECTOR, 1975, p. XV e XVI)



REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970

GOTLIB, Nadia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. 6.ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

LISPECTOR, Clarice. *As três experiências*. In: GOMES, Renato Cordeiro Gomes (org.) *Clarice Lispector: Seleta*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

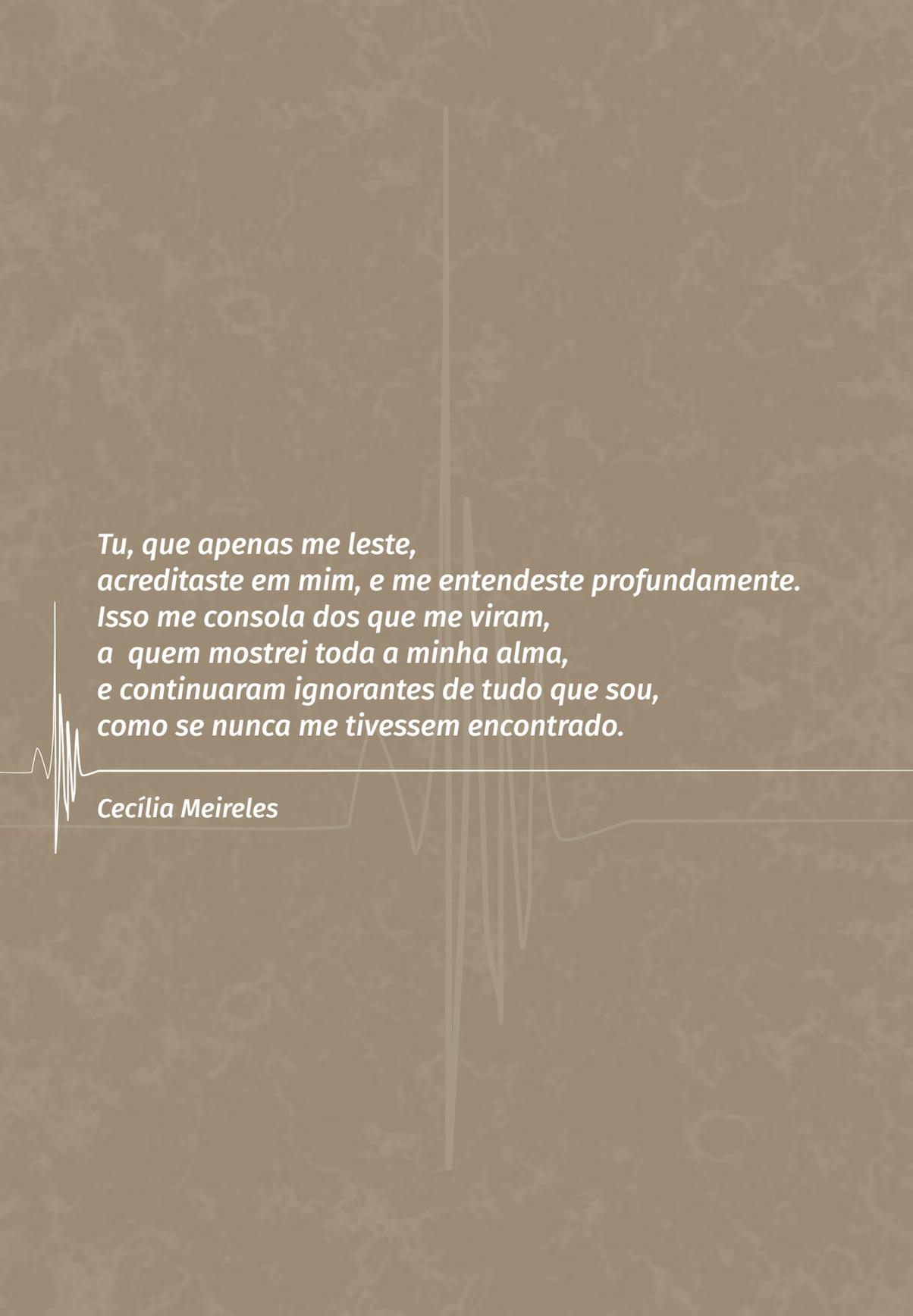
LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004.

Cecília Meireles:

a arte imersa na
transitoriedade
da vida





*Tu, que apenas me leste,
acreditaste em mim, e me entendeste profundamente.
Isso me consola dos que me viram,
a quem mostrei toda a minha alma,
e continuaram ignorantes de tudo que sou,
como se nunca me tivessem encontrado.*

Cecília Meireles



CECÍLIA MEIRELES: A ARTE IMERSA NA TRANSITORIEDADE DA VIDA¹⁸

É possível estabelecer uma harmonia entre efêmero e eterno, vida e morte? Quando falamos do jogo de palavras e sensações proveniente da poesia de Cecília Meireles, parece que existe um caminho tangível. Engajada aos ideais de sua época e dotada de uma visão, ao mesmo tempo, realista e lírica da vida, a escritora, professora, jornalista e tradutora Cecília Meireles usou a própria arte como arma de combate às intempéries do século XX.

Como poetisa, Cecília apresentou, por meio de sua literatura, uma visão intimista do mundo e do ser. Como jornalista, trabalhou para *Diário de Notícias*, *A Manhã*, *A Nação* e *Folha*, neles publicando inúmeros textos literários. Como cronista, criticou a política getulista e dogmas religiosos, fato que acarretou desavenças profissionais e perseguições. Como professora, lutou pela propagação de uma educação laica, ou seja, desapegada a preceitos religiosos, além de promover projetos que visavam a um sistema de ensino mais incluyente e libertário.

Desde a infância, já manipulava as palavras como quem se entretém com um brinquedo especial. Rimas, versos, sensações, imagens, tudo se tornava matéria-prima para suas produções literárias. Contudo, também a morte a acompanhou desde os mais tenros anos: perdeu os pais muito cedo, além de ter sido a única dos quatro filhos do casal a sobreviver, sendo amparada pela avó materna. A partir dessas dolorosas experiências, ela aprendeu desde cedo como a realidade repercute no íntimo do ser, fazendo do desencanto, da solidão, da nostalgia e da transcendência motivos de inspiração poética.

Aos dezoito anos, a jovem Cecília publicou seu primeiro livro, *Espectros* (1919), no qual é clara a influência da corrente simbolista, que enfatizava sonetos lapidados pela sonoridade e por imagens abstratas – tendência que também influenciou outros artistas da época, a exemplo de Mário Quintana. Em vez

18 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, jul. 2007.

do ufanismo nacionalista e da linguagem despojada que transbordavam do movimento modernista, propagado com a Semana de Arte Moderna, de 1922, a escritora buscava algo além do horizonte, transfigurando a realidade brasileira sob seu fazer artístico. Em 1921, casou-se com o artista Fernando Correia Dias, com quem teve três filhas – as três Marias – Maria Elvira, Maria Mathilde e Maria Fernanda. Foi designada na década seguinte, pela Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, para dirigir o Centro Infantil do Pavilhão Mourisco, mas, devido a intrigas políticas, o Centro foi fechado, na mesma época em que houve o suicídio do marido. Com esses obstáculos, a então professora universitária iniciou uma fase de viagens, com as quais se tornou conhecedora das línguas inglesa, francesa, italiana, espanhola, alemã, russa e hebraica, além de tradutora de autores célebres, como Virginia Woolf e Rilke. Com isso, publicou *Viagem* (1939), com o qual recebeu o Prêmio de Poesia Olavo Bilac, pela Academia Brasileira de Letras. Durante as décadas de 1940 e 1950, atuou como colunista, redatora e produtora de programas culturais, além de conhecer os Açores, a Índia, a Bélgica, a França, a Holanda, a Itália, a Argentina, e Uruguai, locais que foram para ela além de pontos turísticos – foram fontes de criação e reflexão. As obras *Mar absoluto* (1945), *Retrato natural* (1949), *Canções* (1956) e *Solombra* (1963) são preciosidades que consolidaram a autora no cenário da literatura nacional.

Em *Romanceiro da Inconfidência* (1953), Cecília resgatou em versos a história da Inconfidência Mineira, através da releitura e da reflexão sobre o passado. Nessa obra-prima, marco da maturidade literária da autora, a realidade mescla-se à ficção, para que seja reconstruída uma outra história, distinta da que está circunscrita na visão oficial dos fatos. Assim, a história do povo, dos oprimidos, é resgatada por meio da tradição oral e de imagens repletas de sensibilidade, que rompem com os modelos imperialistas e alcançam valores essenciais à formação humana, como a liberdade:

Liberdade, essa palavra
que o sonho humano alimenta
que não há ninguém que explique
e ninguém que não entenda
(MEIRELES, 2005, p.76)

Cecília Meireles faleceu em 1964 no Rio de Janeiro. Somente um ano após sua morte, a Academia Brasileira de Letras concedeu-lhe o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra. O público leitor, contudo, cúmplice dos anseios da poetisa, eternizou a arte cecilianiana, colocando-a entre os escritores mais lidos do Brasil. A aproximação entre as linguagens mítica e poética foi uma forte ten-

dência de suas produções, resultado de uma vida encantada com a natureza e com o simples habitual.

Sua fortuna literária ainda atravessou os universos da literatura infantil, com preciosidades como *Ou Isto ou Aquilo* (1964) - produção dotada de melodia, imaginação e simplicidade. Cecília Meireles atuou também como conferencista, colaboradora em periódicos e pesquisadora do folclore brasileiro. Foi mulher de garra que se inseriu entre os grandes mestres da literatura brasileira, como Carlos Drummond de Andrade e Vinícius de Moraes, conquistando espaço não apenas em meio à poesia, mas também dentro do universo da crônica. A pesquisadora Ana Maria Lisboa de Mello (2002, p. 22) afirma que o fazer poético ceciliano é “fruto de processos interiores que se dão na relação com a vida”, fazer que se constrói pela “contemplação e inventário das formas de vida e modos de existir”. Cecília Meireles é a consciência da transitoriedade e a busca pela reflexão a partir do tempo e da memória, do imaginário que paira sobre o cotidiano. Por seu valor inestimável à nossa literatura, lembrar sua história e valorizar sua poesia s é mais que um dever, é uma missão para quem acredita no poder transfigurador da arte e na “continuidade humana através da poesia” (MEIRELES *apud* MELLO, 2002, p. 32).



REFERÊNCIAS

MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Construções do imaginário na obra de Cecília Meireles*. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de. (org.). Cecília Meireles & Murilo Mendes. Porto Alegre: Uniprom, 2002.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

A multipoesia de
Ferreira
Gullar





*Digo adeus à ilusão
mas não ao mundo. Mas não à vida,
meu reduto e meu reino.
Do salário injusto,
da punição injusta,
da humilhação, da tortura,
do terror,
retiramos algo e com ele
construímos um artefato
um poema
uma bandeira.*

Ferreira Gullar



A MULTIPOESIA DE FERREIRA GULLAR¹⁹

O cenário brasileiro da segunda metade do século XX é marcado não apenas pela intensa massificação cultural e pela enxurrada tecnológica, mas também pela sombra deixada na sociedade pela ditadura militar. Frente a esse contexto de paradoxos, a arte mostra-se como caminho para a tradução dos enigmas de nosso tempo. A impostura da poesia, por sua vez, relaciona-se à ousadia e à liberdade, e sua multiplicidade associa-se às funções sociais do poeta moderno - indagador, filósofo, profeta - que, muitas vezes, desafia o todo ao seu redor. É desse terreno fértil que brota a produção poética de Ferreira Gullar.

Embora tantas vezes deslocado em um mundo contraditório, o poeta, tradutor, dramaturgo, ensaísta e cronista Ferreira Gullar apropriou-se da palavra para esboçar possibilidades de vida em meio à dor e à injustiça. Nascido no Maranhão em 1930, desde cedo conviveu com a falta de condições para uma vida digna, fato que, vinculado ao gosto pela escrita, gerou uma de suas características mais relevantes - a denúncia através dos versos. Cedo o jovem Gullar ingressou no universo editorial, trabalhando no Diário de São Luís, na Rádio Timbira e, com a mudança para o Rio de Janeiro, nas revistas Manchete, O Cruzeiro e no Diário Carioca. Em 1954, lançou *A luta corporal* - livro que se aproxima das tendências concretistas - e casou-se com a atriz Thereza Aragão, com quem teve três filhos. Por não concordar plenamente com o Concretismo, Gullar tomou outros rumos, escrevendo em 1959 o Manifesto Neoconcreto em conjunto com outros artistas. Dois anos depois, foi nomeado diretor da Fundação Cultural de Brasília, coordenando a construção do Museu de Arte Popular; com isso, passou para uma nova fase de sua produção, a qual envolveu a publicação de poemas de cordel.

19 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, ago. 2007.

Onde está
a poesia? indaga-se
por toda parte. E a poesia
vai à esquina comprar jornal.
(GULLAR, 2001, p. 223)

Nos anos de 1960, enquanto trabalhava como redator no jornal O Estado de São Paulo, Ferreira Gullar engajou-se politicamente em resistência ao Regime Militar, o que o levou a perseguições e ao exílio – assim como ocorreu com outros artistas, como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque. *Dentro da noite veloz* foi publicado em 1975 a partir dessa conjuntura; no mesmo ano, ao encontrar-se com Vinícius de Moraes em Buenos Aires, Gullar entregou a ele uma fita cassete com a gravação de *Poema sujo* – é assim que a obra chega ao Brasil, trazida clandestinamente. O livro-poema, considerado sua obra-prima, apresenta uma composição de longo fôlego, que exala doença, solidão, pobreza, ou seja, sensações do submundo urbano em uma obra "suja de vida". Sua linguagem, tão arbitrária quanto o cotidiano, envereda pela ruptura sintática, acompanhada de um vocabulário terreno. O verso livre, a pontuação não usual e a disposição assimétrica das palavras no papel fazem com que possamos observar o paradoxo existente entre a agressividade e a humanização da poética gullariana. Testemunha de uma realidade injusta e dilacerada, cruzada por conflitos e múltiplas experiências culturais, Gullar apresenta nessa obra a lucidez frente à poesia e a revolta em um mundo vazio de sentido. São as farpas da repressão militar cravadas no corpo literário.

muitos
muitos são os dias num só dia
fácil de entender
mas difícil de penetrar
[...]
porque não é possível estabelecer um limite
a cada um desses
dias de fronteiras impenetráveis
(GULLAR, 2001, p. 251)

Em 1977, Ferreira Gullar retornou ao Brasil, mas ainda sofreu na pele as ameaças do Governo Militar. A partir daí, dedicou-se a uma vasta produção poética, que inclui as obras *Na vertigem do dia* (1980), *Barulhos* (1987) e *Muitas vozes* (1999) – Prêmio Jabuti de poesia. Também se dedicou a outros gêneros literários, escrevendo ensaios, memórias, crônicas e literatura infantojuvenil, como *O rei que mora no mar* (2001). Em meio a essa busca desenfreada pela palavra, Gullar experimentou caminhos da tradução e do teatro, trabalhando

durante anos no Núcleo de Teledramaturgia da Rede Globo. Foi nomeado, em 1992, Diretor da do Instituto Brasileiro de Arte e Cultura, que voltou a ser intitulado Funarte sob sua gestão. Em 1998, foi homenageado no Festival Internacional de Poesia de Roterdã, na Holanda.

Nos últimos anos de sua vida, prêmios e homenagens foram dedicados a esse feroz incentivador da arte no Brasil, escritor que fez da escrita veículo de luta pela (re)humanização da sociedade e, ao mesmo tempo, de resistência às contradições de um tempo opaco. A exemplo, a obra *Resmungos* (2006) recebeu o Jabuti de Melhor Livro de Contos e Crônicas em 2007, seguida por *Em alguma parte alguma*, Livro do Ano em 2011. Além disso, foram a ele concedidos o prêmio ABL de literatura infantojuvenil pela obra *Zoologia Bizarra* (2011), o prêmio Luís de Camões (2010) e a Ordem do Mérito Cultural (2016), entre outras condecorações. Em 2011, *Poema sujo* foi matéria para a videoinstalação *Há muitas noites na noite*, de Silvio Tendler, e, em 2015, para a série documental de mesmo nome, também dirigida por Silvio Tendler – esta conta com detalhes a relação entre a vida de Gullar, a Ditadura Militar e sua poesia participante. Em 2014, tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de número 37. Faleceu dois anos depois, na cidade do Rio de Janeiro, deixando um legado poético sem igual, que o posiciona como grande expressão da resistência na literatura brasileira contemporânea.

– sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
mesmo que o pão seja caro
a liberdade, pequena.
(GULLAR, 2001, p. 251)

Com Gullar, percebemos que o espaço da poesia precisa ser aberto à vida do arroz com feijão, do operário, das intempéries que assolam a sociedade. A resistência poética dá-se principalmente pela negação à desordem, ou melhor, à falsa ordem imposta em tempos incongruentes. Deslocado em seu tempo, o poeta abre caminho pela sátira e pela ironia fumegantes, pelo olhar revolucionário que não se compadece com os erros de sua época, pela poesia terrena, perigosa e comunicante. Sua crítica sociopolítica trouxe-lhe graves consequências; contudo, essas intervenções não foram suficientes para fazê-lo calar-se. Ao contrário, despertaram ainda mais o desejo pela liberdade por meio da escrita. Assim, Gullar ultrapassa as fronteiras literárias com sua produção poética, semeando a esperança em momentos de arbitrariedades políticas, crise cultural e angústias sociais. Em suas obras, encontramos experiências, ganhos, per-

das, angústias e esperanças do povo brasileiro; portanto, é a problematização do humano que consolida a multipoesia de Ferreira Gullar.

Pretendo que a poesia tenha a virtude de, em meio ao sofrimento e ao desamparo, acender uma luz qualquer, uma luz que não nos é dada, que não desce dos céus. Mas que nasce das mãos e do espírito dos homens. (GULLAR, 2001)



REFERÊNCIAS

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. 11.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.



Os cantares de Caetano



*Onde queres revólver, sou coqueiro
E onde queres desejo, sou paixã
Onde queres descanso, sou desejo
E onde sou só desejo, queres não
E onde não queres nada, nada falta
E onde voas bem alto, sou o chão
E onde pisas o chão, minha alma salta
E ganha liberdade na amplidão*

Caetano Veloso



OS CANTORES DE CAETANO²⁰

Caetano Veloso é a transfiguração da canção pela melodia e pela letra, a liberdade de expressão em voo alto, a imagem cinematográfica cheia de sensações e sentidos. A dinâmica de suas canções age como um mosaico de linguagens, formando um trânsito infundável de ideias e cenas recorrentes da oralidade e da escrita, do verbal e do visual. Suas produções contêm a intensidade da paixão, a ousadia da experimentação sem limites, a química das palavras e dos sons, buscando pouso nos variados estilos musicais, do erudito ao popular. É dessa mescla aparentemente ilógica que surge o que há de mais original em suas composições: o cotidiano desmascarado por uma estética arrojada, sem fronteiras. Para o poeta e professor Eucanaã Ferraz (2003, p.12), a fala de Caetano sobre “o cinema, a arte, a crítica, o Brasil, o sexo, a infância, a música, a televisão, a transgressão, os outros, a política, sempre foi um modo de experimentar o quanto mais matérias permitem ser faladas, o quanto pode expressá-las e expressar a ausência delas”. É dessa experimentação ilimitada que surge o grande Caetano, desconstrutor da palavra e da arte tradicional.

Meu amor, acredite
Que se pode crescer assim pra nós
Uma flor sem limite
É somente porque eu trago a vida aqui na voz
(VELOSO *apud* FERRAZ, 2003, p.83)

De onde veio, porém, essa potência poética da Música Popular Brasileira? Nascido na Bahia, em 1942, filho do funcionário público José Veloso e da mitológica Dona Canô, Caetano pertenceu, desde menino, a uma família numerosa, que já demonstrava interesse pelas artes em geral. Entre seus sete irmãos, está a cantora Maria Bethânia, que muito acompanhou a construção de sua vida artística. O início de sua trajetória foi marcado musicalmente pelo baião de Luiz

20 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, out. 2007.

Gonzaga e pelo samba, que lhe despertavam maior interesse. Somou-se a tal repertório o contato com as composições de João Gilberto, que o estimularam a perceber a constituição estética da canção e influenciaram profundamente na consolidação de seu estilo. Ao mudar-se para Salvador, passou a trabalhar no Diário de Notícias como crítico de cinema e a cantar nos bares da região com Bethânia. A partir daí, o violão também começou a fazer parte da sua vida, impulsionando-o cada vez mais ao sucesso. Ingressou no curso de Filosofia da Universidade Federal da Bahia e conheceu nomes importantes da canção brasileira, como Gilberto Gil, Gal Costa e Tom Zé, pessoas com quem estabeleceu inúmeras parcerias e formou laços intensos de amizade. Em 1967, ano de sua participação no III Festival de Música Popular Brasileira, promovido pela TV Record – e registrado posteriormente no documentário *Uma noite em 67* (2010) –, lançou seu primeiro LP, intitulado Domingo, em parceria com Gal Costa. Era o início de uma longa carreira, traçada por lutas e conquistas. Era o início de Caetano Veloso.

Eu sou apenas um velho baiano
Um fulano, um caetano, um mano qualquer
Vou contra a via, canto contra a melodia
Nado contra a maré
(VELOSO *apud* FERRAZ, 2003, p.155)

Com a canção “Alegria, Alegria”, que se popularizou em todo o Brasil, Caetano trouxe à tona o movimento Tropicália, que buscava problematizar a identidade nacional através de uma visão crítica e transgressora, em diálogo com as vanguardas modernistas e a proposta antropofágica dos anos de 1920, cuja intenção era justamente promover uma deglutição cultural por processos de ‘deglutição’ e assimilação de técnicas e tendências diversas, atreladas à renovação estética e à reflexão crítica. De acordo com Luiz Tatit (2002, p. 275), o projeto *Panis et Circencis* (ou Tropicália) “abriu o campo da canção popular para a experimentação estética de ponta, antes apenas reservada à literatura e à música eruditas”, deixando, com a contracultura, um “campo aberto e privilegiado para se fazer experiências, sobretudo no ponto de fusão entre o texto e a melodia”.

A partir da amplitude estética e ideológica alcançada por Caetano, o compositor enfrentou sérios conflitos com o Governo Militar: teve músicas censuradas, e até mesmo os cabelos raspados, encarando a humilhação moral, a prisão, a impossibilidade de expressão, o medo constante frente à instauração do Ato Institucional 5, em 1968. Os impasses políticos geraram o exílio, na Inglaterra, de quase três anos, e a certeza de que a liberdade era o dom maior a ser cantado em seus versos. O depoimento de Gilberto Gil para o documentário

Canções do Exílio: A Labareda que Lambeu Tudo (2011) relembra o trauma deixado pelos Anos de Chumbo: “Fizeram questão de raspar nossas cabeças. Diziam algo como ‘Vamos cortar esses cabelos! Cabelo comprido.... coisa horrorosa!’. Cortaram o de Caetano. Depois, cortaram o meu. Nós estávamos, ali, muito abatidos moralmente.”

Em 1972, nascia seu primeiro filho, Moreno Veloso, em meio ao pesado regime ditatorial. De volta ao Brasil, Caetano gravou como nunca, passando, até o final dos anos de 1980, por uma das melhores fases de sua carreira, aumentando, assim, sua popularidade dentro e fora do país. Entre as principais parcerias dessa época estão as realizadas com Chico Buarque, cujo resultado foi a apresentação do programa Chico e Caetano na TV Globo, além do lançamento do álbum *Os melhores momentos de Chico e Caetano*, com a participação de outros artistas. Também foram sucesso magistral os discos *Outras palavras*, de 1981, e *Totalmente demais*, de 1986. Nesse ano, casou-se novamente, com a atriz Paula Lavigne, com quem os filhos Zeca e Tom. Caetano também compôs para o cinema, participando, com suas canções, em filmes como *São Bernardo*, *Tieta do Agreste*, *A dama do loteação*, *O quatrilho*, *O coronel e o lobisomem*, *Orfeu*, entre outros. Já o documentário *Cinema falado*, dirigido pelo compositor, foi motivo de polêmica na época, devido a sua pretensão vanguardista, e contém entrevistas com personalidades como Dorival Caymmi, Júlio Bressane e Regina Casé. A partir daí, talvez como forma de lutar contra um passado de exílio e dor, realizou turnês nacionais e internacionais, divulgando sua produção musical. Como escritor, lançou, em 1997, o livro *Verdade Tropical*, cujo conteúdo analisa o movimento tropicalista. Em 1998, chegou o sucesso de vendas *Prenda minha*, fruto do espetáculo homônimo, ocorrido no Rio de Janeiro. Em 2007, foi lançada a caixa *Quarenta Anos Caetanos*, contendo sua discografia oficial, em comemoração aos quarenta anos de parceria entre Caetano e a gravadora Universal Music.

Caetano também atuou, ao longo da vida, como intérprete de composições nacionais e internacionais. Exemplos dessa linha artística são os CDs *Fina estampa*, de 1994, com clássicos latino-americanos, e *A foreign sound*, de 2004, no qual há a presença de canções de grandes artistas norte-americanos. Com essa caminhada artística que se perpetua até hoje, Caetano formou uma história marcada por mais de quarenta álbuns lançados, além de um prestígio que ultrapassa as fronteiras nacionais. Seus ritmos, estilos, formas e versos representam um pouco da identidade nacional, dessa vida brasileira gerada por diferentes origens, por diferentes retratos de um povo multifacetado. Os cantares de Caetano são a expressão da busca pela liberdade, pela criação, pelo encontro

individual e coletivo – busca desmedida que o torna poeta, político, amante, filósofo, enfim, essencialmente humano.

O sol se reparte em crimes
Espaçonaves guerrilhas
Em Cardinales bonitas
Eu vou

Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor
Em dentes pernas bandeiras
Bomba e Brigitte Bardot
(VELOSO *apud* FERRAZ, 2003, p.56)



REFERÊNCIAS

CANÇÕES do Exílio: A Labareda que lambeu Tudo. Direção: Geneton Moraes Neto. Multipress Digital; Canal Brasil, 2011. 91min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WetMubGVcAo>. Acesso em 20 abr. 2022.

FERRAZ, Eucanaã (org.). *Letra só: Caetano Veloso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TATIT, Luiz. *O cancionista: composição de canções do Brasil*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

UMA NOITE em 67. Direção: Renato Terra e Ricardo Calil. VideoFilmes; Record Entretenimentos, 2010. 93min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5lJe3NaxMNw>. Acesso em 20 abr. 2022.



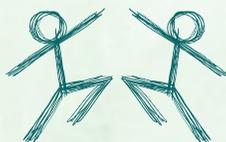
Nelson
Rodrigues:
entre atos e hiatos



Qualquer indivíduo é mais importante que toda a Via Láctea.

Nelson Rodrigues





NELSON RODRIGUES: ENTRE ATOS E HIATOS²¹

Escrever sobre um dos maiores dramaturgos brasileiros não é tarefa fácil. Nelson Rodrigues brincou com os gêneros literários para repensar com seriedade e ousadia questões do cotidiano, por meio de textos marcados pela liberdade de criação e imersos nos mais variados conflitos humanos; desnudou, em seus textos narrativos e dramáticos, mazelas individuais e coletivas; enfrentou o falso moralismo e a censura, desestabilizando verdades que circundam a célula da coletividade: a família.

O legado rodrigueano é formado por romances, contos, crônicas e textos dramáticos, cuja essência comum está na representação de verdades ocultas na mente das personagens – verdades que se transformam em dor, esquecimento, desconfiança, traição, ciúme, morte, medo, crueldade, desejo, enfim, em sentimentos ambíguos, por vezes diabólicos, essencialmente humanos. Na narrativa longa, há uma peculiaridade do escritor, que usou muitas vezes pseudônimos femininos ao longo das décadas de 1940 e 1950. Dentre os romances mais populares assinados pelo escritor está *O casamento* (1966), cujo conteúdo foi censurado pelo governo militar por ser considerado subversivo. Já na narrativa curta, fez sucesso com uma infinidade de crônicas e contos, inicialmente publicados nos jornais em que trabalhava e, posteriormente, editados em livros. Dentre eles, destacam-se *A vida como ela é...* (1961) – coletânea de cem contos selecionados pelo autor –, *A cabra vadia* (1970), *Elas gostam de apanhar* (1974) e *O reacionário* (1977) – crônicas.

Foi, contudo, com o gênero dramático que produziu suas obras-primas, nas quais colocou toda a fúria perante um mundo apodrecido pela miséria humana. Dentre as obras que lhe concederam posição de destaque na dramaturgia brasileira estão *Vestido de noiva* (1943), *Álbum de família* (1945), *Dorotéia* (1949), *Valsa n.º.6* (1951), *Perdoa-me por me traíres* (1957), *Boca de ouro* (1959), *Beijo no asfalto* (1960), *Bonitinha, mas ordinária* (1962), *Toda nudez será castigada* (1965),

21 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, ago. 2008.

Anti-Nelson Rodrigues (1973) e *A serpente* (1978). Tais textos podem ser encontrados na íntegra em *Nelson Rodrigues: teatro completo* (2020).

Acho a liberdade mais importante que o pão.
(RODRIGUES apud CASTRO, 1992)

A perversidade também pairou na vida real de Nelson, talhada pela morte de irmãos e do pai, por dificuldades financeiras e conflitos familiares, por doenças que quase anteciparam sua morte e pelo sofrimento de pessoas queridas, presas ao longo dos anos de ferro da ditadura militar. As sucessivas tragédias inspiraram-no a escrever com profundidade – uma escrita associada à irreverência, pela qual se produziu um solo fértil para o desenvolvimento de obras de vanguarda, a provocar polêmicas e rejeições por parte do público mais conservador.

Nascido em 1912, em Recife, Nelson Rodrigues, ainda criança, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde encontrou o universo jornalístico, seguindo os passos do pai. Trabalhou nos jornais *O Globo*, *O Cruzeiro*, *Diário da Noite*, *Última Hora*, entre outros e, através desse meio de comunicação, iniciou a publicação de seus textos. Em 1980, quando faleceu, no Rio de Janeiro, já havia publicado dezenas de obras e conquistado irrestrita admiração.

Na biografia *O anjo pornográfico*, publicada por Ruy Castro em 1992, com republicação em Lisboa em 2017, são expostos os detalhes de uma vida tão dramática quanto a obra por ele produzida. Se as personagens de Nelson expõem falhas e contradições humanas, através da sondagem interior e da elucidação de verdades e mentiras, de jogos e máscaras, elas encontraram terreno fértil nas memórias do escritor – feitas de paradoxos e perseguições. Nesse sentido, Castro (2017, p. 12) afirma que “ninguém foi mais perseguido: a direita, a esquerda, a censura, os críticos, os católicos (de todas as tinturas) e, muitas vezes, as plateias – todos, em alguma época, viram nele o anjo do mal, um câncer a ser extirpado da sociedade brasileira. E, olhe, quase conseguiram”.

Em *A vida como ela é...* (2006), a realidade é transportada para o universo literário de forma tão abrupta que o leitor pode ficar, por instantes, em dúvida se está diante da realidade ou do imaginário do artista. Cada peça desse quebra-cabeça ficcional desafia os gêneros literários, já que o dinamismo das cenas, a tensão, a imprevisibilidade dos fatos e a presença constante de diálogos conferem às narrativas um caráter essencialmente dramático. Talvez seja por isso que os textos que compõem esse mosaico de dramas familiares foram matéria-prima para inúmeras adaptações. Do jornal, passaram pelo rádio, deste à telenovela, até chegar ao cinema e ao teatro. Nas narrativas, sempre curtas, re-

pletas de diálogos, pelos quais os conflitos tomam forma, podemos encontrar a fragilidade dos laços afetivos e a força dos padrões morais. Também percebemos a problematização do ciúme, do matrimônio e da traição, sempre na busca por desnudar alguns mistérios familiares e, assim, adentrar o obscuro universo das relações humanas.

A obra de Nelson, tão rica em tipos humanos, tão contundente em expor seus contornos, é extremamente sedutora, tanto para o escritor quanto para o leitor e o artista cênico. Nela, sentimos a coragem de colocar na mesa questões geralmente encontradas embaixo do tapete. Talvez assim, cara a cara com a realidade, possamos também nos encontrar e, quem sabe, transformar as próprias relações, a fim de reduzir as mazelas que nos circundam.

Para alguns, era um santo; para outros, um canalha;
para todos, sempre, uma surpresa ambulante.
(CASTRO, 2017, p. 12)



REFERÊNCIAS

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. Lisboa: Tinta da China, 2017.

RODRIGUES, Nelson. *A vida como ela é...* Rio de Janeiro: Agir, 2006.

RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.



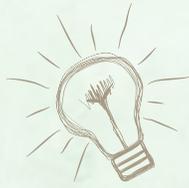
Reinações
e invenções de
Lobato



**O meio de combater
uma ideia é lançar ao
seu encontro uma ideia
melhor. [...]**

**Nunca no mundo uma
bala matou uma ideia.**

Monteiro Lobato



REINAÇÕES E INVENÇÕES DE LOBATO²²

Histórias e pessoas povoam a literatura de todos os tempos. No caso da literatura infantojuvenil brasileira, podemos dizer que Monteiro Lobato está eternizado por seus feitos editoriais e suas narrativas, os quais lhe dão a posição de pai da literatura voltada a crianças e jovens. Exponente de nossas artes literárias, foi ele quem deu vida às peripécias de Jeca Tatu e às personagens do Sítio do Picapau Amarelo, que tão bem marcaram a infância de seus contemporâneos e serviram de primeiro estímulo intelectual a escritores da atualidade. O universo imaginário de suas histórias, grandioso pelo modo como conseguiram unir a simplicidade e a magia inerentes ao mundo infantil, representaram o início do processo de valorização da leitura voltada a crianças e adolescentes na sociedade brasileira.

Além de ter valorizado um gênero literário que, até então, estava à margem da literatura no Brasil, Lobato, enquanto editor, revolucionou a história editorial do país, popularizando a venda de livros e neles inserindo ilustrações coloridas, mais atrativas às crianças – histórias com preocupação lúdica, traduzidas, adaptadas ou criadas por ele, que favoreceram a disseminação da leitura em todas as classes sociais. Antes da transformação trazida por Lobato – editor, tradutor, empresário e jornalista –, as letras direcionadas aos leitores em formação eram representadas principalmente por textos populares, como fábulas, lendas, cantigas e contos folclóricos, a exemplo das histórias de Pedro Malasartes, que circulavam na primeira metade do século XX no país, assim como produções voltadas à educação moral e cívica. Marisa Lajolo (2008) salienta que Lobato criou uma literatura irreverente, repleta de imaginação e criticidade em relação ao contexto do início do século XX, fato que o torna um precursor da profissionalização da literatura infantojuvenil.

22 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, jul. 2009.

Mas como foi possível a concretização desse legado formado por dezenas de histórias, que corresponde à coleção conhecida por *Sítio do Pica-Pau Amarelo*? Podemos dizer, em síntese, que elas partiram de dois “Lobatos”: primeiramente, do menino nascido em Taubaté em 18 de abril de 1882, que lia vorazmente os livros da biblioteca do avô, vivia entre o colégio e a fazenda situada no interior de São Paulo, tinha como grandes paixões as histórias que escrevia e os desenhos que realizava; também do Lobato engajado com questões econômicas e sociais do país, aquele homem preocupado com sua época, engajado e desejoso por construir uma nova realidade coletiva, por melhorar as condições socioculturais da população e alavancar a capacidade econômica brasileira. Assim, a coletânea intitulada *Sítio* funde essas duas mentes, consolidando-se como uma obra-prima feita de imagens e palavras: “No fundo não sou literato, sou pintor. Nasci pintor, mas como nunca peguei nos pincéis a sério, arranjei, sem nenhuma premeditação, este derivativo de literatura, e nada mais tenho feito senão pintar com palavras.” (LOBATO *apud* MONTEIRO LOBATO, 2021). Seu olhar de vanguarda é percebido em diversos aspectos da obra, como no resgate da cultura popular, da fauna e da flora brasileiras, bem como no protagonismo dado a uma personagem feminina, Narizinho, que abre, em 1920, a sua produção voltada a crianças, com “A menina do narizinho arrebitado”.

As dezenas de histórias que compõem o *Sítio* emocionaram gerações e continuam proporcionando momentos de deleite aos pequenos leitores da modernidade. Histórias com direito a pô de pirlimpimpim, a ultrapassar as fronteiras da imaginação humana, a explorar a curiosidade, o conhecimento e a sensibilidade de todo aquele que se arrisca a desbravá-las por meio da leitura. As personagens Emília, Narizinho, Pedrinho, Marquês de Rabicó e Visconde de Sabugosa vivem aventuras inimagináveis no espaço atemporal do *Sítio*, espécie de portal para outros mundos, de onde surgem entes folclóricos, como o Saci e a Cuca; personagens grandiosos, como Peter Pan, Popeye e Dom Quixote; seres mitológicos, como Hércules e o Minotauro. Através de suas experiências fantásticas, têm aprendizados diversos, sejam eles de gramática, geografia, história, ciências ou aritmética, sem nunca perderem o contato com o universo adulto pelo laço afetivo e pelo diálogo aberto mantidos com Tia Nastácia, Tio Barnabé e Dona Benta. Vale salientar aqui a posição de destaque ocupada pela criança na família, como observam Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta (2007): “Monteiro Lobato respeitava a inteligência das crianças e dos jovens. No *Sítio do Pica-pau Amarelo* toda a turma tem vez e voz. Os netos de Dona Benta são sempre ouvidos com carinho, convivendo com os adultos de igual para igual.”

As invenções literárias do escritor trouxeram possibilidades reflexão sobre o quanto o país e as pessoas têm de bom e podem ter de melhor, discussões estas proporcionadas não apenas por textos literários para crianças e adultos, mas por diversos textos ensaísticos e jornalísticos, nos quais demonstrou uma atitude ferrenhamente crítica. Entre eles, destacam-se *Na antevéspera*, *América* e *O escândalo do petróleo*, publicados nos anos de 1930 e responsáveis por turbulentas discussões políticas; já na literatura para adultos, a obra *Urupês* celebrou-se por dar vida ao lendário Jeca Tatu, caboclo que representa um Brasil pobre, atrasado e enganado, em sua ingenuidade, pelas classes abastadas. As mazelas de Jeca, em seguida, foram transformadas em quadri-nhos e passaram a circular nos consultórios médicos como leitura obrigatória sobre hábitos de higiene e condições básicas para uma vida saudável, através de uma parceria estabelecida com Cândido Fontoura. Além de sua obsessão pela criação literária, Lobato também nos deixou um legado como adaptador e tradutor de obras infantojuvenis e adultas. Adaptou, por exemplo, textos de Andersen, Grimm, Defoe, fábulas de Esopo, e traduziu obras como *Pollyanna*, de Porter e *Tarzan*, de Burroughs Rice, publicadas pela Editora Nacional.

Monteiro Lobato também acumulou críticas devido ao seu posicionamento político e ao pensamento eugenista a ele atribuído. Veio a falecer em 1948, desiludido com o país, após ter sofrido perdas financeiras, ter sido perseguido e preso. Antes disso, chegou a se exilar na Argentina e foi aos Estados Unidos para trabalhar juntamente com o Consulado Brasileiro. Como promotor da revolução editorial gerada no Brasil e idealizador de uma economia acelerada pela utilização de recursos naturais, Monteiro Lobato representou a expressão máxima do poder de transformação do mundo pelo homem moderno, através de livros, ações e ideais. O legado deixado por ele a leitores de todas as idades constitui, atualmente, um riquíssimo patrimônio cultural do Brasil, a ser (re)descoberto pelas novas gerações, explorado pelas escolas e pelas famílias. Levar Monteiro Lobato, o seu amor pelo livro e pela leitura, às novas gerações é nosso compromisso – assim estaremos contribuindo de forma efetiva à transformação social e, de fato, construindo um país com a matéria-prima que ele merece: homens, mulheres e livros.

Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar.
Monteiro Lobato (2021)



REFERÊNCIAS

CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. *Um mergulho no mundo da fantasia*. In: LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Globo, 2007. V.2.

MONTEIRO LOBATO. *Miscelânea*: baú de frases. 2021. Disponível em: <https://monteirolobato.com/miscelanea/bau-de-frases/>. Acesso em 10 jul. 2022.



A outra face
da história em

Moacyr Scliar



**A vida prossegue
seu curso, num ciclo
aparentemente
eterno.**

Moacyr Scliar



A OUTRA FACE DA HISTÓRIA EM MOACYR SCLIAR²³

Quando a História é alvo da criatividade literária, os fatos vestem-se múltiplas leituras, e a força da imaginação produz outros olhares sobre o passado. É aí que entra em cena a luta individual de anônimos à margem da memória coletiva, redimensionando os registros canônicos formadores da visão, tantas vezes colonialista, da História. Entre esses exploradores do passado pela literatura está Moacyr Scliar, escritor gaúcho de ascendência judaica, com mais de oitenta obras publicadas, pelas quais recebeu diversos prêmios, como o da Casa de las Americas, o Jabuti e o da Associação Paulista dos Críticos de Arte.

Nascido em 1937, Scliar carregou consigo a diáspora judaica, descendendo de imigrantes que se instalaram na comunidade israelita situada no Bairro Bom Fim, em Porto Alegre. A mãe Sara, professora primária, foi quem o alfabetizou e iniciou no mundo da leitura. Médico com Doutorado na área de Saúde Pública concluído em 1970, Scliar dividiu seu tempo entre a profissão e a literatura, grandezas de amplitude social que soube equilibrar com maestria. Sobre a escolha por ambos os caminhos, a saúde pública e a criação literária, o médico-literato, eleito em 2003 para a Academia Brasileira de Letras, afirmou que o escritor precisa relacionar-se à vida, para além da escrita.:

Tu usas a imaginação para completar as lacunas da vida, prover explicações para coisas que não entendes, traçar caminhos, entender o passado. [...] Compreender o ser humano é uma coisa importante, mesmo porque não temos outra alternativa. A verdade é que os seres humanos são criaturas muito desamparadas que, eventualmente, se mostram capazes de coisas admiráveis. (SCLIAR, 2006, p.15-17)

Como romancista, Scliar conquistou popularidade com *O centauro no jardim* (1980), obra traduzida para vários países, que lança um olhar aguçado sobre o judaísmo e a híbrida identidade brasileira, além de ser referência no amplo cenário da literatura latino-americana vinculada ao realismo mágico. Tam-

23 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, jun. 2010.

bém são memoráveis *O ciclo das águas* (1977), *A majestade do Xingu* (1997), *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999), *Os leopardos de Kafka* (2000) e *Manual da paixão solitária* (2008), além das novelas *Exército de um homem só* (1973) e *A festa no castelo* (1982). Já seus contos veiculam em livros e coletâneas diversas, a exemplo de *35 melhores contos do Rio Grande do Sul* (2003), com seleção de Maria da Glória Bordini, e *Os cem melhores contos brasileiros do século* (2000), de Italo Moriconi. Neles encontramos o labor inicial do escritor, que se dedicou intensamente a histórias curtas nas primeiras décadas de vida literária, enveredando, a seguir, para a narrativa longa. Concomitantemente a essas experimentações, temos o cronista Scliar, que enriqueceu periódicos do país por meio de textos preocupados em repensar questões da realidade atual, como observamos em sua longa participação no caderno Vida, do jornal *Zero Hora*.

Apesar de ter se dedicado ao romance, para Scliar (2006, p.13), a mais perfeita das formas literárias é o conto. “Primeiro porque é curto, não permite erros, segundo porque ele corresponde a uma disposição mais autêntica do ser humano. O ser humano é um contador de histórias, mas não um contador de romances.” Assim, o autor oscilou entre gêneros e temas, encontrando, na mutabilidade da vida e da escrita, a razão de sua arte.

Em seu projeto estético e ideológico, Moacyr Scliar jogou continuamente com elementos que agem como molas propulsoras em seus textos. Entre eles, destacam-se a incidência de personagens e cenas bíblicas, a retomada de fatos referentes à imigração judaica no Brasil, o resgate da cultura do Oriente e a presença do fantástico. Em *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999), por exemplo, trouxe para o Ocidente retratos de uma terra desconhecida por meio do relato de uma mulher desprovida de beleza, integrante do grupo de centenas de esposas do Rei Salomão – a qual consegue, com sua inteligência, coragem e persistência, conquistar o respeito e a admiração do rei. Uma vida nada fácil, imersa em preconceitos e tirania, na qual procura encontrar espaço em um tempo em que a voz feminina não ecoava na sociedade. Com sensibilidade e bom humor, Scliar oportuniza novos olhares sobre as histórias contidas no Antigo Testamento da Bíblia. Temos, assim, um texto circunscrito em muitos outros e a consequente reflexão sobre o ser humano e suas perversidades, sobre o poder da escrita em um mundo enraizado na falaciosa oralidade. Uma mulher, na incumbência de escrever a história da humanidade, passa a contá-la com toda a paixão e, acima de tudo, com toda a dor proveniente de uma exilada na própria terra.

Tu usas a imaginação para completar as lacunas da vida, prover explicações para coisas que não entendes, traçar caminhos, entender o passado. [...] Compreender o ser humano é uma coisa importante,

mesmo porque não temos outra alternativa. A verdade é que os seres humanos são criaturas muito desamparadas que, eventualmente, se mostram capazes de coisas admiráveis. (SCLIAR, 2006, p.15-17)

De modo semelhante, em *Manual da paixão solitária*, também somos instigados a pensar, pelo viés do redimensionamento da narrativa bíblica, sobre preceitos religiosos que acompanham a humanidade ao longo de séculos. Nessa obra, que retoma o livro do Gênesis de modo inspirador, a história perdida de Shelá emerge de um passado obscuro e misterioso. A descoberta dos manuscritos dessa personagem move certo Congresso de Estudos Bíblicos, no qual são apresentadas duas perspectivas inteiramente novas sobre o texto sagrado – a de Shelá e a da bela Tamar, ambos integrantes da trágica história vivida pela família do patriarca Judá.

Do ponto de vista do futuro, sou descartável. Se tenho algum lugar reservado, é na lata de lixo da história, gigantesco recipiente que já recebeu milhões, bilhões de pessoas, com suas frustradas aspirações, seus desejos não realizados, seus falidos projetos. [...] Sou um anônimo entre os anônimos, um desconhecido extraviado na multidão dos desconhecidos, vivos ou defuntos. (SCLIAR, 2008, p.13)

Ao entrelaçar recursos fantásticos, a distorcer a realidade e oferecer novas possibilidades de percepção do mundo, nosso escritor alcançou em suas obras a profunda expressão da condição humana, independente de época e lugar. Falecido em 2011 em sua cidade natal, Moacyr Scliar deixou-nos um legado literário que pode ser comparado a uma rede de espelhos a projetar imagens diversas, iluminadas pela vida cotidiana, pelo passado real e imaginário. Imagens que, sobretudo, retratam quem somos, nossas conquistas, diferenças e desencontros. Imagens, enfim, que revelam outras faces da história: a ficção que subsiste em qualquer ilusão de realidade, o anônimo por trás da tradição, o relativo oculto no acabado.



REFERÊNCIAS

SCLIAR, Moacyr. [Entrevista cedida a] IEL. *In: INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. Moacyr Scliar: a escrita de um homem só.* Porto Alegre: IEL, 2006.

SCLIAR, Moacyr. *A mulher que escreveu a Bíblia.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCLIAR, Moacyr. *Manual da paixão solitária.* São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



O
malabarismo
musical de
Adriana
Calcanhotto



***Eu não moro
mais em mim.***

Adriana Calcanhotto



O MALABARISMO MUSICAL DE ADRIANA CALCANHOTTO²⁴

O cancionero brasileiro é uma verdadeira rede de estilos e sentidos, formada ora pela expressão regional, a desbravar sonoramente o interior do país, ora pela urbana, que mescla ritmos estrangeiros e locais, brincando com a tradição e a vanguarda. Conforme Luiz Tatit, o cancionista vive um malabarismo, cujo controle do som – habilidade que lhe é característica – o faz equilibrar harmoniosamente texto e melodia, literatura e canção. Para ele, compor uma canção “é procurar uma dicção convincente e eliminar a fronteira entre o falar e o cantar, experimentando a letra na melodia e a melodia na letra.” O que importa, no mundo do cancionista, é “a maneira de dizer, e a maneira de dizer é essencialmente melódica. Sobre essa base, o que é dito torna-se, muitas vezes, grandioso” (TATIT, 2022, p.9).

Se partirmos desta metáfora, podemos dizer que a cantora e compositora Adriana Calcanhotto, gaúcha de Porto Alegre, vive com intensidade a condição de malabarista. Sua escolha pelo ritmo musical vem de longe, desde quando recebeu do pai, aos seis anos, um violão de presente. Como cantora, a artista gravou inúmeros sucessos da MPB, extravasando passionalidade por meio de sua dicção. Exemplos dessas interpretações estão em “Devolva-me”, de Lilian Knapp e Renato Barros; “Mais feliz”, de Cazuza e Bebel Gilberto; “Por isso eu corro demais”, de Roberto Carlos; “Marina”, de Dorival Caymmi; “Naquela estação”, de Caetano Veloso; entre inúmeras outras.

Eu perco as chaves da casa
Eu perco o freio
Estou em milhares de cacos
Eu estou ao meio
Onde será que está você agora?
Adriana Calcanhotto (1994)

24 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, ago. 2010.

Já como compositora, Calcanhotto produziu, solitariamente ou em parceria com outros artistas – a exemplo de Antônio Cícero e Arnaldo Antunes – verdadeiras pérolas do cancioneiro brasileiro, entre as quais estão “Mentiras”, “Vambora”, “Esquadros” e “Metade”. Essas e dezenas de outras composições, próprias e alheias, transitam pelo legado musical da artista, que já soma duas décadas de intenso trabalho e mais de uma dezena de discos, entre os quais estão *A fábrica do poema* (1994), *Maritmo* (1998), *Cantada* (2002), *Maré* (2008), o infantil *Adriana Partimpim* (2004) – recebedor do Grammy latino de melhor álbum infantil –, *O Micróbio do Samba* (2011) e *Margem* (2019). A paixão pelo mar e suas simbologias é um elemento recorrente em sua produção musical, “espaço físico e metafísico”, de mobilidade e impermanência (CALCANHOTTO, 2020). Em 2020, em plena pandemia de Covid-19, a artista compôs e gravou um disco inteiro, intitulado *Só*, o qual representa o desafio não apenas de produzir e gravar em condições inesperadas, mas de representar, pela canção, a dor e as emoções do isolamento.

O trabalho musical de Adriana é essencialmente poético. Nele estão estampados elementos literários, que conduzem o leitor-ouvinte por jogos linguísticos e obscurecem as fronteiras entre a música e a palavra escrita. Tal intimidade entre as artes literária e musical pode ser percebida pela inspiração que a cantora encontra na poesia de escritores como Mário de Sá-Carneiro, Carlos Drummond e Ferreira Gullar. Além disso, a inspiração trovadoresca é perceptível em sua participação no premiado documentário sobre o cancioneiro brasileiro, *Palavra encantada*, (2009), dirigido por Helena Solberg e com exibição em diferentes países. Nele, Adriana Calcanhotto tem participação especial, pois abre e fecha o longa-metragem, além de contribuir com a bela trilha sonora.

Adriana também já enveredou pela narrativa longa com o livro *Saga lusa* (2008). Nesse relato de viagem, a autora recorda o tempo passado em Portugal e nos Açores ao longo da turnê do disco *Maré*. Ao estilo “epistolar eletrônico”, a narrativa abre-se em forma de mensagem virtual, a partir do e-mail recebido por Luciano Alabarse, que desencadeia a resposta em tom de desabafo. Em linguagem típica do canal de comunicação utilizado, o texto desliza com agilidade entre exclamações, gírias, estrangeirismos e expressões comuns da linguagem popular oral. Adriana brinca sem medo com a discursividade, aproveitando-se de um estilo enxuto e bem-humorado. Em meio às tarjas pretas que separam (ou unem) os capítulos e ao jogo tipográfico, característico da linguagem dos cartuns e quadrinhos, o leitor vai conhecendo as angústias vividas por uma cantora doente à beira de uma turnê:

[...] diz-se que para cada sentimento humano, para cada mais sutil sensação, para qualquer situação possível nesta vida, já há uma música correspondente no cancionário brasileiro. Pensei nisso porque me veio à cabeça uma canção mais antiga, e era incrível como se encaixava perfeitamente e traduzia (sem perdas) o meu estado naquele momento. No dia seguinte, no segundo show do Porto, como sou intérprete de forte inclinação existencialista, incluí no alinhamento a bela melodia dizendo “eu queria tanto estar, no escuro do meu quarto/à meia-noite, à meia-luz, sonhando/ daria tudo por meu mundo e nada mais”. Cantei-a no bis e foi muito bonito, modestia à parte, bastante emocionado. Precisava, literalmente, cantar pra subir e “Meu mundo e nada mais”, do Guilherme Arantes, caiu feito uma luva. (CALCANHOTO, 2008, p. 119-120)

Luiz Tenório de Lima (*apud* CALCANHOTTO, 2008, p.163) afirma que “a escrita é suplemento da palavra falada”, ou seja, um suporte que utilizamos como expressão da vida, de nossas dores e alegrias. Nos poemas-canções, bem como nas interpretações musicais de Adriana Calcanhotto, sentimos a palavra em forma de melodia, a desbravar os sentimentos humanos, amplificando-os passionalmente, transmutando-os pela enunciação unida à entoação melódica e às realizações lúdicas dos versos. Somente uma malabarista como ela consegue equilibrar com perfeição música e literatura.

Minha música não quer me pertencer
Não quer ser sucesso
Não quer ser reflexo
Não quer revelar nada

Minha música não quer ser sujeito
Não quer ser história
Não quer ser resposta
Não quer perguntar
(CALCANHOTO, 1994)



REFERÊNCIAS

CALCANHOTTO, Adriana. *A fábrica do poema*. Sony Music, 1994.

CALCANHOTTO, Adriana. *Saga Lusa: o relato de uma viagem*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2008.

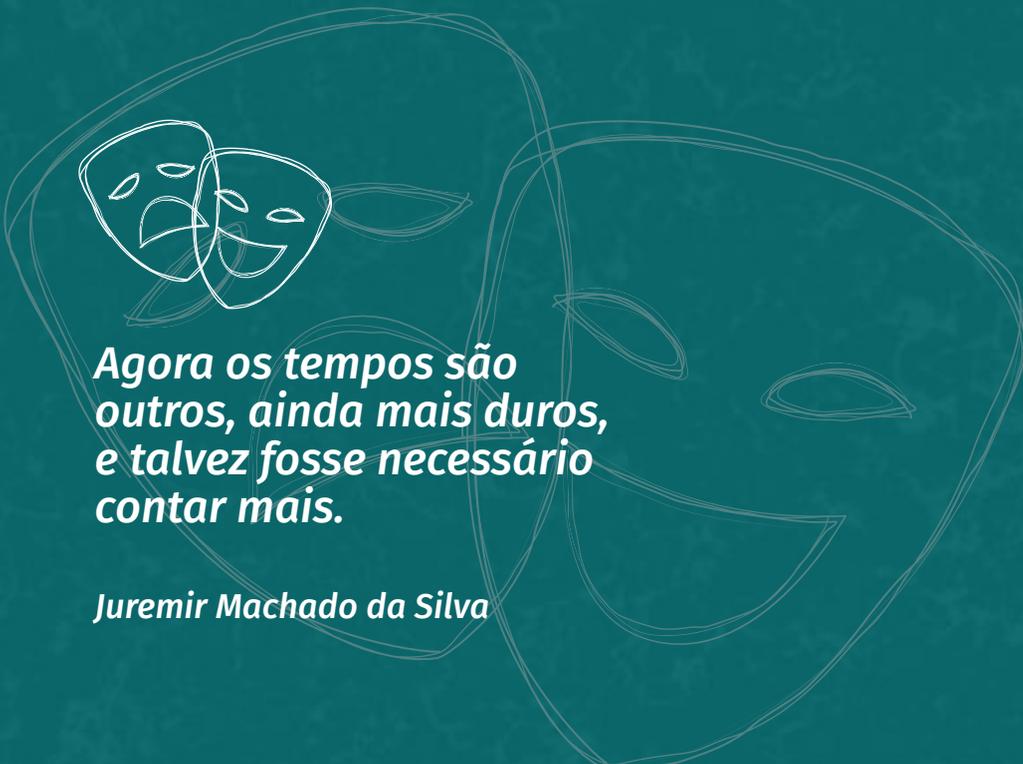
CALCANHOTTO, Adriana. *Adriana Calcanhoto* (Site oficial). 2020. Disponível em: <https://www.adrianacalcanhoto.com/>. Acesso em 18 abr. 2022.

TATIT, Luiz. *O cancionista: composição de canções do Brasil*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2002.



Juremir Machado da Silva:

todas as faces entre
literatura e História



*Agora os tempos são
outros, ainda mais duros,
e talvez fosse necessário
contar mais.*

Juremir Machado da Silva



JUREMIR MACHADO DA SILVA: TODAS AS FACES ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA²⁵

A história é feita não apenas de fatos, mas de pessoas que procuram, a cada dia, reinventá-la. Pessoas que experienciam, na particularidade de seu locus cotidiano, dores e alegrias coletivas, que recebem, por palavras e imagens alheias, o sentimento de mundo de determinada época e lugar, que redescobrem pela imaginação o passado longínquo ou recente, desfazendo-o e refazendo-o infinitamente. Nesse sentido, a arte literária possui valor incomensurável, já que se nutre da sociedade para problematizá-la e redimensioná-la. A literatura joga com a história, desconstruindo-a em cada texto poético, dramático ou narrativo e, assim trazendo novos olhares, que surgem da ânsia individual pela compreensão do mundo real.

Em meio à arte sul-rio-grandense, literatura e história possuem uma relação umbilical. Seja devido às fases de colonização do estado, aos processos de imigração, escravidão ou de ruptura com a tradição, muitos de nossos escritores transpuseram à narrativa a curiosidade frente real, com suas lutas territoriais, disputas políticas e seu legado cultural. Dentre esses bravos investigadores literários está o escritor Juremir Machado da Silva, natural de Santana do Livramento – cidade localizada na região fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Nascido em 1962, Juremir pode ser visualizado como um escritor múltiplo, já que nele se sobressaem as habilidades de historiador, ensaísta, tradutor, jornalista, romancista e professor, ocupações que se embebem da palavra, colocando-a a serviço da realidade, do conhecimento e da imaginação.

Graduado em História e Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com Doutorado em Sociologia da Cultura e Pós-Doutorado em Ciências Sociais realizados na Université Paris V René Descartes, Juremir é professor titular da PUCRS e possui uma vasta produção bibliográfica, formada por um conjunto significativo de romances, além de livros e artigos produzidos nas áreas das Ciências Sociais e Humanas. Com relação aos roman-

25 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, nov. 2010.

ces, destacam-se *Viagem ao extremo sul da solidão* (1997), *Fronteiras* (1999), *Getúlio* (2004) e *Solo* (2008). Suas narrativas oscilam entre o romance histórico, o romance de reportagem e o romance biográfico, mas extrapolam tais limites ao tomar como foco a relação do homem com o tempo em sua busca pela identidade perdida, seja ela individual ou coletiva.

No romance *Getúlio*, dedicado in memoriam ao historiador e amigo Décio Freitas, Juremir explora a vida do maior presidente brasileiro, o gaúcho de São Borja Getúlio Vargas, em sua trajetória pessoal e política. Em meio a esse jogo entre mentiras e verdades, recria a atmosfera regional pela memória e pela linguagem de outrora, pois reconstitui a sociedade brasileira de meados do século XX, com seus conflitos políticos e sua realidade socioeconômica. Ao dar voz a Getúlio, o autor transforma-o em personagem e aproxima-o do leitor, que passa a percebê-lo como alguém tão humano como qualquer um de nós, muito diferente da figura intocável do presidente, veiculada nos livros de História do Brasil.

O poder é total, pensou Getúlio. Ninguém se divorcia dele. É uma relação indissolúvel. Provoca danos irreparáveis, inveja, feridas sem cura. [...] O poder costuma abandonar os homens, que permanecem ligados a ele pela nostalgia, pela vontade de retomá-lo, pela incapacidade de sobreviver sem ele. Os homens mais tristes que encontrei eram deserdados do poder. Não existe paixão maior e mais avassaladora. O poder é para sempre, mesmo que seja provisório. (SILVA, 2015, p.3)

Já no romance *Solo*, a história coletiva cede lugar à individual, e o passado, ao presente. Agora a aventura é incitada no interior da mente de alguém que envereda pela busca de um “eu” perdido, sem direção. E, por ele, enveredamos pelos caminhos imagéticos do mundo contemporâneo, que se divide entre individualismo, tecnologia e consumo. Caminhos produzidos por um homem que viaja dentro e fora de si, vive entre o riso e o desespero e carrega consigo a sensação de estranhamento frente a uma sociedade inóspita, que não oferece lugar a ele.

Quem será que deixo para trás? Terei limpadão a cidade dos seus bandidos? Qual será o terrível segredo que me obriga a sempre seguir em frente? Por que mergulho num futuro incerto, levantando poeira, se às minhas costas fica um lugar tão bonito e com um nome tão sonoro? Como se chamará a mulher – se houver – que chora a minha partida? Galopo pensando em tudo isso sem me decifrar. (SILVA, 2008, p.362)

Por importância jornalística e literária, Juremir coleciona diversos prêmios e títulos. Foi condecorado, por exemplo, como título de *Chevalier de l'Ordre des Palmes Académiques* atribuído pelo governo francês (2008) e, no mesmo ano, com o de Cidadão Honorífico de Porto Alegre. Além disso, recebeu prêmios, como o Açorianos, pelo livro *Raízes do conservadorismo brasileiro: a abolição na imprensa e no imaginário social* (2017), os prêmios AGES e Brasília de Literatura, pela obra *Jango, a vida e a morte no exílio* (2013), sem contar as inúmeras participações como patrono de feiras do livro, as medalhas e os troféus recebidos em homenagem a sua obra. O autor também já colaborou com diversos jornais brasileiros e, por vinte anos, foi cronista do Jornal Correio do Povo.

Juremir Machado da Silva procura reescrever a vida dispondo-a frente aos espelhos do jornalismo, da literatura e da história, sempre buscando pluralismos em seu modo de escrever, em prol dos direitos humanos, da democracia, da cultura e da memória. Cada um desses espelhos a distorce de um modo diferente e oferece novas possibilidades de visão, de análise, de compreensão do mundo passado e presente. Juremir, ao driblar os fios da memória, questiona o homem pelo viés do tempo e faz-nos perceber que estamos todos entrelaçados a uma grande rede, a qual nos une a muitos outros tempos e espaços. Com sua escrita, temos acesso a uma galeria de imagens, de onde vêm à tona todas as faces que se ocultam entre os dois gigantes da literatura e a história.



REFERÊNCIAS

SILVA, Juremir Machado da. *Getúlio*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2015.

SILVA, Juremir Machado da. *Solo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.



Milton Hatoum

e a literatura entre
oriente e ocidente



***A vida começa
verdadeiramente
com a memória.***

Milton Hatoum



MILTON HATOUM E A LITERATURA ENTRE ORIENTE E OCIDENTE²⁶

Em tempos de profundas transformações nos modos de percepção do tempo e do espaço, somos instigados a interconectar culturas e a interagir diariamente com outras visões de mundo, provenientes das mais diversas regiões do planeta. A globalização gerada pelas mudanças socioeconômicas e tecnológicas das últimas décadas trouxe consigo novas possibilidades de organização das informações, baseadas na integração entre povos e culturas. Conforme Stuart Hall (2005), desde a década de 1970, tanto o alcance quanto o ritmo da integração global aumentaram de modo significativo, acelerando os fluxos e os laços entre as nações e gerando a compressão espaço-temporal.

Desse contexto mundial, no qual está inserido o Brasil contemporâneo, vem à tona a literatura multicultural do escritor amazonense Milton Hatoum. Dela emanam personagens provenientes de espaços desconhecidos para os habitantes das grandes cidades, personagens que trilham percursos por terra e mar, do oriente ao ocidente (e vice-versa), a fim de encontrar a identidade perdida. Sua primeira obra, o romance *Relato de um certo Oriente* (1989), é paradigmático nesse sentido, pois apresenta a vida de imigrantes árabes estabelecidos na cidade de Manaus, onde passam a conviver com pessoas de diversas etnias, como os demais imigrantes ali instalados e os nativos da região. Cada indivíduo representado conserva em si, por diferentes motivos, o sentimento de estraneidade, o qual dissolve as fronteiras entre local e global ao entrelaçar, na contemporaneidade, mundos aparentemente distantes.

Pensava (ao olhar para a imensidão do rio que traga a floresta) num navegante perdido em seus meandros, remando em busca de um afluente que o conduzisse ao leito maior, ou ao vislumbre de algum porto. Senti-me como esse remador, sempre, movimento, mas perdido no movimento, aguilhoado pela tenacidade de querer escapar: movimento que conduz a outras águas ainda mais confusas, correndo por rumos incertos. (HATOUM, 2008, p. 147)

26 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, fev. 2011.

Doutor em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo (USP), tradutor e ensaísta, Hatoum publicou, após a premiada estreia, as obras *Dois irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005), *Órfãos do Eldorado* (2008), *A cidade ilhada* (2009), assim como *A Noite da espera* (2017) e *Pontos de fuga* (2019) – estes últimos como parte do projeto “O lugar mais sombrio”, trilogia cujo enfoque deita raízes nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira. Por sua produção, recebeu a Ordem do Mérito Cultural 2008, os prêmios APCA, Bravo! de Literatura, Impac-Dublin, Jabuti, Multicultural 2001 e Portugal Telecom. O mérito de Hatoum pode ser observado pelo modo como transpõe para a ficção não apenas os questionamentos individuais daquele que possui uma identidade formada pela fusão de mundos distintos, mas também a memória coletiva, que retoma processos de (i)migração, com suas diásporas e exílios. Dentre eles, está o da imigração árabe, entrelaçada à multiplicidade que compõe o povo brasileiro e às identidades culturais que o atravessam. Com obras traduzidas e estudadas em diferentes países, Hatoum é exemplo do melhor que a literatura brasileira tem feito em termos de ficção contemporânea. Por elas, deixa extravasar sua busca pela redescoberta de um país marcado pela heterogeneidade étnica e, ao mesmo tempo, redimensiona esteticamente o fazer literário, costurando linguagens para provocar no leitor a análise de sua própria cultura – tão desigual quanto única, tão afeita ao passado recente quanto às remotas raízes da colonização, tão rica de espaços físicos quanto memorialísticos: “Omissões, lacunas, esquecimento. O desejo de esquecer. Mas eu me lembro, sempre tive sede de lembranças, de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia de rio.” (HATOUM, 2006, p. 67).

O norte do Brasil é tema recorrente em seus livros; em meio a esse espaço vasto e misterioso, estão inseridos os conflitos humanos em suas múltiplas faces. Em *Relato de um certo Oriente*, a família libanesa de Emilie, com seus silêncios, suas dores e sua memória viva, é desvelada através de uma série de relatos, compilados por uma narradora anônima, que se ocupa da tarefa de ordená-los. Em *Dois irmãos*, o ódio entre Yaqub e Omar mancha a vida de uma família – já partida pela distância que a separa de suas origens – e mostra o quão frágeis são os laços humanos. Em *Cinzas do Norte*, a amizade entre os meninos Raimundo e Olavo contrasta com uma sociedade moralista e enrijecida pelo regime militar em uma história reveladora de encantos e desencantos que atravessam o ser humano. Em *Órfãos do Eldorado*, é a vez de ser explorada não somente a lenda do “Eldorado amazônico”, que atraiu tantas pessoas ao Norte do Brasil, mas a história de amor entre Dinaura e Arminto, bem como a entre o homem e sua terra.

Já em *A cidade ilhada*, imagens do urbano em diferentes partes do mundo servem de matéria-prima para os quatorze contos que compõem a obra. Neles, arte e memória caminham juntas por tempo-espacos que carregam em si as relações ‘eu x outro’, a fim de traduzir o que há de comum e de diverso entre oriente e ocidente – mas sem deixar de lado o Amazonas, “onde tudo nasce e tudo morre no universo literário de Milton Hatoum”.

Andou até a varanda, o rosto voltado para o horizonte.

À primeira vista, a floresta parece uma linha escura além do rio Negro, disse ele. Não se consegue distinguir muita coisa. Mas no interior de tanta escuridão há um mundo em movimento, milhões de seres vivos, expostos a luz e à sombra. A natureza é o que há de mais misterioso. Delatour citou como exemplo o mapa da Amazônia que o encantara desde a infância. Para ele, a floresta era um mundo quase inverossímil, e por isso mesmo fascinante. (HATOUM, 2009, p. 99)

Milton Hatoum lança novos matizes à literatura brasileira contemporânea através de narrativas que exploram as veredas de um tempo formado por espacos e culturas em trânsito. Através de histórias que flutuam pelo leito de rios, sobrevoam portos, cidades e florestas, nosso escritor manauara de raízes libanesas consegue como ninguém unir as pontas de dois mundos, mostrando que estes são, na verdade, um só. Um mundo feito de decepções e segredos, silêncios e memórias, partidas e chegadas, pelo qual indivíduos buscam o seu lugar. Um mundo, sobretudo, repleto de fronteiras dissolutas, representadas por histórias que voam como sementes ao vento, à procura de solo fértil.

A literatura é vivência. E essa vida libertária, com bandas, serenatas, grêmio estudantil, me deu muita coisa. [...] A escola pública me deu a visão da pirâmide social no Brasil. [...] Além disso, eu conheci outros idiomas. Meu pai era libanês, meus avós paternos também. Minha avó falava francês e eu escutava muita música árabe. Convivi também com judeus marroquinos. E adorava ir com meu avô aos bairros flutuantes. Foi uma época rica na minha vida. Tudo isso faz parte de um mundo que tento transformar em um microcosmo, que é o meu romance. (HATOUM, 2011).



REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz T. Silva e Guacira L. Louro. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HATOUM, Milton. *A cidade ilhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HATOUM, Milton. *Na outra margem do rio*. [Entrevista cedida a] Kátia Mello. *Airbone*, set. 2011. Disponível em: <http://www.miltonhatoum.com.br/sobre-autor/noticias-entrevistas/na-outra-margem-do-rio-por-katia-mello-airbone-setembro-de-2011>. Acesso em: 05 fev. 2020.



A aquarela musical de
Toquinho



*De uma América a outra
consigo passar num segundo
Giro um simples compasso e
num círculo eu faço o mundo.*

Toquinho, Maurizio Fabrizio
& Guido Morra



A AQUARELA MUSICAL DE TOQUINHO²⁷

É possível dar cor às melodias? Tingi-las de amarelo, azul, vermelho e de suas infinitas combinações? Para quem percorre a história da Música Popular Brasileira (MPB), isso é sim possível, através da união que se estabelece entre letra e som em uma canção. Existem tons na literatura, nas artes visuais e, por que não, na música, ainda mais quando pensamos no cancionero nacional. A cada nova criação poético-musical surge uma combinação única de cores sonoras, de ritmos melódicos mais claros ou escuros, alegres ou tristes, satíricos, sensuais ou reminiscentes, sempre embebida pela dor e pelo prazer que emanam, ao mesmo tempo, do fazer artístico.

Dentre os fazedores de arte pictórica da MPB está o cantor e compositor Antônio Pecci Filho – nosso conhecido Toquinho, nascido em São Paulo em 1946. De acordo com o livro *Histórias de canções: Toquinho*, escrito pelo irmão João Carlos Pecci e por Wagner Homem (2010), seu contato inicial com a música veio por intermédio da mãe, Diva, que entregou ao filho estudioso o antigo violino que ela usara em sua adolescência, a fim de que ele se desapegasse um pouco dos afazeres escolares. Do violino, Toquinho passou ao violão, o qual se tornou uma paixão tão grande quanto a que sente pelo futebol, mais especificamente, pelo Corinthians, time do coração. Estudou violão, orquestração, harmonização e música erudita, mas foi na companhia dos amigos artistas que ampliou seus conhecimentos e experiências musicais. “A pessoa toca como é”, diz ele (*apud* PECCI; HOMEM, 2010, p. 41), que sempre buscou extravasar pela música emoção, simplicidade e alegria.

Você não para pra pensar
Que o tempo é curto e não para de passar.
Você vai ver um dia que remorso, como é bom parar.
Ver o sol se pôr e ver o sol raiar,
E desligar; e desligar. (PECCI; HOMEM, 2010, p. 72)

27 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, mar. 2011.

Toquinho tem sua experiência musical marcada pela realização de parcerias, as quais culminaram na maior parte dos discos por ele lançados. Nomes como Baden Powell, Chico Buarque, Tom Jobim, Elis Regina, Geraldo Vandré, Paulo Vanzolini, Cacaso, Guarnieri, Belchior, Mutinho e Vinicius de Moraes encheram de vida e de sensibilidade a arte brasileira da segunda metade do século XX. Somente com Vinicius, sua principal parceria, compôs dezenas de canções e lançou mais de dez discos, embebido de uma geração inspirada pela Bossa Nova e pelas incursões de João Gilberto, que redefiniu os rumos da MPB no país. Ao final dos anos de 1960, Toquinho foi para o Rio de Janeiro, onde conheceu músicos e intérpretes importantes da época e, com isso, inseriu-se de vez no cenário musical vigente. Contudo, o acidente sofrido pelo irmão João Carlos, que ficou paraplégico, fez desses anos de sucesso os mais difíceis para Toquinho e sua família.

Sua primeira canção foi gravada em 1967, no LP *Chico Buarque de Hollanda 2*, embora o primeiro disco tenha sido lançado um ano antes, com solos de violão que traziam à tona composições de Chico Buarque, Vinicius de Moraes, Elis Regina, Edu Lobo, Carlos Lyra, entre outros. No ano seguinte, frente aos assombros do AI 5, que trouxe consigo o pior da ditadura militar no Brasil, Toquinho foi à Itália a fim de gravar em parceria com Chico Buarque, autoexilado na época. Em resposta a essa experiência transcultural, o segundo disco foi produzido pelo italiano Sergio Bardotti e gravado nesse país em 1969. Além da Itália, destino corrente nos anos seguintes, Toquinho esteve em países como França, Argentina, Uruguai e Japão, participando de diversos shows e gravações ao longo de sua trajetória artística.

Entre idas e vindas, a parceria com Vinicius de Moraes, travada desde 1970, foi se consolidando e, juntos, ambos fizeram dezenas de canções, shows de sucesso, trilhas sonoras para o teatro e a televisão, e, com isso, deixaram um rico legado musical, construído ao longo de anos de dedicação à arte. Outras parcerias repercutiram no lançamento de discos de qualidade, como *Boca da noite*, de 1974 e *Aquarela*, de 1983. Este, inicialmente intitulado *Acquarello* na versão original italiana, conquistou os ouvintes com seu maior sucesso, a canção homônima, realizada em conjunto com Maurizio Fabrizio e Guido Morra.

Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar
Vamos todos numa linda passarela de uma aquarela
Que um dia enfim descolorirá... (PECCI; HOMEM, 2010, p. 72)

Na década de 1980, já casado com Mônica, Toquinho teve seu primeiro filho, Pedro (1984), que muito o inspirou a compor canções voltadas ao público

infantil. Antes de seu nascimento, Vinicius e Toquinho já haviam produzido Arca de Noé e Arca de Noé 2, ambos de 1980, baseados no livro de Vinicius de Moraes. A seguir, vieram Casa de brinquedos (1983) e Canção de todas as crianças (1987), que também se tornaram clássicos do cancionero infantil do país. Neste último, Toquinho e Elifas Andreato homenagearam a Declaração Universal dos Direitos das Crianças, compondo uma canção para cada um dos dez princípios que a regem. O trabalho foi elogiado pela ONU embora tenha tido pouca repercussão no Brasil. Após muitas parcerias e produções musicais, o DVD Toquinho no mundo da criança chegou em 2004, com animações premiadas no Festival Anima Mundi – destaque para a animação Aquarela, vencedora do Liv Ullman Peace Prize Award, do Festival de Cinema Infantil de Chicago, de 2003.

Toquinho cultivou, ao longo de sua vida, parcerias e experiências, tanto é que, das dezenas de discos lançados por ele, a maioria foi produzida em conjunto com artistas nacionais e estrangeiros. Sejam feitas de tons mais intensos ou sombrios, ou dotadas do colorido infantil, as canções de Toquinho carregam consigo o sentimento do poeta frente ao mundo e suas emoções mais singelas em forma de poesia. Com ele, viajamos por tempos diversos e voltamos a ser criança, pois para experimentar a pureza dos sentimentos não há idade.

Artistas do mundo no fundo
São sempre aprendizes.
Do amor somos embaixadores
Dos nossos países.

Homens poderosos dessa terra,
Esqueçam-se da guerra,
Reparem no poder de uma canção.
Música é a mistura das bandeiras,
O som não tem fronteiras:
É made in coração.

Toquinho



REFERÊNCIAS

PECCI, João Carlos; HOMEM, Wagner. *Toquinho: Histórias de canções*. São Paulo: Leya, 2010.



Hilda Hilst:
Uma vida feita de versos



*Sou eu esta mulher
que anda comigo?*

Hilda Hilst



HILDA HILST: UMA VIDA FEITA DE VERSOS²⁸

A poesia é considerada a forma literária primeira, tal é o imbricamento que estabelece com a natureza. Há poesia nos seres vivos, na paisagem, nos sons, no jogo de luzes e sombras que se formam entre ilusão e realidade – há também poesia nos versos, frutos linguísticos do contato, nem sempre harmônico, estabelecido entre o poeta e o mundo. A relação umbilical entre a poesia e a vida humana em todas as suas dimensões é motivo de encanto e de assombro para muitos escritores que se dedicaram a colher sensações e a provocar reflexões em prosa e verso. A poesia não está apenas nos poemas: está nas percepções provenientes dos sentidos, nos silêncios, nos sentimentos, na arte, enfim, está na vida. O crítico literário Alfredo Bosi (2008, p.31) afirma que “a poesia, toda grande poesia, nos dá a sensação de franquear impetuosamente o novo intervalo aberto entre a imagem e o som, constituindo em si uma fonte inesgotável entre aparência e presença”.

Os versos são prodígios escondidos
da minha fantasia.
Hão de ficar assim. Solenes. Mudos.
E por que não?

Quem alguma vez os leu
com o mesmo amor
com que os escrevi
e na mesma solidão...
(HILST, 2003)

Bosi também vê a poesia como forma por excelência de resistência simbólica na modernidade. Para ele, a resistência tem muitas faces. *Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido, ora a melodia dos afetos em plena defensiva, ora a crítica direta ou velada da desordem.* A poesia resiste à totalidade em dissolução, à falsa ordem social, à barbárie a que a civilização é sub-

28 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, ago. 2010.

metida, ao ilhamento do ser em um mundo que não lhe abre espaço. É por esses caminhos tortuosos de dor e prazer, resistência e deleite que encontramos a poesia de Hilda Hilst.

A saga literária de Hilst inicia-se em 1950, com a publicação do livro de poemas *Presságio*. A partir dele, são escritas dezenas de outras obras, publicadas ao longo de cinco décadas de intenso trabalho literário. Na poesia, destacam-se *Trovas de muito amor para um amado senhor* (1959), *Sete cantos do poeta para o anjo* (1962), *Cantares de perda e predileção* (1983) e *Do amor* (1999). Além de poemas, passa a escrever textos dramáticos, entre os quais estão *O rato no muro* (1967), *O visitante* (1968) e *O verdugo* (1970), a maioria deles adaptada para o teatro. Tais textos, em 2000, são compilados na obra *Teatro reunido*. Já na prosa, a autora constitui um legado importante, que engloba narrativas curtas e longas. Entre elas, estão *Fluxo-Floema* (1970), *Ficções* (1977), *A obscena senhora D* (1982), *Rútilo nada* (1993) e *Estar sendo. Ter sido* (1997). Este, último livro em prosa de Hilst, é composto pelo fluxo de consciência de uma personagem que luta contra a própria condição e a morte. Dessa luta – ora prosaica, ora poética – emana uma pluralidade de vozes que se interconectam e se fragmentam, constituindo uma verdadeira rede de sentidos e sensações. Sobre a natureza temporal do texto, Alcir Pécora (*apud* HILST, 206, p.10) destaca que “estar sendo é [...] iminência de ter sido e de não ser: uma boca que fala numa eternidade silenciosa”.

Hilda Hilst nasceu em 21 de abril de 1930, na cidade de Jaú, interior de São Paulo – filha de Apolonio de Almeida Prado Hilst, escritor e jornalista, e Bedecilda Vaz Cardoso, os quais se separaram logo após o nascimento da única filha. Ainda pequena, muda-se para Santos com a mãe e, em 1948, inicia o curso de Direito na Faculdade do Largo de São Francisco, época em que passa a unir estudos, boemia e transgressão às regras impostas pela sociedade burguesa paulistana, o que lhe rendeu inimizades e paixões – entre eles, o breve romance com o poeta Vinicius de Moraes.

Em 1962, muda-se para a Fazenda São José, de sua mãe, onde é construída a Casa do Sol, refúgio para toda uma vida. Dentro dos limites dessa propriedade repleta de luzes e sombras, Hilst passou a compor uma espécie de geografia íntima, feita de imagens interiores e exteriores, como observa a equipe dos *Cadernos de Literatura Brasileira*, do Instituto Moreira Salles (1999). As sombras que cercam a Casa do Sol “resultam das copas entrelaçadas em trama densa de um vasto renque de árvores, figueiras centenárias, palmeiras dracenas, sombras naturais para a temperatura em geral elevada, capaz de inquietar as dezenas de cachorros condôminos, rústicos e domésticos, quase todos vira-latas”, a assustar qualquer estranho desavisado que deseja passar por seus portões.

Cada vez mais reclusa na Casa do Sol, com o passar dos anos Hilda Hilst compõe um repertório poético que ultrapassa seus textos e adentra seus espaços de vida.

Casada com o escultor Dante Casarini por mais de uma década, a partir de 1980, com o divórcio, Hilst cede espaço de vez à solidão, amenizada apenas pela presença dos animais de estimação e de amigos artistas, como Lygia Fagundes Telles e Caio Fernando Abreu. Em 1981, a escritora recebe o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) pelo conjunto de sua obra. Além dele, outros tantos homenagearam obras específicas em prosa e verso, confirmando a qualidade estética de sua produção literária. Em 2003, sua obra completa é publicada pela Editora Globo e, em fevereiro de 2004, falece no Hospital das Clínicas da Unicamp. Sobre esses laços fraternos que sempre uniram Hilst aos amigos, Telles afirma: penso que o mais importante na amizade seja apenas isso, um tem que achar graça no outro porque nessa bem-humorada ironia está o próprio sal da vida.

Ainda ontem
os homens colheram rosas
que nasceram de nós.
(HILST, 2003)

Nostálgica, crítica ou utópica, a poesia moderna abriu caminho caminhando, diz Bosi (2008). Em meio a momentos de ilusão, transgressão e lucidez, Hilda Hilst abriu caminho à poesia no Brasil contemporâneo, resistindo a padrões socioculturais e impondo seu ritmo libertário. A poesia hilstiana é feita de retratos e passagens, luzes e sombras, vozes e silêncios. Hilst deixa, em seu legado poético, um turbilhão de paixões, por vezes mais obscuras, por vezes mais luminosas, mas sempre carregadas do contato íntimo que sempre estabeleceu com as palavras. Seja feita de vieses mais psicológicos, metafísicos ou eróticos, a poesia hilstiana estabelece um marco essencial à literatura contemporânea, pois é feita, ao mesmo tempo, de originalidade, mistério, libertação e profundidade – características que perseguem o fazer poético. A poesia de Hilda Hilst cheira, olha, toca, escuta e degusta a vida em sua magnitude e decadência, configurando-se como ente orgânico de uma mente indomável – e, por isso, verdadeiramente livre..

Que dor desses calendários
Sumidiços, fatos, datas
O tempo envolto em visgo
Minha cara buscando
Teu rosto reversivo.
[...]
Que gosto esse do Tempo
De estancar o jorro de umas vidas.
(HILST, 2003)



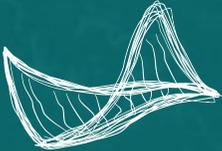
REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. Hilda Hilst. *Cadernos de Literatura Brasileira*, n.8, out.1999.

HILST, Hilda. *Baladas*. São Paulo: Globo, 2003.

HILST, Hilda. *Estar sendo. Ter sido*. São Paulo: Globo, 2006.

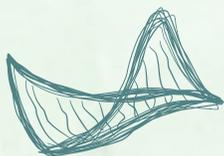


Millôr
Fernandes
e o avesso da escrita



*E chega de heróis.
O homem tem de se convencer
de que o mais importante de
tudo é o dia a dia.
O homem vive é todo o dia.*

Millôr Fernandes



MILLÔR FERNANDES E O AVESSO DA ESCRITA²⁹

A crônica dos costumes do mundo contemporâneo já foi escrita. Ela está registrada nas palavras de escritores que souberam buscar na literatura motivos para expressar sua visão de indivíduo e de sociedade, para redesenhar a história coletiva. Está nas mãos de nomes como Nelson Rodrigues, Ignácio de Loyola Brandão, Ivan Lessa, Paulo Francis, Ruy Castro, Ziraldo, Arnaldo Jabor, Fausto Wolff e Millôr Fernandes, se ficarmos com alguns nomes de escritores brasileiros que se engajaram na escrita do cotidiano, literária e jornalística, os ‘senões’ e os ‘poréns’ da contemporaneidade.

Millôr Fernandes figura entre os mais polêmicos escritores da atualidade. Com sua experiência de quase nove décadas de vida e mais de sete de intensa atividade jornalística, é fácil observar o quanto sua escrita está emaranhada à sua consciência profissional. Millôr não foi homem de meias palavras: foi mestre na produção de textos irreverentes e críticos, feitos ora de humor e ironia, ora de indignação e sarcasmo. Seu vasto legado cultural estende-se à literatura em prosa e verso, às artes visuais e cênicas, ao jornalismo, enfim, às múltiplas possibilidades de produção dentro e fora do universo da escrita.

Polêmico por natureza, Millôr Fernandes escreveu a própria história através da determinação e da ousadia. Com apenas treze anos, entrou para a revista *O Cruzeiro*, época em que já se destacava por seus desenhos cheios de criatividade e humor. Nos anos de 1960, passou a colaborar com o periódico português *Diário Popular*, a revista *Veja* e o jornal *O Pasquim*, do qual foi também fundador. Além deles, escreveu para a revista *IstoÉ*, o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*. O contato intenso com a escrita trouxe a Millôr a precisão estilística e o aprimoramento de seu humorismo crítico, características claramente percebidas em seu legado gráfico, atualmente presente no acervo do Instituto Moreira Salles.

29 Adaptado de Revista *Evidência*, Gravataí, ago. 2011.

Millôr era um homem organizado e metódico, guardava grande parte de seus desenhos originais em volumes encadernados e reuniu toda sua produção publicada em jornais e revistas. Cada coluna, ou seção, era cuidadosamente destacada e guardada. Ao completar um ano, mandava encadernar o conjunto em volumes que recebiam o título e ano do periódico. Esse precioso trabalho permite o cotejamento entre o desenho original (quando existente) e a página impressa, permitindo-se que se estabeleça, com precisão, a data em que foi feito. (INSTITUTO MOREIRA SALLES, 2017)

Contudo, muitas vezes arredio a entrevistas e holofotes, a vida do jornalista é feita de luzes e sombras. Da infância prefere não recordar, mas, ainda menino, órfão de pai e mãe, teve que aprender a viver a partir do próprio esforço. Como consequência, o trabalho chegou cedo e, com ele, responsabilidades e desafios. Em 1946, estreou com o livro *Eva sem costela: um livro em defesa do Homem*. A partir daí, uma enxurrada de produções tomou forma, incluindo roteiros para cinema, literatura e artes visuais, a gerar prêmios nacionais e internacionais. Nesse sentido, merece destaque a peça teatral *Liberdade, liberdade* (1965), produzida em parceria com Flávio Rangel, que se tornou símbolo da arte de resistência no Brasil.

Eu acredito no indivíduo, o que pode parecer uma fraqueza social, pois o indivíduo sozinho, aparentemente, não faz nada. O indivíduo só não faz revolução, não faz vanguarda. Eu posso ser o maior vanguardista do mundo, mas se eu faço uma vanguarda sozinho, eu sou apenas um neurótico. (FERNANDES, 2011, p. 34)

Defensor da liberdade de expressão, Millôr questionou, através de seus textos, as incongruências sociais causadas pela repressão militar, fato que pode ser observado nas seguintes obras dramáticas: *O Homem do Princípio ao Fim* (1966); *Computa, Computador, Computa* (1972); *É...* (1977), com direção de Paulo José e atuação de Fernanda Montenegro; e *Os Órfãos de Jânio* (1980). Millôr também publicou dezenas de livros, entre os quais se destacam *Hai-kais* (1968), *Que país é este?* (1978), *Diário da Nova República* (1985-1988), *Millôr Definitivo: a Bíblia do caos e 100 fábulas fabulosas* (2003) e *O Mundo Visto Daqui* (2010). Particularmente em relação à produção de haikais, Millôr foi um pioneiro na popularização do gênero japonês no Brasil, deixando uma produção riquíssima em texto e imagem.

A VIDA É UM SAQUE
QUE SE FAZ NO ESPAÇO
ENTRE O TIC E O TAC.

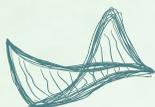


(FERNANDES, 2014)

Como tradutor, Millôr Fernandes foi um verdadeiro autodidata: mesmo deixando os estudos ainda na adolescência, aprendeu, com o esforço pessoal, a buscar nas coisas cotidianas o conhecimento. Como consequência, hoje é considerado um dos mais importantes tradutores do país. Verteu para a Língua Portuguesa obras clássicas e contemporâneas, como os textos de Sófocles, Aristófanes, Shakespeare, Pirandello, Molière, Brecht, Neil Simon e Tchekov. Mesmo com uma infância sem livros, Millôr – ou Milton Viola Fernandes, como foi registrado – soube muito bem encontrar o saber por meio de suas escolhas pessoais e profissionais: “É preciso uma porrada muito forte pra me derrubar, porque eu acredito na vida.” (FERNANDES, 2011, p. 79)

A vida de Millôr Fernandes também está muito bem registrada através da escrita. Em 1972, o autor publicou *Trinta anos de mim mesmo*, no qual conta aos leitores seus trinta anos de carreira. Em 1981, ao vir a Porto Alegre, concedeu à Oitenta – uma revista cultural produzida de 1980 a 1983 pela editora L&PM, que, desde 1976, publicava os livros de Millôr – uma entrevista, na qual falou sobre política, religião, filosofia, literatura, vida pessoal e profissional, encontrada em *A Entrevista* (2011). Além disso, em 2003, o Instituto Moreira Salles publicou o livro sobre sua vida e obra nos *Cadernos de Literatura Brasileira*. Tais textos unem-se aos produzidos pelo autor para formar um legado marcado pela irreverência de uma escrita que mostra a sociedade em seu reverso – ou melhor, uma escrita que se vira sobre si mesma, para descortinar o seu próprio avesso.

Eu acredito no indivíduo, o que pode parecer uma fraqueza social, pois o indivíduo sozinho, aparentemente, não faz nada. O indivíduo só não faz revolução, não faz vanguarda. Eu posso ser o maior vanguardista do mundo, mas se eu faço uma vanguarda sozinho, eu sou apenas um neurótico. (FERNANDES, 2011, p. 34)



REFERÊNCIAS

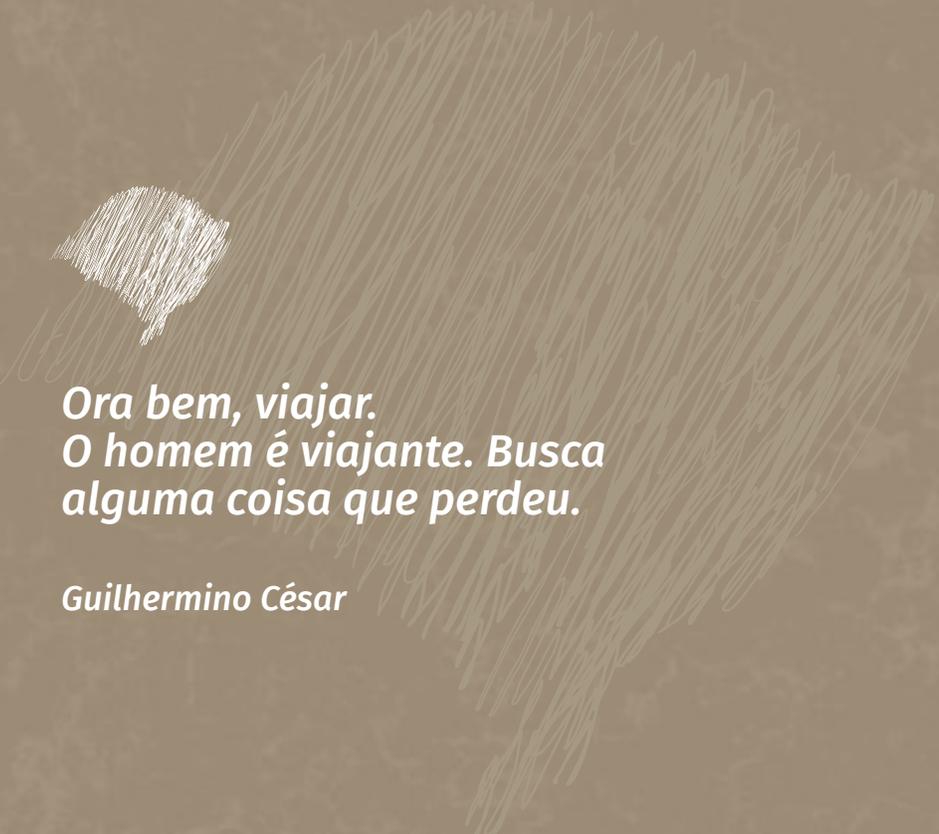
FERNANDES, Millôr. *A entrevista*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FERNANDES, Millôr. *Hai-kais*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2014.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Sobre Millôr Fernandes*. Rio de Janeiro: IMS, 2017.



Pelo lado gauche da
história: uma breve
leitura sobre as
tradições gaúchas de
Guilhermino César



**Ora bem, viajar.
O homem é viajante. Busca
alguma coisa que perdeu.**

Guilhermino César



PELO LADO GAUCHE DA HISTÓRIA: UMA BREVE LEITURA SOBRE AS TRADIÇÕES GAÚCHAS À LUZ DE GUILHERMINO CÉSAR³⁰

Somos a soma de muitas culturas. A mistura de raças e histórias, que juntas, puderam dar forma a um passado coletivo repleto de trabalho, lutas e lacunas. Somos feitos de fronteiras internas e externas, nem sempre pacíficas; de limites difusos entre realidades aqui instauradas, que ampliaram nossa diversidade cultural e geraram a busca pela preservação de tradições derivadas de um passado conflituoso, manchado pelo sangue de indivíduos que morreram em prol de terras e ideais, a exemplo de Sepé Tiaraju, no século XVIII, e de inúmeros farroupilhas anônimos, no século XIX. Somos um povo essencialmente multirracial, que deita suas raízes na diversidade étnica de grupos indígenas, afrodescendentes, espanhóis, portugueses e açorianos, italianos e alemães, assim como de povos provenientes de outras partes do globo. Um povo marcado por uma geografia e um clima que agem como metáfora da unidade construída em meio a tantas diferenças, desbravadas pelas abordagens historiográficas de pesquisadores como Guilhermino César, Voltaire Schilling, Regina Zilberman, Luis Augusto Fischer, Sandra Pesavento, entre outros.

Para Vitor Ramil (2004), nosso compositor e pensador contemporâneo sobre a identidade que atravessa os pampas, o sul do Brasil limita-se do restante do país por sua condição gauche, derivada de uma série de fatores cronotópicos, dos quais se destacam a localização fronteira, o passado de lutas territoriais, a presença de etnias diversas e o clima, marcado pelas estações bem definidas, mas, especialmente pelo frio característico, capaz de geometrizá-la a paisagem e mudar a perspectiva do indivíduo perante o mundo. Já para Guilhermino César (1971, p.16), escritor e historiador mineiro que viveu cinco décadas de sua vida em solo gaúcho, “no complexo cultural sul-rio-grandense, em que a região da campanha entra com a sua originalidade”, a vida literária emerge não apenas da apreciação de valores estéticos, mas de uma motivação psicológica que dá origem a tais manifestações culturais.

30 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, set. 2011.

Guilhermino César (1908-1993), nos anos de 1920 e 1930, atuou em jornais e revistas de Minas Gerais. Em 1943, transferiu-se para Porto Alegre como Chefe de Gabinete de Ernesto Dornelles. Além de cargos políticos ocupados no governo estadual, foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e professor catedrático de Literatura na Faculdade de Filosofia da UFRGS e na Universidade de Coimbra, em Portugal. Como escritor, publicou dezenas de textos em história e literatura, através da colaboração em periódicos nacionais e internacionais e da produção de livros, como *Sul* (1939), romance; *História da literatura do Rio Grande do Sul* (1956); *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul: 1605-1801* (1970); e *História do Rio Grande do Sul: período colonial* (1970). Conforme a pesquisadora Maria do Carmo Campos (2008, p.11), Guilhermino deixou “à posteridade um importante legado sobre especificidades histórico-culturais da formação do estado, que examinou à luz de sua experiência europeia”. Ao observar o Rio Grande, percebia-o como parte integrante de um todo mais homogêneo, a cultura brasileira, sem deixar de ter recebido a influência platina:

O colorido gauchesco foi assimilado como uma de nossas peculiaridades regionais, dentro da riqueza de tons com que se exprime a cultura brasileira, neste país de proporções gigantescas. Ao passo que, para os platinos, ele configura o próprio instinto nacional a lutar por uma expressão individualizadora. (CESAR, 1994, p. 24-25)

Para Guilhermino, a humanidade sul-rio-grandense foi apresentada desde os primeiros escritores da terra, muitas vezes com certo idealismo, mas que souberam vincular o tema à motivação psicológica e a implicações sociais. Um exemplo deles é Simões Lopes Neto, autor de narrativas basilares para a compreensão de nosso legado literário. Influenciada pela cultura secular do estado, mas com um forte propósito de “afirmação gauchesca”, está a vertente tradicionalista, fundada na década de 1940, a qual Guilhermino também via como representação do desejo de preservação e recriação das tradições.

Falei em movimento tradicionalista? É verdade: ali por volta de 1947, das frustrações provocadas pelo Estado Novo, que havia proibido o uso de bandeiras e outros símbolos oficializados pela administração estadual, voltou ao Rio Grande um veemente desejo de afirmação gauchesca, e logo alguns moços se adiantaram, transformando-o em movimento organizado, que hoje existe com estatutos, carta de princípios, congressos periódicos e constantes manifestações sociais. As entidades assim formadas – os Centros de Tradições Gaúchas – são agora do ponto de vista associativo o que há de mais orgânico em remotos lugarejos do interior, onde estimulam sob várias formas o cultivo de velhas usanças. (CESAR, 1985, p. 117-118)

Afora o tradicionalismo recriado ao longo do século XX, as peculiaridades que englobam as tradições gaúchas vêm de longe. Mais que o gentílico para os habitantes do Rio Grande do Sul, o termo 'gaúcho' remete-nos ao tempo lendário do passado regional e ao extenso espaço rural dos pampas. Reporta-nos também ao arquétipo da identidade do povo sulino, simbolizada pelo chimarrão e pelo churrasco, pelo apreço a hábitos campeiros, provenientes de uma história de muitas faces, a qual foi construída pela confluência de culturas distintas, enraizadas às dos povos originários – guaranis, pampeanos, kaingangs – dos colonizadores europeus e dos afrodescendentes, trazidos com a escravidão, e a de tantos outros imigrantes e refugiados que, posteriormente, chegaram à região.

O gaúcho evoca o tempo dos primeiros tropeiros, viajantes paulistas que chegaram ao sul em busca do gado solto nas vacarias e aqui se instalaram, formando as primeiras estâncias, responsáveis pela movimentação da economia do estado através da agropecuária, a qual chegou a fazer do sul, entre os séculos XIX e XX, o chamado 'celeiro do Brasil'. Além disso, a palavra 'gaúcho' vincula-se à denominação espanhola platina *gaucho*, que se refere àquele de origem incerta, ao homem do campo, trabalhador do interior, peão de estância. Mas as origens do termo não param por aí. Uma das hipóteses de suas difusas raízes etimológicas está no termo francês *gauche*, que significa o que está à esquerda, à margem, fora dos padrões – sentido que se amplia quando rememoramos nossas origens mestiças e à falta de regras do homem campeiro antigo, adepto da liberdade. Outra possibilidade está na palavra indígena *guahú-che*, cujo sentido é "gente que canta triste", fazendo-nos lembrar do ritmo melodioso das milongas, que transcenderam fronteiras e aproximaram ainda mais o sul do Brasil de seus vizinhos castelhanos.

Gaúcho do isolamento geográfico e do estilo de vida peculiar, mas que se une, em suas semelhanças e diferenças, à *alma brasileira*, como salienta Guilherme. Gaúcho da milonga, da polaridade de ideias, da proximidade com a natureza campeira – gaúcho de silêncios e vazios, preenchidos pelo som do violão ou da gaita; de um repertório vocabular e um conjunto de sotaques típicos, a diferenciá-lo pela linguagem: esse é o mesmo gaúcho que convive com o frio, geralmente espantado pelo calor do chimarrão, que tem no preparo do churrasco um elo entre o urbano e o rural. Forças telúricas revitalizantes formam o regional e o gaúcho, dos quais emergem tradições seculares, que resistem a qualquer tentativa de superficialização proveniente de gauchismos, regionalismos ou tradicionalismos, os quais tantas vezes ofuscam o mundo real adormecido pelo tempo. Um mundo que é despertado graças a lendas, causos e canções. Um mundo que se transfigura pela literatura daqueles que entrela-

çaram imaginação e realidade através da história, como um Simões Lopes Neto de *Contos gauchescos* e *Lendas do sul*, um Erico Verissimo de *O tempo e o vento*, um Cyro Martins de *Porteira fechada*, um Luiz Antonio de Assis Brasil de *Videiras de cristal*, um Josué Guimarães de *A ferro e fogo* ou um Alcy Cheuiche de *A guerra dos farrapos* e *Sepé Tiaraju*. Um mundo que se faz presente na mão de pesquisadores como Guilhermino César, dedicado a analisar a vida e a cultura dos espaços rio-grandenses, formando um verdadeiro legado histórico para as gerações vindouras.

Redescobrimos, nesse tempo cíclico que nos traz, a cada mês de setembro, o Dia do Gaúcho e a Semana Farroupilha, o quanto somos um povo dotado de uma identidade viva, alimentada pela multiplicidade e pela heterogeneidade de seu povo. O gaúcho é hoje um mito que renasce como uma pequena chama na história coletiva de seu povo – o qual nem sempre está disposto a percebê-lo em seu legado diacrônico, mas que não deixa, por isso, de ser gaúcho. Seja *guahú-che*, *gauche* ou *gaucho*, a imagem do gaúcho é construída e desconstruída a cada dia, sempre que seu passado e suas tradições são resgatados do poço da memória. Dessa forma, toma lugar no centro de nossa história, mesmo que ela esteja à margem da história de outrem. Resgatar algumas das tradições gaúchas é, de certo modo, visualizar, pelo espelho distorcido da cultura, quem fomos, somos e queremos ainda ser.



REFERÊNCIAS

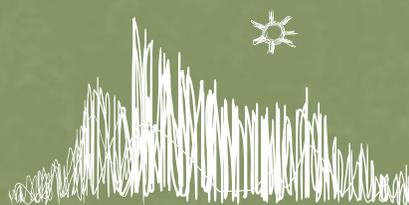
CAMPOS, Maria do Carmo. *O poeta no jornal*. In: CAMPOS, Maria do Carmo (org.) *Caderno de Sábado: páginas escolhidas – Guilhermino Cesar*. Caxias do Sul: Educs, 2008.

CESAR, Guilhermino. *Notícia do Rio Grande: literatura*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Editora da Universidade, 1994.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

CESAR, Guilhermino. O conto gauchesco. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.20, n.3, 1985. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/17501>. Acesso em: 13 abr. 2022.

RAMIL, Vitor. *A estética do frio*. Porto Alegre: Satolep, 2004.



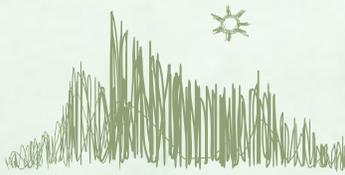
Romance e cidade
pelo mapa de

Bernardo
Carvalho



[...] o que diferencia o grande escritor dos outros é a capacidade de inventar mundos novos, ampliando retrospectivamente a realidade em que as pessoas acreditavam viver [...].

Bernardo Carvalho



ROMANCE E CIDADE PELO MAPA DE BERNARDO CARVALHO³¹

O gênero romanesco, desde suas origens greco-romanas, sempre esteve ligado ao universo das cidades. A partir do romance grego sofista e de provações e do romance de aventuras e de costumes, passando pelo romance medieval, barroco e de aprendizagem (*bildungsroman*), até chegar de um lado, ao romance psicológico e, de outro, ao romance romântico, esse gênero personificou a natureza camaleônica da literatura mundial. Nesse sentido, o pensador russo Mikhail Bakhtin (1990, p.371), que estudou, ao longo do século XX, as relações entre romance, discurso e sociedade, constatou que o gênero “refletiu a antiga luta de tribos, povos, culturas e línguas [e se tornou] uma ressonância completa dessa luta”.

O romance redesenha, através da representação literária, as relações plurilinguísticas e dialógicas existentes no espaço-tempo da urbe e do próprio indivíduo, ainda mais quando este chega à modernidade e encontra, em pleno século XXI, uma infinidade de redes polifônicas que possibilitam a interação entre “eu” e “outro”, individual e coletivo, romance e história cultural. Gênero da inconformidade e da resistência, o romance capturou diferentes formas textuais, características de outros gêneros discursivos, projetos estéticos e ideológicos, fato que pode ser observado em sua natureza autocrítica e ambígua, na multiformidade e no paradoxo a ele subjacentes. Como uma grande rede de vozes, temas e gêneros, o romance utiliza-se de linguagens, tempos e espaços distintos para representar as dimensões humanas, as quais estão intrinsecamente conectadas às incongruências sociais, provenientes da vida urbana transfigurada pelos caminhos e descaminhos da modernidade: “Sempre a mesma pergunta. E a cada dia, receberá uma resposta diferente. A verdade está perdida entre todas as contradições e os disparates.” (CARVALHO, 2002, p.7)

Dentro desse vasto mapa que compõe a romanesca ocidental, insere-se o romance brasileiro contemporâneo e, por ele, as produções literárias do escritor carioca Bernardo Carvalho (1960). Formando em Jornalismo pela Pontifícia

31 Adaptado de Revista Gravataí, Gravataí, nov. 2011.

Universidade Católica do Rio de Janeiro, o autor conserva em sua obra a pluralidade de tempos, espaços e estilos do gênero romanesco, conduzindo o leitor para as mais diversas partes do globo em uma era de desenraizamento territorial, difusão de limites geográficos e globalização. Um dos motivos para tal abrangência reside no fato de que Bernardo Carvalho trabalhou como correspondente da Folha de São Paulo no exterior, mais especificamente em Paris e Nova Iorque, o que lhe permitiu perceber o quanto a literatura é capaz de absorver em sua estrutura e em seus temas a realidade de um mundo que, nas últimas décadas, mudou por completo suas dimensões cronotópicas.

Ganhador de importantes prêmios literários a exemplo do Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), do Prêmio Jabuti, ambos para o romance *Mongólia* (2003), e do Prêmio Portugal Telecom para *Nove Noites* (2000), Carvalho compôs um conjunto de obras marcadas pela originalidade, pelo entrecruzamento narrativo e pelo redimensionamento espacial. Romancista de excelência, publicou, nas duas últimas décadas, obras de significativa importância para a literatura brasileira contemporânea, como *Os bêbados e os sonâmbulos* (1996), *Teatro* (1998), *O sol de pôe em São Paulo* (2007) e *O filho da mãe* (2009), além das duas já mencionadas. Também publicou *Aberrações* (1993), seu livro de estreia, e *O mundo fora dos eixos* (2005), coletâneas que marcam sua passagem pela narrativa curta, seja pelo conto ou pela crônica.

Em *Os bêbados e os sonâmbulos*, narrativa, identidade e memória acompanham o protagonista, que luta contra o tempo que lhe resta, a cidade que o devora e a realidade fluida que o envolve. Em meio a espaços terrestres, aéreos, oníricos e pictóricos, enigmas vão sendo, pouco a pouco, revelados; entre eles, a complexidade individual que paira sobre o labirinto coletivo da urbe. Em *Mongólia*, em meio a espaços desconhecidos e longínquos, repletos de solidão desértica, temos o entrecruzamento de discursos realizados por personagens sem nome ou identidades definidas, que partem rumo à descoberta de si e do outro. No romance, a sensação de ser estrangeiro aglutina-se às relações de alteridade que pairam sobre a paisagem de Mongólia e sobre os diários do fotógrafo desaparecido. Carvalho produz aqui uma narrativa cartográfica, à semelhança de *Nove noites*, fazendo do romance um mapa a ser decifrado. Outro aspecto relevante da obra é a expressão do nomadismo experimentado pelo indivíduo face à vida no deserto, que em muito nos remete à vida nas grandes cidades contemporâneas.

Em *O sol se pôe em São Paulo*, Brasil e Japão avizinham-se em meio aos relatos memorialísticos de Setsuko – ou melhor, Michiyo – filtrados pelo narrador-escritor. As contradições da sociedade contemporânea vêm à tona pelo viés particular de personagens em busca de si mesmas e pela consequente pro-

fundidade psicológica, gerando uma narrativa sem fronteiras, na qual prevalece o desenraizamento, a solidão e o isolamento característicos das grandes cidades. Já em *O filho da mãe*, o fio polifônico da narrativa estampa as arbitrariedades de um mundo em guerra, a devastar os vínculos familiares e a formar um exército de pessoas solitárias, cujas identidades foram assoladas pela morte e pela perda dos espaços de origem. A cartografia romanesca agora centra a análise nos espaços de conflito da guerra da Tchetchênia, em especial a lendária São Petersburgo, lugares que se expandem a muitos outros e são sobrepostos por narrativas de personagens fora do lugar, à margem da realidade, em especial às mães de soldados e fugitivos de guerra.

Em seu périplo, Bernardo Carvalho buscou alimento para a feitura dos textos produzidos. Ao mesmo tempo, seus escritos subvertem a lógica tradicional do romance de viagens, pois nunca estão fechados em um único espaço; ao contrário, abrem-se, em cada cidade (re)visitada, ao contraditório e ao subjetivo inerentes ao indivíduo e à paisagem, o que torna cada um dos romances um mapa do desconhecido e do não dito escondidos em cada rua, em cada esquina, em cada construção, em cada moradia, enfim, em cada atmosfera urbana. Pela obra de Bernardo Carvalho, tornamo-nos também viajantes e podemos, através de cada um de seus mapas literários, observar a riqueza do romance contemporâneo, sua multiplicidade de símbolos e vozes. Somos, assim, viajantes de nós mesmos, e (re)descobrimos as possibilidades infinitas da linguagem enquanto rede flexível e dinâmica, formada pela interligação de espaços e tempos. “Somos incapazes de ver o avesso das coisas. E o mundo pode ser o exato oposto do que acreditamos que ele é.” (CARVALHO, 2005. p.87)



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 2.ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1990.

CARVALHO, Bernardo. *O mundo fora dos eixos*. São Paulo: Publifolha, 2005.

CARVALHO. *Nove Noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



Pelos
descaminhos
literários de
Lya Luft



Não se pode esquecer também que escrevo propondo uma releitura dos valores familiares e sociais de meu tempo: cada um de meus romances pode e deve ser lido como uma denúncia da hipocrisia, da superficialidade e da mentira nos tipos de relacionamentos mais estranhos ou mais comuns. Não é apenas o imponderável e o misterioso que me interessa, mas o grande desencontro humano.

Lya Luft



PELOS DESCAMINHOS LITERÁRIOS DE LYA LUFT³²

A literatura oferece ao ser humano, enquanto leitor, a possibilidade de tecer desafios constantes a si mesmo por meio do conhecimento de outras realidades – reais e inventadas – que passam a fazer parte da(s) realidade(s) vivida(s) por aquele que lê. Como ocorre em um jogo de espelhos, é possível encontrar, pelas páginas de um texto literário, faces, tempos e espaços perdidos, os quais são, ao mesmo tempo, “eu” e “outro” em constante mutação e interação. Ao adentrarmos o universo literário, experienciamos uma fusão de vidas, ora experimentando de suas luzes, ora de suas sombras, em nossa própria vida.

Entre sombras de entes fantásticos e mitológicos, imagens de realidades difusas ou grotescas, luzes de relacionamentos complexos ou singelos, nasce a literatura luftiana. Feita pela soma de arranjos narrativos e poéticos, seus textos, que abrangem dezenas de livros publicados, assumem múltiplas formas do literário – romances, crônicas, ensaios e poemas. Descendente de imigrantes alemães, Lya Luft nasceu em Santa Cruz do Sul, em 1938. Suas raízes germânicas uniram-se à cultura brasileira ao longo de sua vida, seja pela soma de culturas que predominaram dentro do território familiar, seja pela de espaços por ela trilhados. A valorização da leitura fez com que, desde cedo, desfrutasse do prazer inerente ao mundo ficcional. Como tradutora, desde 1960, verteu para a Língua Portuguesa obras do inglês e do alemão de autores do cânone literário ocidental, a exemplo de Virginia Woolf, Thomas Mann, Doris Lessing e Günter Grass. Formada em Letras Anglo-Germânicas e Mestre em Linguística Aplicada (PUCRS) e Literatura Brasileira (UFRGS), atuou como professora de linguística e literatura nas Faculdades Porto-Alegrenses nos anos de 1970.

A partir de 1980, com o incentivo de Pedro Paulo Sena Madureira, editor da Nova Fronteira na época, e de Celso Pedro Luft, Lya passou a dedicar-se com profundidade à literatura. O romance *As parceiras* (1980), sua obra de estreia, deu início a uma sucessão de narrativas longas centradas em conflitos interiores e dramas familiares representativos do mundo contemporâneo. Pertencem

32 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, jan. 2013.

a esse grupo os romances *A asa esquerda do anjo* (1981), *Reunião de família* (1982), *O quarto fechado* (1984), *Exílio* (1987), *A sentinela* (1994), *O ponto cego* (1999) e *O tigre na sombra* (2012).

Em *O quarto fechado*, Lya procura questionar os mistérios da vida e da morte, apresentando-as como as grandes protagonistas do romance. Por meio de fragmentos de memória, toma forma a tragédia que paira sobre a família de Renata, enquanto esta vela o filho Camilo. Personagens fragmentadas alimentam a narrativa com suas angústias e recordações íntimas, as quais representam mundo contemporâneo pelo seu avesso, levando o leitor à análise das sensações de vazio e impotência do ser humano frente à deterioração das relações sociais: “Renata mirava Camilo: por onde andaria agora? Morto, parecia-lhe um pouco menos misterioso. Talvez menos enigmático agora que a Esfinge engolira todos os enigmas, as águas dissolvendo tudo com a umidade.” (LUFT, 1991, p.62)

Com *O ponto cego*, novas perspectivas surgem na romanesca luftiana, embaladas por questões até então não exploradas profundamente pela autora, como a utilização do olhar infantil como ponto de vista da narrativa e da metalinguagem. Retomado nesse romance, a personagem “Anão”, presente no romance *Exílio*, assume novos matizes. Além disso, ocultas na individualidade do narrador, o “Renegado”, estão questões vinculadas à contemporaneidade, como o desajuste nas relações humanas, os conflitos identitários e as pequenas perversidades provenientes de ações cotidianas: “O tempo que rói e corrói precisa ser reinstaurado, quem conta histórias pode sobrepor muitas camadas de imaginário e real, pois sabe que os limites são tênues, e poderosa a liberdade com todos os seus perigos.” (LUFT, 2003, p. 16)

Em seu romance mais recente, *O tigre na sombra*, Luft mantém a exploração do universo interior, apresentando-nos os conflitos familiares sob a perspectiva de Dôda – ou Dolores – personagem marcada pelo problema físico que a acompanha ao longo da vida. A “menina da perna curta” enfrenta, muito mais que a dificuldade de caminhar, a rejeição de uma sociedade que não perdoa aqueles que não se ajustam aos seus padrões, exclusão vivida no próprio seio familiar. Em meio ao constante jogo de espelhos e sombras, o leitor vai se apropriando da trama que forma a narrativa, cuja chave está na incidência do duplo, seja pelo reflexo de Dolores nos espelhos; pelos contrapontos com a irmã Dália; pela presença de Deco, amigo imaginário; pelo simbolismo que paira no tigre que espera; ou pela presença constante do mar, no qual a narradora se visualiza.

Além de romances, Lya publicou diversos livros vinculados ao gênero ensaio. Um dos motivos de inspiração para esse estilo é a sua participação, desde 2004, como colunista da Revista *Veja* na seção *Ponto de Vista*. Ora próximos da

crônica, ora mais distantes da estética literária, com uma escrita que passa por depoimentos e memórias, esses livros conquistaram o público de massa e popularizaram a autora dentro e fora do país. Entre tais publicações, estão *O rio do meio* (1996); *Histórias do tempo* (2000), *Mar de dentro* (2002), *Perdas e ganhos* (2003), *Pensar é transgredir* (2004), *Em outras palavras* (2006), *Múltipla escolha* (2010) e *A riqueza do mundo* (2011). A autora, que já recebeu diversos prêmios e distinções literárias, também possui incursões na poesia, no conto e na literatura infanto-juvenil.

Lya Luft é uma escritora de muitos caminhos. Em cada uma das veredas trilhadas, encontramos o absurdo, o grotesco e o impossível, mas também o ordinário, o terno, o cotidiano. De rotas que se distanciam e entrecruzam, passando por diferentes gêneros e estilos, nascem seus textos, pelos quais é possível perceber que realidade e ficção são, na verdade, indissolúveis, feitas muito mais de silêncios e assombros do que de palavras e encantos. Eis alguns dos mistérios que circundam os descaminhos literários de Lya Luft.

A vida que imaginamos é uma casa transparente sem janelas nem saídas. A gente a constrói com palavras e silêncios, abraços e afastamentos, uma vida paralela a isso que parece o concreto cotidiano. Ali o amado não entra, a amada fica de fora, sombras e luzes como espectros dançam e acenam. Fora dessa casa de vidro existe outra vida, que chamamos real. Com pão e manteiga, aroma de café, lençóis úmidos de sexo, filhos correndo, pais envelhecendo, contas a pagar, cargos a ocupar, nomes e marcas e tráfegos e sonhos e consumo, e sonhos de consumo.

E dor. (LUFT, 2012)



REFERÊNCIAS

LUFT, Lya. *O quarto fechado*. 8.ed. São Paulo: Siciliano, 1991.

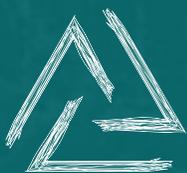
LUFT, Lya. *O ponto cego*. 4.ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003.

LUFT, Lya. *O tigre na sombra*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2012.



Memórias sem
fronteiras pela narrativa de

Michel
Laub



*A inviabilidade da
experiência humana em
todos os tempos e lugares
tem a vantagem de tornar
as coisas menos penosas
e mais divertidas.*

Michel Laub



MEMÓRIAS SEM FRONTEIRAS PELA NARRATIVA DE MICHEL LAUB³³

A literatura brasileira contemporânea pode ser comparada a um terreno movediço. É impossível mensurá-la ou conhecê-la por inteiro, tal sua dinamicidade e complexidade. Se centrarmos o olhar no romance, enquanto gênero literário que carrega as marcas da contemporaneidade, perceberemos que este se constitui como a representação linguística de Babel, dada a multiplicidade de estilos e vozes que o constituem. Conforme Franco Moretti (2009, p. 11), em *A cultura do romance*, o gênero é “um grande acontecimento cultural, que redefiniu o sentido da realidade, o fluxo do tempo e da existência individual, a linguagem e as emoções e os comportamentos”. Feito de dimensões espaço-temporais e linguísticas, que se abrem como as camadas de uma cebola, o romance é alvo de atenção da literatura do século XXI.

Muitos são os escritores gaúchos que se destacam no Brasil hodierno, ultrapassando as fronteiras da nação por meio do fazer romanesco. Entre eles está o porto-alegrense Michel Laub (1973), colunista da Folha de São Paulo, com trabalho editorial realizado na revista Bravo! e no Instituto Moreira Salles. Devido à experiência jornalística, à graduação realizada em Direito (UFRGS) e iniciada em Jornalismo (PUCRS), Laub esteve sempre ligado ao universo linguístico, o que repercutiu em seus caminhos pela literatura. Enquanto romancista, Laub possui, com as cinco obras publicadas pela Companhia das Letras, grande representatividade no cenário da narrativa brasileira contemporânea do século XXI. Seus romances são *Música Anterior* (2001), *Longe da água* (2004), *O segundo tempo* (2006), *O gato diz adeus* (2009) e *Diário da queda* (2011).

Reconhecido dentro e fora do Brasil, Laub recebeu prêmios literários de destaque, como o Erico Verissimo/Revelação (2001) e o Bienal de Brasília (2012). Além disso, figurou entre os finalistas de diversos outros prêmios, como o Portugal Telecom e o Jabuti. Suas publicações já ultrapassaram fronteiras, chegando a países como Argentina, Itália, Alemanha, Espanha, Estados Unidos, França, Reino Unido e Portugal. Outra marca de sua expressão internacional está em

33 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, maio 2013.

sua inserção no número 121 da revista inglesa *Granta: the magazine of new writing*, cuja temática voltou-se ao que há de novo na romanesca brasileira: “The best of Young Brazilian novelists”. Interessante observar aqui um trecho da análise da revista sobre os novos rumos da literatura brasileira: “The work of the twenty Brazilian writers selected as the Best of young Brazilian Novelists is deeply rooted in their experience and culture, even if it may not be reflected in the manner expected. The stories here do not convey an image of an idealized, tropical nation.” (GRANTA, 2012, p.7)

Juntamente a outros dezenove escritores, Michel Laub integra-se ao seleto grupo, ao lado de nomes como Daniel Galera e Tatiana Levy e dos escritores gaúchos Leandro Sarmatz, Antônio Xerxenesky, Carol Bensimon e Luisa Geisler. Selecionado por um júri composto por nomes de altíssimo padrão crítico e literário – Beatriz Bracher, Ítalo Moriconi, Manuel da Costa Pinto, Cristóvão Tezza, Samuel Titan, Benjamin Moser e Marcelo Ferroni – Laub abre a edição com o conto “Animals”.

Em seu mais recente romance, *Diário da queda*, deparamo-nos com o desenraizamento literário, por meio de uma narrativa de tom confessional, pela qual somos levados a experiências únicas de vida, todas marcadas por conflitos identitários, provenientes de diferenças culturais e religiosas, bem como pelas marcas do holocausto em três gerações de uma família – avô, pai e filho. Perdas individuais e coletivas são expressas através de relações truncadas, as quais culminam com a solidão que paira sobre cada uma das personagens, imersas em um mundo de dor e desilusões. Ao mesmo tempo, há o silêncio deflagrado pelo holocausto, pelas marcas deixadas por Auschwitz na pele dos sobreviventes e na memória coletiva. Em uma narrativa de discursos, gerações e memórias entrelaçados, feita de transições cronotópicas, Laub refaz a experiência do holocausto e da condição judaica, inserindo-as no contexto do Brasil contemporâneo pelo recurso da digressão interior.

É possível odiar um sobrevivente de Auschwitz como meu pai odiou? É permitido sentir esse ódio de forma pura, sem que em nenhum momento se caia na tentação de suavizá-lo por causa de Auschwitz, sem que se sinta culpa por botar as próprias emoções acima de algo como a lembrança de Auschwitz? (LAUB, 2011, p.136)

Em *Diário da Queda*, as perversidades da guerra estão refletidas nas relações afetivas. Exemplo disso está na crueldade do nazismo, sombra que se projeta na quebra dos vínculos paterno e fraterno – chegando, inclusive, nas ações entre judeus e não judeus dentro do ambiente escolar. Doença, vício, morte, culpa e preconceito perpetuam-se nas memórias do narrador sobre o avô, o pai

e a sua própria vida, pelas quais procura recompor-se identitariamente em meio às vicissitudes do mundo moderno. Mas também há esperança: “Ter um filho é deixar para trás a inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares” [...]. (LAUB, 2011, p.150)

Ao observarmos como o romance está emaranhado ao fenômeno da modernidade, como a representa e dela se alimenta, em uma relação simbiótica, percebemos que não é mais possível pensar o mundo contemporâneo sem romances e romancistas, sem escritores que possuem o papel de questionar, reescrever, resistir, compor e decompor as faces da modernidade. No caso da literatura brasileira contemporânea, território inóspito que se refaz para além das fronteiras da nação, cada vez mais experimentamos a integração parte-todo/Brasil-mundo por meio da recriação linguística. O gaúcho Michel Laub pertence a esse panorama, composto por escritores que tecem linguisticamente a diferença, ao fazer do romance espaço/tempo para a redefinição da modernidade, de suas tragédias e esperanças. Mais uma vez, a literatura está, pela mente de nossos escritores, a repensar o sentido das coisas, a experimentar o sublime e o grotesco da humanidade.

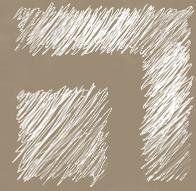


REFERÊNCIAS

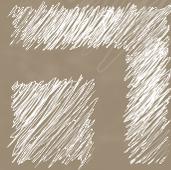
GRANTA. *The Best of Young Brazilian Novelists*, Londres, n.121, 2012.

LAUB, *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MORETTI, Franco (org.). *A cultura do romance*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009.



Cyro Martins
e o redimensionamento
do ser e do fazer gaúcho



*Mas o ideal mesmo é a gente
não se sentir jamais em fim de
festa e experimentar o gosto
de viver no devir do dia a dia,
infinito recomeçar da criação.*

Cyro Martins



CYRO MARTINS E O REDIMENSIONAMENTO DO SER E DO FAZER GAÚCHO³⁴

A literatura, em seu poder de representação e reconfiguração da realidade, age socialmente no sentido de promover a problematização de imagens cristalizadas em determinado tempo-espço. Mais do que isso, é também formadora de conceitos diferentes dos já estandardizados em determinada cultura, os quais, muitas vezes, passam a fazer parte do imaginário coletivo de determinado grupo social. Antonio Candido (2004, p. 174), ao pensar a literatura como “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”, pelo contato vital que esta estabelece entre o ser e a sua capacidade de fabulação, afirma no ensaio intitulado “O direito à literatura”, que esta confirma o homem em sua humanidade:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 180)

Dentre os expoentes da narrativa brasileira cujo olhar paira sobre as relações entre sociedade e humanidade, temos o escritor Cyro Martins. Sua obra, além de trazer um novo vigor à literatura gaúcha, ao lado de Erico Verissimo e Dyonélio Machado, contribuindo à expansão das possibilidades estéticas e ideológicas no chamado “Romance de 30”, trouxe às artes de nosso tempo indagações essenciais à compreensão do indivíduo em um mundo marcado pela modernização. Isso porque Martins não se contentou em resgatar as origens míti-

34 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, set. 2013.

cas do gaúcho ou em exaltar com preciosismo as tradições do sul do país. Foi além: dedicou-se no sentido de oportunizar ao leitor de seus textos o exercício da reflexão sobre o gaúcho em sua saga contra a pobreza e em seu movimento do campo para a cidade.

Nascido em Quaraí em 1908, Cyro deixou os pampas ainda menino para estudar na capital gaúcha, incursionando, aos quinze anos, na literatura com a produção de contos. Retornou à terra natal em 1934, agora como médico formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, com o objetivo de levar a prática da medicina para as regiões menos favorecidas – neste mesmo ano, publicou sua primeira obra, o livro de contos *Campo fora*. Contudo, seus estudos não pararam por aí: estudou Neurologia no Rio de Janeiro (1937); iniciou atividades profissionais no Hospital São Pedro (1937), onde colaborou com a fundação da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (1938); realizou estudos de psicanálise em Buenos Aires, tornando-se membro da Associação Psicanalítica Argentina (1955). De volta a Porto Alegre, passou a ser professor no Instituto de Psicanálise e foi eleito presidente da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Neurocirurgia (1957). Concomitantemente à sua trajetória como pesquisador e médico psicanalista, Cyro Martins deixou à literatura importante legado por meio de obras formadas especialmente por romances, novelas e contos. Merecem destaque os romances *Sem rumo* (1937), *Porteira fechada* (1944) e *Estrada nova* (1954), que compõem a “trilogia do gaúcho a pé”, obra expressiva das condições precárias vividas pelos gaúchos, na primeira metade do século XX, face a crises econômicas, à desigualdade social e a perdas identitárias provocadas pelo êxodo rural e pelo crescimento desenfreado das cidades.

É interessante observar que, ao mesmo tempo em que Cyro buscava representar a dor do gaúcho sem posses e em meio à degradação social, incluindo-se nessa realidade conflitos históricos e existenciais, formava-se, em Porto Alegre, com a criação do CTG 35 (1947), a busca pelo resgate da imagem mítica do gaúcho através do chamado tradicionalismo. Na mesma época, os compositores Barbosa Lessa e Pedro Raimundo cantavam com lirismo e nostalgia o universo gauchesco em composições como “Quero-Quero” (1946) e “Saudade do rincão” (1945), e Erico Verissimo lançava a primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, intitulada “O Continente” (1949). Em 1954, o escultor pelotense Antônio Caringi concluía a estátua do Laçador, atual símbolo de Porto Alegre, tendo o folclorista Paixão Côrtes como modelo. Observamos, aqui, que a Martins não contribuía individualmente, mas de modo coletivo à formação do legado histórico-cultural do sul do Brasil.

Cyro Martim, nas décadas seguintes, apresentou vasta produção de narrativas curtas, nas quais há incidência de aspectos existenciais, memorialísticos,

autobiográficos e históricos, que retomam, direta ou indiretamente, o universo interiorano e contribuem à reflexão sobre a dicotomia campo x cidade. Destacam-se *A entrevista* (1968), *Rodeio* (1976), *A dama do saladeiro* (1980). Após ter a obra reorganizada e o livro de memórias *Para início de conversa* (1990) publicado em parceria com Abrão Slavutzky, Cyro Martins veio a falecer em dezembro de 1995.

Atualmente, o Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins (CELPCYRO, 2021) empenha-se em manter viva a memória do escritor e psicanalista, por meio da guarda do acervo do autor, juntamente ao Espaço de Documentação e Memória Cultural (Delfos/PUCRS), do desenvolvimento de projetos de pesquisa e da produção científica, além da realização de eventos. Fundado em 1997, pela filha de Cyro, Maria Helena Martins, o CELPCYRO recebeu, em 2004, a qualificação de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) e, em 2008, o Prêmio Fato Literário na Feira do Livro de Porto Alegre.

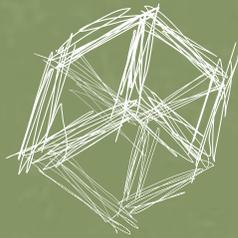
Assim como autores de outras regiões brasileiras, a exemplo de Jorge Amado e Graciliano Ramos, Cyro Martins não poupou esforços em dar voz aos desvalidos e aos marginalizados, distantes dos grandes centros urbanos do país e deslocados da paisagem mítica do universo regional. Por meio de personagens representativas da diversidade regional brasileira, o autor empenhou-se em fazer de sua literatura elemento essencial da humanidade a que Candido se refere, trazendo para suas obras o repensar sobre os problemas da vida, as emoções que pairam sobre a existência individual e coletiva dos menos favorecidos, a complexidade do mundo e dos seres, para, assim, redimensionar o ser e o fazer gaúcho.



REFERÊNCIAS

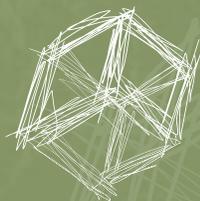
CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004.

CELPCYRO. *Homenagens a Cyro Martins*. 2021. Disponível em: <https://www.celpcyro.org.br/joomla/>. Acesso em: 10 abr. 2022.



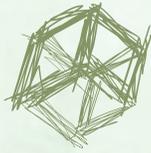
Adriana Lisboa

e o espaço-no-mundo do
romance contemporâneo



*Enquanto isso, os moluscos do mar
de Copacabana silenciavam o
mundo dentro de suas conchas azul-
corvo. E os corvos sobrevoavam a
cidade de Lakewood, Colorado.
Os corvos azul-concha.*

Adriana Lisboa



ADRIANA LISBOA E O ESPAÇO-NO-MUNDO DO ROMANCE CONTEMPORÂNEO³⁵

A narrativa brasileira do século XXI, em suas assimetrias geoartísticas, passa a ocupar espaço no mundo. E tal conquista não é feita apenas de enredos que mais se parecem trajetos de um continente a outro, de personagens-andarilhos a realizar o périplo, costurando distâncias no tempo. É também feita por escritores que podem ser comparados a verdadeiros *globetrotters*, redeseenhando o mapa da literatura dentro e fora do espaço-nação.

Adriana Lisboa está neste seleto grupo de escritores brasileiros que se aventuram pelo globo. Entre eles, temos Tatiana Salem Levy (Portugal, 1979), Chico Mattoso (França, 1978), Carola Saavedra (Chile, 1973), que desde cedo tiveram diferentes geografias a compor as noções de nacionalidade e pertencimento. Outros, nascidos em território brasileiro, como Milton Hatoum (Manaus, 1952), Patrícia Melo (Assis, 1962), Bernardo Carvalho (Rio de Janeiro, 1960), Javier Arancibia Contreras (Bahia, 1976), Michel Laub (1973, Porto Alegre) e Julián Fuks (São Paulo, 1981), possuem a mutiespacialidade como marca de suas raízes e/ou de sua mobilidade constante pelo globo, características por vezes refletidas na face de suas obras.

A escritora carioca Adriana Lisboa (1970), também tradutora, graduada em Música pela Uni-Rio, com doutorado em literatura comparada pela UERJ, mora atualmente nos Estados Unidos. Sua obra, publicada em países como Estados Unidos, Reino Unido, França, Itália, Portugal, México, Argentina, Suíça e Alemanha, é composta pelos romances *Os fios da memória* (1999), *Sinfonia em branco* (Prêmio José Saramago, 2001), *Um beijo de Colombina* (2003), *Rakushisha* (2007), *Azul-Corvo* (2010) e *Hanói* (2013). Também se incluem *Caligrafias* (contos, 2004), *Contos populares japoneses* (2008), *Língua de Trapos* (infanto-juvenil, 2009), *A sereia e o caçador de borboletas* (infanto-juvenil, 2009) – uma vasta composição artística para quem teve sua primeira incursão literária nas margens do século XXI. Além de se voltar à própria produção, Lisboa colabora, como membro do

35 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, dez. 2013.

PEN American Center e da ONG US-Brazil Connect, ao intercâmbio artístico e cultural entre Brasil e EUA.

Dentre os prêmios de maior destaque recebidos pela autora, está o Moinho Santista pelo conjunto de sua obra, conquistado em 2005. É interessante observar como sua inserção internacional faz-se importante, principalmente a partir das bolsas de criação e tradução recebidas. Dentre elas estão a de pesquisadora visitante no *International Research Center for Japanese Studies* (Japão, 2006), na Universidade do Novo México (2007) e na Universidade do Texas em Austin (2008-2009). Escritora convidada para a primeira versão extranacional da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), Lisboa está entre os protagonistas do FLIPSIDE (Suffolk, Inglaterra, 04 e 06 de outubro de 2013), ao lado de nomes como Ferréz, Milton Hatoum, Patrícia Melo, Ana Maria Machado e Bernardo Carvalho. Como se não bastasse, é um dos expoentes de nossas artes entre os setenta autores brasileiros selecionados para a Feira do Livro de Frankfurt 2013, que tem o Brasil como convidado de honra.

Para os que pensam que o genuíno da literatura brasileira está sendo perdido com a crescente inserção internacional de nossas artes, a resposta talvez resida entre as palavras de Vitor Ramil: “Às vezes o lugar onde queremos chegar fica exatamente onde estamos, mas precisamos dar uma volta para encontrá-lo. [...] Aprenda a ver.” Fruto do processo de globalização vivido a todo vapor pelo país, especialmente a partir dos anos de 1990, após o período de redemocratização, seguido pelo desenvolvimento econômico e tecnológico, o Brasil experiência, na atualidade, a integração mundial, a qual passa pelas redes globais de comunicação, pela internacionalização e popularização das viagens, e pela consequente transformação da experiência individual humana. Conforme James L. Watson (2013), em colaboração para a *Encyclopædia Britannica*, a força das culturas locais gera o apagamento da noção de “cultura global”. Se a globalização não elimina as culturas locais, ela gera, por outro lado, uma nova compreensão do tempo-espaço, a qual é percebida pela literatura. No caso de Adriana Lisboa, é observável, no conjunto de sua narrativa, um sentimento de instabilidade e busca, em meio à necessidade de pertencimento e reencontro íntimo, alimentado pela mobilidade espacial das personagens, as quais estão em trânsito constante.

É nesses caminhos construídos e reconstruídos que elas enveredam na ânsia por reencontrar a si mesmas. Seja pelas travessias de Vanja na ponte que se faz entre Brasil, México e Estados Unidos (*Azul-corvo*); pelos descaminhos de Haruki e Celina, nos entrelugares que se fazem pelos espaços Brasil-Japão e suas culturas (*Rakushisha*); pelas “narrativas do que não foi”, compostas de um emaranhado de possibilidades a unir a história das irmãs Maria Inês e Clarice

(*Sinfonia em branco*); pelos percursos da memória do narrador que refaz a história de Teresa, com seus espaços, seus mistérios e suas mortes (*Um beijo de Colombina*); pela reconstituição da história do Brasil por Beatriz, a partir do contato com os diários de seus antepassados africanos e portugueses, pelos quais recompõe um mundo, ao mesmo tempo, individual e coletivo (*Os fios da memória*); seja pelos deslocamentos realizados por Alex e David, a traçar um elo entre Brasil e México, Vietnã e Estados Unidos, na luta pela sobrevivência em um mundo sem fronteiras (*Hanói*), Adriana Lisboa entrelaça universal e local em narrativas marcadas pela força do tempo e do espaço na constituição do humano. Um humano com múltiplas faces, mas que conserva, entre elas, as feições de um país em movimento constante, feito de uma geografia múltipla e realidades transitórias, bem como de memórias que levam seus habitantes a um sem-número de lugares mundo – um país chamado Brasil.



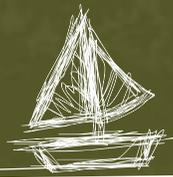
REFERÊNCIAS

LISBOA, Adriana. *Azul-corvo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

RAMIL, Vitor. *Satolep*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

WATSON, James. *Cultural globalization*. In: *Encyclopædia Britannica*, 2013. Disponível em: <https://www.britannica.com/science/cultural-globalization>. Acesso em: 22 abr. 2022.





Daniel Galera:

travessias literárias
em texto e imagem



*Os átomos do meu corpo
podem ser poeira de estrelas,
mas isso não quer dizer que
há estrelas em mim.*

Daniel Galera



DANIEL GALERA: TRAVESSIAS LITERÁRIAS EM TEXTO E IMAGEM³⁶

A literatura configura-se hoje por uma crescente pluralidade de cores e formas, de espaços e tempos, abrangendo, em sua organicidade, uma verdadeira miscelânea de gêneros e de expressões artísticas, os quais se tornam cada vez mais mutáveis, (re)integrando-se e desintegrando-se no corpo literário. Conforme o pensador Mikhail Bakhtin(2003), a heterogeneidade é característica dos gêneros, os quais absorvem e digerem outros gêneros em seu processo de formação, o que pode ser observado na complexidade intrínseca ao romance.

No sistema literário brasileiro contemporâneo, autores e obras têm experimentado cada vez mais a interconexão entre gêneros, produzindo obras híbridas, que dialogam especialmente com outras artes e formas de expressão. Em meio ao 'laboratório literário e linguístico' da atualidade, encontramos escritores como Daniel Galera, que utiliza a capacidade imagética e dramática dos textos como matéria para suas produções, recompondo-os em texto-imagem para formar algo único em sua pluralidade temática e estilística. Segundo ele, "não existe necessidade de 'resgatar' nenhum gênero literário hoje em dia. [...] A grande questão da literatura contemporânea é: com tanta possibilidade, vou fazer o quê?" (GALERA, 2012)

Galera nasceu em 1979 em São Paulo. Filho de pais gaúchos, sua infância esteve atrelada aos espaços porto-alegrenses, o que explica a incidência do sul do Brasil em suas obras. Até o despontar do século XXI, seus textos foram publicados em meio digital, fenômeno recorrente em muitos escritores contemporâneos, que buscam em blogs e revistas virtuais espaço para a divulgação de sua literatura. Escritos de ficção, incluindo contos, romances e *graphic novels*, têm sido o seu paradeiro literário, além dos caminhos da não ficção e da tradução. Neles, verbal e visual coexistem. Tal fato pode ser observado em sua participação como organizador da revista norte-americana *McSweeney's* (2013), em sua edição 46, a qual contempla contos policiais produzidos por escritores latino-americanos contemporâneos. Outro exemplo da incursão texto-imagem re-

36 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, fev. 2015.

alizada pelo escritor está na publicação de *Cachalote* (2010), em coprodução com Rafael Coutinho. As histórias que compõem o livro são atravessadas por temas que envolvem os relacionamentos contemporâneos, como incomunicabilidade, solidão e sexualidade, bem como pela íntima relação entre vida e arte. Com a expressividade característica dos quadrinhos em preto e branco, os contrastes visuais de opostos que compartilham o mesmo espaço se infiltram pelo texto verbal, o qual se constitui como presença e ausência, ação e introspecção, percebidos nos silêncios, nos diálogos e nas faces das personagens.

Sobre o mar, meia dúzia de pássaros negros sobrevoavam a água, ora batendo asas ora planando, e de tempos em tempos um deles parava em pleno ar por uma fração de segundo e depois mergulhava em linha reta, furando a superfície do oceano como uma flecha. Um deles emergiu após alguns segundos com um peixe na boca e ficou boiando enquanto se dedicava ao complicado processo de engoli-lo, indiferente à chuva ou à violência das ondas. Mesmo agora, naquelas condições adversas, vendo-os em plena batalha por sobrevivência, desejava ser um daqueles pássaros, um desses seres tão indiferentes às intempéries, criaturas sem sentimentos para as quais não há amor nem apego. (GALERA, 2008, p.45)

Galera, após a publicação de *Dentes guardados* (2001), afirma-se na literatura brasileira com o romance *O dia em o cão morreu* (2003), adaptado para o cinema por Beto Brant e Renato Ciasca com o título de *Cão sem dono*. O romance seguinte, *Mãos de cavalo* (2006), publicado também em Portugal, na Itália, na Argentina e na França, traz à tona a persistência do autor quanto à presença de espaços dramáticos, à incidência do visual e do cinematográfico no corpo orgânico do romance e, em especial, ao questionamento desse gênero, que traz consigo a indagação identitária por meio de histórias e indivíduos que orbitam o mundo contemporâneo.

Cordilheira (2008), agraciado com o prêmio Machado de Assis de Romance pela Fundação Biblioteca Nacional e com Jabuti (terceiro lugar), possui como espaço fundamental a cidade de Buenos Aires e pode ser considerado um dos mais reconhecidos frutos do projeto Amores Expressos, da editora Companhia das Letras, a qual levou escritores brasileiros a diferentes partes do globo, a fim de transformar suas experiências de viagem em literatura. Mais do que isso, *Cordilheira* joga com as fronteiras entre realidade e arte, e como elas persistem em trajetórias individuais.

Seu romance mais recente, *Barba ensopada de Sangue* (2012), recebedor do Prêmio São Paulo de Literatura (2013), foi traduzido para diversos países, a exemplo de Inglaterra, França, Holanda e Espanha. O enredo ambientado em

Garopaba, litoral de Santa Catarina, entrelaça as histórias do avô e do neto, em uma busca incessante pela redescoberta de um passado perdido em meio a silêncios, a lendas cultivadas pela oralidade e ao esquecimento. Dessa busca, emerge o estranhamento frente a si e ao outro, à memória individual e coletiva.

Diziam que ele era capaz de passar dez minutos embaixo d'água sem respirar. Que o cachorro que o seguia por toda parte era imortal. Que tinha enfrentado dez nativos ao mesmo tempo numa briga com as mãos limpas e vencido. Que nadava à noite de praia em praia e era visto saindo do mar em lugares distantes. Que tinha matado gente e por isso era discreto e recolhido. Que oferecia ajuda a qualquer pessoa que fosse procurá-lo. Que tinha habitado aquelas praias desde sempre e para sempre habitaria. Mais do que uma ou duas pessoas disseram não acreditar que ele estivesse realmente morto. (GALERA, 2012, p. 9)

As experimentações literárias de Daniel Galera produzem, portanto, uma verdadeira travessia pelo complexo universo da contemporaneidade. Em texto e imagem, ora fazendo-se um elemento único, ora multiplicando-se e fragmentando-se infinitamente, o autor enriquece o sistema literário atual com seu caráter renovador, estabelecendo a fusão de gêneros e artes e desfazendo as fronteiras entre autor, obra e público leitor, para conquistar o mundo com uma literatura que repensa os seus próprios limites.



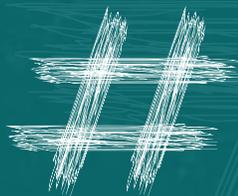
REFERÊNCIAS

GALERA, Daniel. *Entrevista ao Jornal Rascunho*. São Paulo: Paiol Literário, 2012. Disponível em: <https://rascunho.com.br/noticias/daniel-galera/>. Acesso em: 10 jun.2022.

GALERA, Daniel. *Barba ensopada de sangue*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

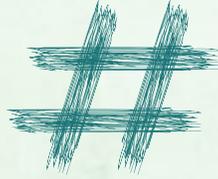
GALERA, Daniel. *Cordilheira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

Ana Paula
Maia
e a literatura
em meio digital



**No fim tudo o que
resta são os dentes.**

Ana Paula Maia



ANA PAULA MAIA E A LITERATURA EM MEIO DIGITAL³⁷

A literatura brasileira do século XXI pode ser considerada um laboratório experimental, onde mídias, artes, gêneros literários e não literários são interseccionados, formando, com esse *mix*, novas formas de composição escrita. Para isso, os meios digitais estabelecem suma importância em alguns casos, a exemplo da produção literária em folhetim que, depois de possuir um papel fundamental no sistema literário do século XIX, se renova entre leitores digitais.

Um interessante exemplo de como a literatura pode frutificar pelo espaço virtual é o da escritora Ana Paula Maia. Com o que a autora chama de folhetim pulp – a nos remeter ao universo Pulp Fiction, de Quentin Tarantino, e, muito antes disso, às revistas *noir* do início do século XX – a literatura contemporânea foi agraciada com o revigorar do gênero. Por meio desse novo formato, suas obras passaram a veicular em meio digital, capítulo a capítulo, em espaços do tipo *weblogs*. Dessa atitude pioneira, pela qual o folhetinesco passa de um gênero esquecido da literatura a uma forma de vanguarda, Maia tem a sua primeira obra virtual: *Entre rinhas de cachorro e porcos abatidos*. A narrativa, após ser lançada na Internet, foi publicada em livro homônimo, pela editora Record, em 2009, juntamente com a outra novela que compõe o livro, “O trabalho sujo dos outros”. Ambas as narrativas se somam à obra *Carvão animal* (2011), na chamada trilogia *A saga dos brutos*. Todas estão cobertas de um dos elementos centrais de sua produção literária: a violência. É por ela que a sua arte se torna janela, de onde enxergamos a animalização do ser humano, sem pudores ou cortinas, em uma poderosa escrita decolonizante, que parte de uma mulher negra nascida na periferia.

Um grito? Um protesto? Uma careta? Uma expressão “banana pra vocês”? Antes, Ana Paula Maia recria nuances do que pode ser péssimo na realidade e, artista que é, não oferece soluções, apenas aponta com o dedo, artisticamente, para o que todos sabem, conhecem, mas parecem não querer ver. Ela não faz denúncia, não é dessas bossas. Ela faz é obra de arte. (RASCUNHO, 2012)

37 Adaptado de Revista Evidência, Gravataí, ago. 2015.

O primeiro romance de Ana Paula Maia intitula-se *O habitante das falhas subterrâneas*, publicado em 2003 pela editora independente 7 Letras e ilustrado, em sua versão digital, pelo artista plástico e fotógrafo Felipe Stefani, a história de Ariel Esperanto é apresentada por meio de diferentes vozes narrativas, por incursões cinematográficas e, em especial, pelo subtexto *O apanhador no campo de centeio*, de J.D. Salinger, formando, em meio ao monólogo do narrador-protagonista, um todo complexo, que revela a crise do indivíduo contemporâneo em meio aos reflexos da era digital.

Tudo num avião é descartável. Em hotéis acontece o mesmo talvez seja por isso que tudo é tão pequeno tamanho econômico muito econômico. [...] Meu pai viaja frequentemente de avião e vive hospedado em algum hotel. Esse deve ser um dos motivos dele ser uma pessoa tão vazia e descartável na maior parte do tempo. [...] Tinha a sensação frustrante de que a vida é exatamente como uma viagem de avião: efêmera. Essa é a palavra correta quando se quer falar de coisas que começam e acabam rapidamente não dando nem tempo de você se acostumar nem nada. (MAIA, 2003, p.82)

A segunda incursão literária da autora é o romance noir *A guerra dos bastardos*, de 2007. Nessa obra, estão visíveis a plasticidade e a multiplicidade de perspectivas narrativas, por meio das quais diferentes histórias vão compor um todo-mosaico, cujo centro motivador é a cobrança de uma dívida. Mais uma vez, a ânsia por sobrevivência (des)orienta as personagens, as quais são expostas em seus desejos e crueldades. Já em 2011, a autora publica *Carvão animal*, obra em que questões identitárias emergem de situações extremas vividas pelas personagens nos espaços monocromáticos de Abalurdos. Trabalhadores de minas de carvão e bombeiros compõem esse cenário inóspito, pelo qual o ser humano vai se descobrindo, mesmo que as consequências de tal descoberta sejam devastadoras: “para atingir níveis profundos dentro da escuridão é preciso ter coragem de ir aonde ninguém quer ir.” (MAIA, 2011, p.72)

Outras obras tiveram destaque nos últimos anos. Em *De gados e homens* (2013), Maia retoma questões recorrentes em *Entre rinhas de cachorro e porcos abatidos*, como a brutalização humana. O cenário, contudo, é agora o matadouro, espaço simbólico pelo qual vida e morte se tingem de sangue, e o humano se reveste de sua própria animalização. Por uma inversão constante de papéis, a escritora desvela sem piedade misérias que assolam o ‘homem-animal’ na contemporaneidade. Os romances seguintes, *Assim na terra como embaixo da terra* (2017) e *Enterre seus mortos* (2018), obtiveram o Prêmio São Paulo de Literatura. Eles mantêm a preocupação decolonial observada na literatura da autora, bem como a representação da violência na sociedade contemporânea, vivi-

ficada por personagens constantemente assolados pela brutalidade e pela animalização. *De cada quinhentos uma alma*, publicado em 2021, segue nessa perspectiva de resistência literária, a qual só confirma a força encontrada na literatura produzida por mulheres no século XXI.

Somos instigados, quantos leitores, a revisitar o tempo presente pelo olhar que Ana Paula Maia direciona ao submundo social, revelando, face a face, violências características àqueles que, para sobreviver em um cenário de pobreza e deterioração, também se degradam. Cenas chocantes traduzem, em suas diferentes produções literárias, a perda das relações familiares e, de modo mais geral, afetivas – tradução esta que passa pelo uso de novos formatos de escrita, em especial os produzidos em meio digital.



REFERÊNCIAS

MAIA, Ana Paula. *O habitante das falhas subterrâneas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

MAIA, Ana Paula. *Carvão animal*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

RASCUNHO. *Muito está fora da ordem*. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://rascunho.com.br/noticias/muito-esta-fora-da-ordem>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ARTE-FINAL E DIAGRAMAÇÃO:

ARKLOM
IMAGINAR É DESPERTAR IDEIAS

Novo Hamburgo - RS - E-mail: imagine@arklom.com
www.arklom.com



A compilação de textos aqui presentes, realizada justamente no ano do centenário da Semana de Arte Moderna e do Bicentenário da Independência, provoca-nos a refletir sobre o legado artístico-cultural brasileiro na contemporaneidade. Revisita artistas que contemplam diferentes linguagens, mas que, enquanto ponto em comum, questionam, provocam, instigando-nos, como diz Vitor Ramil, a aprender a ver, em um processo permanente de seleção e deglutição, assimilação e crítica.

A trilha pelo caminho das artes, sejam literárias, musicais, visuais, cênicas, cinematográficas, proporciona novos olhares sobre a vida, interseccionando local e global, para extrair uma profunda percepção do mundo e do ser. Assim, os textos selecionados para a presente publicação intencionam agir como pequenas portas e janelas, pelas quais conseguimos ver o mundo sob diferentes perspectivas de representação. São textos modestos, de caráter introdutório, sempre breves e destituídos da linguagem e do padrão acadêmico. Que eles possam, de alguma forma, servir como o que Virginia Woolf chama de iluminações, fósforos acesos na escuridão, possibilitando a leitores, independentemente de sua experiência cultural e de seus conhecimentos prévios, um ponto de partida para suas incursões no território das artes.

